

**REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE
DE LETRAS 2019**
Nº 59 - ABR - JUN



REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS



Nº 59

NATAL, ABRIL/JUNHO - 2019.

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Publicação trimestral

Diretor: Manoel Onofre Jr.

Editor: Thiago Gonzaga

Diagramação e capa: Diolene Machado/ CJA Edições.

Arte da capa: Alfredo Neves

Catálogo na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – n.59
(mar. 1951 -). - Natal: Offset Editora, 1951 - .

Trimestral.

Número atual: 59, abr./jun.2019.

ISSN: 0567-5995

1. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-rio-grandense de
Letras. II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

SUMÁRIO

ARTIGOS E ENSAIOS

LEONARDO 500 - Diógenes da Cunha Lima	11
LEITURAS ANTIGAS - Ivan Maciel de Andrade.....	13
VIVA BALÁ! - Frederico Pernambucano de Mello.....	17
ROMANCE DE FÁTIMA MEDEIROS É LIBELO À OPRESSÃO DA MULHER - Nelson Patriota.....	19
IRMÃOS NA ARTE - Jurandyr Navarro.....	22
HUMBERTO HERMENEGILDO DE ARAÚJO: 40 ANOS DE LITERATURA - Thiago Gonzaga	27
AS LETRAS “K”, “W” E “Y” ESTÃO DE VOLTA À LÍNGUA PORTUGUESA? Roberto Lima de Souza.....	35
O CURIOSO E FLAMEJANTE COLORISTA - Francisco Martins	40
ANTÔNIO CALLADO - Valério Marinho de Andrade	46
SAUDADES DE AZNAVOUR - Padre João Medeiros Filho	51
NÍSIA FLORESTA E AS GRANDES FIGURAS DO “RISORGIMENTO ITALIANO” - Fernandes Marinho	53
OBRA INÉDITA CONTA A HISTÓRIA DA EMANCIPAÇÃO POLÍTICA DA MULHER NO RN - A PESQUISADORA MARIA BEZERRA DEIXOU IMPORTANTE LIVRO SOBRE O DIREITO DE VOTAR E DE SER VOTADA DAS MULHERES - Sheyla de Azevedo	71
RACHEL E PROUST: UMA PAIXÃO - Roberto da Silva.....	78



ÂNGELA ALMEIDA: RESSIGNIFICANDO O SERTÃO POR MEIO DA ARTE - Márcio de Lima Dantas.....	88
LOCALISMO - Leonardo Versieux.....	91
AS CANTIGAS DE SANTA MARIA – SÉC. XIII - João da Mata	94
VELÓRIO E ENTERRO SERTANEJOS - Benedito Vasconcelos Mendes	98
A CASA GRANDE - Eulália Duarte Barros	102
MULHERES E ACADEMIAS DE LETRAS - Carlos Roberto de Miranda Gomes	105

CONTOS E CRÔNICAS

MYRIAM DO CÉU - Vicente Serejo.....	115
O CIRCO - Eider Furtado	118
SEPARAÇÃO - Clauder Arcanjo.....	120
PORTUGAL: IMAGENS DISPERSAS - Manoel Onofre Jr. ...	124
O POEMA PERDIDO - Lívio Oliveira	127
TIA DONDOCA - Thiago Galdino	129
INVOLUÇÃO DA ESPÉCIE - Elder Heronildes	133

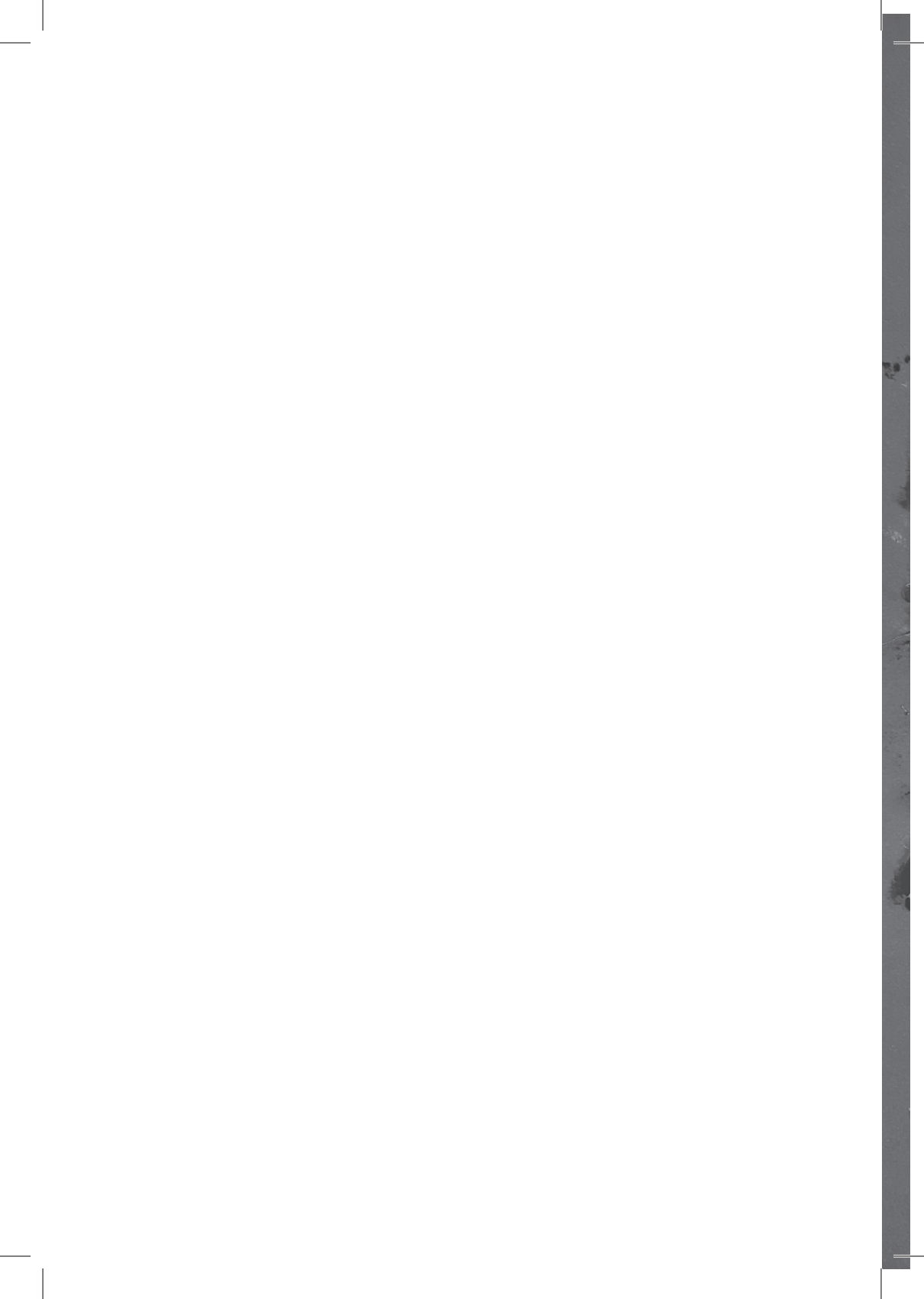
HUMOR NOSSO DE CADA DIA

MEMÓRIA POPULAR (FOLCLORE POLÍTICO E SOCIAL) Valério Mesquita	137
--	-----



POEMAS

SONETO - Jarbas Martins	147
DOIS POEMAS DE RACINE SANTOS.....	148
INSTANTÂNEOS - Horácio Paiva.....	151
TRÊS POEMAS DE IARA MARIA CARVALHO	153
SANGUE FRIO - Delfino Silva Neto	156
UM EQUILÍBRIO DELICADO - Diógenes da Cunha Lima..	157
VIDA EM BRANCO - Zélia Duncam.....	158





ARTIGOS E ENSAIOS

Alfredo Neves
2018



LEONARDO 500

Diogenes da Cunha Lima

Leonardo da Vinci (1452 – 1519) está em Parnamirim onde funcionava a “Cidade do Vaqueiro”. É obra do artista plástico de Ipueira Dalécio Damázio Mariz. A ideia de fazer o cavalo de Da Vinci, eu a tive em Milão quando li que a cidade havia contratado uma escultora japonesa, por 6 milhões de euros, para fazer a maior estátua equestre desenhada há cinco séculos. E o *cavallo* está em frente ao hipódromo local. Convidei Dalécio que me pediu todos os desenhos alusivos. A escultura, que mede um pouco mais de três metros de altura, é feita com ferro e cimento. Em beleza, não é inferior ao milanês.

Leonardo está, mesmo sem ser lembrado, em milhões de lares ao redor do mundo. São reproduções e recriações da “Última Ceia” que o gênio compôs para o convento de Santa Maria delle Grazie. Na verdade, ninguém consegue reproduzir a expressão fisionômica dos apóstolos ao saber da traição ao Mestre: amor, medo, surpresa, indignação. Nem o semblante superior e divino do Cristo.

Leonardo era mais que uma pessoa, era uma universidade. Pela vastidão e profundidade de conhecimento, pela investigação permanente, inventividade, transmissão do saber. Pela simbiose de ciência, arte, tecnologia. Tudo com a absoluta busca de exatidão porque entendia: “Não pode passar como ciência, se não passar por demonstração matemática”. E mais: “A sabedoria é filha da experiência”.

Ele, ícone da Renascença, estudou engenharia, arquitetura e urbanismo, botânica, geologia, cartografia, anatomia humana e animal, química, metalúrgica, mecânica, hidráulica, ótica, acústica. Não esqueceu filosofia, a arte da escrita, nem da poesia. A sua curiosidade intelectual era de tal nível que se dedicava a outros saberes e

fazerem. Concebia que “Pouco conhecimento faz as criaturas se sentirem orgulhosas. Muito conhecimento é que as torna humildes”.

Praticava a música, a cozinha, o fazer festivo. Teve fama a sua presença na taberna “Os Três Caracóis”. Em seguida, com seu amigo Sandro Botticelli, ele dirigiu um restaurante em Florença. Em Milão, foi nomeado pelo duque “Chefe de festejos e banquetes”.

Fui visitar Vinci, cidade onde ele nasceu, montanhosa e extremamente arborizada. Era filho ilegítimo do notário Pietro que o reconheceu. Lá, revelou o amor à natureza, estudando plantas, flores, pássaros. Tornou-se ecologista e amante da liberdade. Depois, chegou a comprar pássaros no mercado de aves, simplesmente, para abrir a gaiola e fazê-los livres.

Em Florença, cidade das flores, trabalhou num ateliê do famoso artista Verrocchio, ao lado de Perugino, Ghirlandaio, Botticelli. Colaborou com seu mestre desenhando, superiormente, o anjo que segurava a túnica de Jesus em “O Batismo de Cristo”.

Passou dezessete anos em Milão. Lá compôs a “Madona dos Rochedos” e a “Última Ceia”. Intensamente viveu sob a proteção do duque de Sforza. Escreveu esta lição: “Quem não ama a vida, não a merece”.

Quis saber dos últimos anos de sua vida em Amboise. Francisco I, o rei da França, garantiu-lhe elevada pensão e o Solar Clos Lucé. No quarto em que faleceu, há um quadro do rei amparando sua cabeça nos momentos finais. A lenda prova que ele merecia o carinho real.

DIOGENES DA CUNHA LIMA é poeta, escritor e advogado, autor de “Os Pássaros da Memória”, “Câmara Cascudo – Um Brasileiro Feliz” e outros livros. Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-reitor da UFRN e ex-presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.



LEITURAS ANTIGAS

Ivan Maciel de Andrade

Durante certo tempo, na minha adolescência, li Dostoiévski assiduamente e com passional interesse. Por isso mesmo, muito cedo na minha experiência de leitor de literatura vim a conhecer toda a obra de Dostoiévski traduzida para o português. E, ao lado disso, reuni o maior número possível de ensaios e críticas que me ajudassem a melhor compreender a técnica ficcional do autor de tantos romances geniais, que eu admirava ao ponto de não saber identificar em favor de qual deles se inclinava a minha preferência.

Acho que a leitura que mais me impressionou, de início, foi a do romance “Humilhados e ofendidos”, que não está situado entre as grandes obras de ficção de Dostoiévski. É até muito criticado pelo excesso de romantismo, por sua estrutura teatral, pelo artificialismo de alguns de seus personagens e por descambar a trama, em diversas passagens, para a pieguice e o melodrama. Está reconhecidamente muito longe de obras-primas como “Crime e castigo”, “Recordações da casa dos mortos”, “Os irmãos Karamázovi”, “O idiota”, “Os demônios”, que fizeram com que fosse qualificado de pré-histórico “todo romance predostoiievskiano”, segundo Otto Maria Carpeaux. Ainda assim, “Humilhados e ofendidos”, que já foi republicado em português com tradução diretamente do russo, continua a exercer um grande fascínio mesmo sobre leitores pouco familiarizados com a literatura do romancista russo. Talvez devido a seus apelos humanos e sociopolíticos.

Nunca esqueci alguns personagens desse romance: Natacha, dominada por paixões tão lúcidas quanto irracionais; Aliocha, fraco, contraditório, atormentado por estranhos sentimentos de culpa e Nelli, personagem complexa que já apresenta reais características dostoiievskianas. Há, ainda, Azorka, um cachorro que mais parece a duplicação de seu dono, pelas marcas que deixaram em ambos os



maus-tratos e a miséria a que foram relegados. Após a leitura, todos esses personagens passam a habitar o nosso imaginário.

No próprio título do livro, conforme destaca o prólogo da edição publicada pela Aguilar, está “subjacente uma implicação social e metafísica: a prepotência dos poderosos exercida sobre os fracos e desprotegidos”. Pois, afinal de contas, o livro contém histórias de pessoas indefesas e infelizes, vítimas de humilhações e ofensas praticadas por outras que dispõem de poder econômico e social.

O conhecimento da literatura russa continuou sendo a minha principal opção de leitura durante a fase de iniciação literária. Foi assim que, em certo momento, passei a viver novas experiências de leitor de ficção através de outro autor genial: Tolstói. O que fez com que eu me dedicasse ao prolongado alumbramento da leitura de “Guerra e Paz” e de “Ana Kariênina”, que constituem, como é ressabido, obras-primas que ocupam espaço sobranceiro na literatura universal de todos os tempos.

Mas quero destacar uma novela de Tolstói que de vez em quando releio. Devo recorrer, para tanto, ao crítico literário norte-americano Harold Bloom. Sabe-se que Bloom é um dos maiores especialistas em Shakespeare. O genial dramaturgo inglês que, segundo Bloom, inventou o humano, constitui para ele uma avassaladora obsessão literária. Afirma Bloom que somente lê os filósofos Hume e Wittgenstein para “pesquisar aforismos interessantes”, mas recorre a Shakespeare “em busca de verdade, força, beleza e, principalmente, de pessoas”.

Ora, Bloom equipara a novela Hadji Murat de Tolstói às tragédias shakespearianas. Considera essa pequena narrativa uma obra-prima tão perfeita quanto “Guerra e Paz” – o romance de Tolstói mais longo, rico de episódios, inesquecíveis personagens, tramas entrecruzadas, pormenorizada e veraz descrição de exércitos em plena batalha. Hadji Murat é, para Bloom, “o relato mais potente” que leu na vida. Por sinal, em “O cânone ocidental” (Objetiva, 1994), um dos livros mais famosos de Bloom, o elogio é mais completo: “Para

mim, a melhor história de ficção que já li”. Segundo Bloom, Hadji Murat é uma novela “tão estranha quanto a ‘Odisséia’ e tão familiar quanto Hemingway”.

Como observou Gorki, os personagens de Tolstói nos provocam uma sensação de existência física, “eles parecem estar diante de nós: dá até vontade de tocá-los com o dedo”. Em Hadji Murat todos os personagens nos passam essa sensação. Entramos na intimidade do tsar Nicolau I e ficamos conhecendo não apenas o interior das dependências de seu palácio, mas seus hábitos, os processos mentais que o conduzem às decisões, a sua personalidade abúlica e má e até mesmo o seu comportamento sexual. Somente através da narrativa, sem que Tolstói interfira com qualquer reflexão ou comentário. Isso acontece com praticamente todos os personagens centrais – ao todo, doze – que têm marcante e nítida individualidade. A história é verídica e atualíssima: a dominação da Rússia sobre a Chechênia, dividida pelas guerras tribais e rivalidades religiosas. No entanto, unida contra os invasores russos, que tentavam, como ainda tentam hoje, com seu potencial militar, esmagar os movimentos rebeldes dos montanhese do Cáucaso, liderados por míticos heróis.

No livro, existe um contraste entre duas mortes: a do soldado Avdiéiev, narrada de forma pungente, atordoante, em detalhes e a de Hadji Murat. Desta tomamos conhecimento através da cena em que as milícias tártaras, a serviço dos russos, aparecem com a sua cabeça decepada. Antes mesmo da descrição do combate em que ele enfrentou numerosa tropa inimiga. A resistência de Hadji Murat não tem componentes políticos ou metafísicos – é mera expressão de sua bravura.

É bom esclarecer que o título do livro nas obras completas de Tolstói da Nova Aguilar (1976) tem a grafia que adotei. Mas Bloom usa “Murad”. E, na tradução direta do russo de Boris Schnaidermann, a grafia, possivelmente a mais correta, é “Khadji-Murát” (Cultrix, 1986).

Questão irrelevante: novela ou romance? Na edição da Aguilar está relacionado entre os romances. Bloom o classifica como



novela, ao lado de outras obras de Tolstói que ficam entre o conto e o romance.

Por fim, *Hadji Murat* foi escrito na última fase de produção literária do escritor russo (entre 1896 e 1904). Ele o reescreveu inúmeras vezes. Há, então, versões diferentes e divergentes. A mais confiável (tudo indica) é a traduzida por Schnaidermann. O que importa mesmo é o poder de criação literária, atemporal, refratário a modismos estéticos, dessas cento e poucas páginas de pura arte ficcional.

IVAN MACIEL DE ANDRADE é escritor, Procurador aposentado, ex-Consultor Geral do Estado. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor dos livros “O Exílio das Palavras” e “Machado que Eu Li”



VIVA BALÁ!

Frederico Pernambucano de Mello

Duas notícias de mesma fonte, sobre o mesmo assunto, me desnortearam: a de que estava por vir um inédito de Paulo Balá e, passados dias, a de que o autor não resistira ao mal que o vinha acometendo. Contra o qual lutara como um chefe de grupo de Jesuíno Brillhante, é bom que se frise.

O portador de ambas as notícias, o médico Mauro Gurgel – que não se perca pelo sobrenome: um potiguar que tomou o Recife por menagem há décadas - foi o amigo que me reportou o avanço da doença do colega de ofício e o heroísmo deste, dividido entre Natal e São Paulo. Também o quanto a família o cercou de carinho até a hora derradeira, à frente Dona Zélia, tendo ao lado Flávia, Michaela, Cassiano e Julião.

Ao recolher a taboca do foguete soltado ao novo livro, não pude deixar de pensar que se ia com Balá o estilista ameno, alimentado por percepção aguda – clínica, alguém dirá com acerto - capaz de traduzir, mesmo para estranhos ao sertão do Nordeste, o que irmanava o Seridó de berço às demais manchas de caatinga que compõem o mosaico regional, como também o que distingue essa área de tanto fascínio das ribeiras irmãs desse e de estados vizinhos.

Não é fácil ser escritor reconhecido no Rio Grande do Norte, encontrando as portas abertas na Academia de Letras, como encontrou Balá. Para não falar dos que seguem na batalha, que são muitos e de valor, basta lembrar, listando pelas afinidades, dele e minhas, como pelo conteúdo etnográfico confiável, os dois Lamartine de Faria, pai e filho, Juvenal e Oswaldo - o Juvenal do livrinho precioso que soube ditar, já cego, intitulado *Velhos Costumes do Meu Sertão* – ou o Eloy de Souza, das *Memórias* vivíssimas, reeditadas por iniciativa de Rejane Cardoso e de Vicente Serejo, em muito boa hora;



ou o Olavo de Medeiros Filho, do *Velhas Famílias do Seridó*, estudo paciente, detido, minúcias de pesquisador alemão. E que dizer do imenso Cascudo?

Gustavo Barroso poetizou um dia que o silêncio no sertão é triste, mas que o som que venha a quebrar esse silêncio é mais triste do que o próprio silêncio. Balá sabia disso. O acariense de olhos e ouvidos abertos sabia tudo de sertão. Que venha o novo volume das *Cartas dos Sertões do Seridó!*

FREDERICO PERNAMBUCANO DE MELO. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife. Em 1988, foi eleito para a Academia Pernambucana de Letras (APL). É membro do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Foi procurador federal no Recife e, de 1972 a 1987, integrou a equipe do sociólogo Gilberto Freyre na Fundação Joaquim Nabuco. Dentre outros livros, é autor de *Guerreiros do Sol – violência e banditismo no Nordeste do Brasil*, *Estrelas de couro – a estética do cangaço e A guerra total de Canudos*



ROMANCE DE FÁTIMA MEDEIROS

É LIBELO À OPRESSÃO DA MULHER

Nelson Patriota

*Quem nos protege
Nos domina,
Pois sentir-se seguro
É cercar-se de cães
Mais ferozes que nós.*
Alberto da Cunha Melo

A exemplo dos sonhos da razão profetizados por Goya, os sonhos do patriarcalismo e seu séquito turbulento sob a égide do sexismo (machismo), do abuso e da tirania sobre a mulher são responsáveis por uma prole de monstros sociais “invisíveis”, pois em nome da segurança e do papel procriador da mulher foi firmado um pacto de silêncio em torno dos métodos e práticas abusivas que fervilham livremente em seu entorno. A onda de feminicídios – essa palavra com a qual mal começamos a nos acostumar e já nos impacta com sua letalidade – é só a ponta do iceberg de um problema de proporções desmedidas, razão pela qual foi justamente apropriada pela agenda do feminismo dos nossos dias.

E no entanto, o leitor não deparará uma única vez com a palavra feminismo neste romance de estreia de Fátima Medeiros e que leva, desde seu título, uma provocação familiar ao discurso feminista. De fato, a história que a autora oferece ao leitor não é uma obra engajada, isto é, politicamente comprometida com uma voga que por acaso perpassa os ares do tempo, empestecendo-o como um monturo a céu aberto.

Vale, contudo, como um libelo, apontando para um passivo social que precisa ser resgatado e encerrado, sob pena de prosseguir



em sua replicação de homens destituídos de limites; de mulheres atemorizadas e que findam por naturalizar a violência desmedida e sem controle incorporando-a às suas vidas, enquanto retarde o lampejo transformador da lucidez.

Se há feminismo em *Sertão de bem-querer e desamor*, será por vias transversas, ou melhor, indiretas, posto que a injustiça social prescinde de elucubrações e teorias. O cenário salta de imediato aos olhos: o interior do Nordeste de meados do século passado; os personagens, rústicos agricultores e criadores que, chegados à idade reprodutiva, se veem atraídos por moças que, mal chegadas à puberdade, são estimuladas a idealizar romance e acalentar projetos de emancipação. Disso resulta, no mais das vezes, a formação de uma família nos moldes daquela em que esses jovens varões e suas Julietas foram criados. A reprodução dos comportamentos de opressão por parte dos homens pouco a pouco começa a vir à tona. É uma lição que parece ter sido ministrada repetidamente.

Se ficássemos limitados a conjecturas de ordem sociológica, correríamos o risco de trair a matéria literária que compõe esse rico retrato do homem e da mulher nordestinos, seus vícios e virtudes, valores e crenças e, em especial, suas decepções e enganos. Ninguém se ajusta melhor a esse retrato que o personagem Tobias, quando visto em seus verdes anos de verdes sonhos, em contraste com o Tobias amargo, frustrado e derrotado no maior sonho de sua vida adulta. Mas essa é uma descoberta que o diligente leitor e a diligente leitura descobrirão, surpresos (e encantados com a magia da narrativa de Fátima Medeiros) pouco a pouco.

Tobias, um dos protagonistas deste romance, é um personagem tão real, digamos, como o Fabiano, de *Vidas Secas*, de mestre Graça, ou o machadiano Simão Bacamarte, da assombrada vila de Itaguaí, dois tipos animados pela ilusão de verem o mundo, quando é apenas o mundo que os vê fria e compulsivamente.

Mas é preciso atentar para a consorte de Tobias, a suave Berenice, com olhos turvos de sonhar demais, o que a arrasta a um

martírio sem remissão, como uma descendente longínqua, mas, no essencial, análoga à shakespeariana Desdêmona, sob o jugo de um tresloucado Otelo ou similar. Mas antes que esse tétrico desfecho desça as cortinas da história de Berenice, Fátima Medeiros fará brilhar a luz de sua heroína, contrastando ainda mais com o desfecho que a aguarda, cada dia mais proximamente.

Um destino tão ou mais cruel ameaça repetir-se na história de Lucilene e Abel. A síndrome de Desdêmona começa a rondar muito cedo a vida dessa moça interiorana. Os sofrimentos por que passa nas mãos do seu insidioso Romeu/Otelo, réplica tantas vezes espalhada por matas e grotões do Nordeste, por muito pouco não lhe arrebatam a vida. Como isso se dará, esta é uma descoberta que a curiosa leitora e o leitor não menos curioso descobrirão a seu tempo.

Outras personagens femininas que animam as páginas deste livro se defrontam, a certa altura de suas vidas, com o dilema de fazer uma escolha a fim de seguirem o que consideram como o curso natural da vida. Cada qual, escrevendo sua história entre o destino de Berenice e Lucilene.

De novo, há feminismo nas páginas de *Sertão de bem-querer e desamor?* Se, por feminismo, queremos dizer da luta muitas vezes solitária que uma mulher trava, tateante, num meio hostil, contra forças que lhe parecem muitas vezes superiores às suas, então este é um romance impregnado dos corolários mais extremados do feminismo contemporâneo. Melhor dizendo, é um romance que o feminismo brasileiro precisa conhecer a fim de enriquecer seu repertório de casos com narrativas oriundas dos vilarejos nordestinos, cujas cercas morais da opressão mal começam a ruir. Com atributos com tal potencial de impacto, não temos dúvida de que este livro calará fundo inclusive em leitores e leitoras situados em latitudes muito além da nossa estreita geografia.

NELSON PATRIOTA é poeta, escritor, crítico literário e jornalista, autor de “Tribulações de um Homem Chamado Silêncio” e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

IRMÃOS NA ARTE

Jurandyr Navarro

Não pertenço à nobre categoria dos entendidos em matéria de Arte, a escultura, a pintura, o desenho e derivativos, criadores de representações, as mais formosas.

Todavia, sinto por ela admiração.

A fascinação pelas belas artes provém do grau da humana sensibilidade.

Há telas em que o olhar não se detém; outras, porém, atraem curiosidade, a ponto de admirá-las.

A “Ceia Larga”, do genial, Leonardo da Vinci, exhibe-se um verdadeiro monumento da Pintura! Nela, é expressada a real sensibilidade artística.

No hino mostruário, de Robert Cummig, “Para entender da Arte”, diz o autor: vê-se, em esplendorosa imagem, a Mona Lisa, que está exposta no Museu do Louvre, em Paris, protegida, por um grosso vidro à prova de bala. O quadro é surpreendentemente pequeno, contudo, há quase quinhentos anos, a Mona Lisa vem inspirando poemas, canções, pinturas, culturas, romances, mitos... hoje em dia o seu rosto aparece em incontáveis anúncios comerciais, no mundo inteiro. Quando foi exibida, pela primeira vez, considerou-se que ela trouxe uma nova dimensão de realismo e veracidade à arte da Pintura”.

Declarou o artista e biógrafo, Giórgio Vasari, complementando: “A boca da Mona Lisa unida à coloração pelo vermelho dos lábios, parecia a de um ser vivo e não de uma pintura (...) Olhando para a garganta, se pode jurar que o sangue ali pulsava...”

É que o verdadeiro artista já nasce dotado com o dom específico, plantado no seu entendimento. O importante é despertá-lo, para que ele floresça para dar frutos admiráveis.

Aconteceu com Leonardo da Vinci, com sua Mona Lisa, na Pintura; com Fídias, burilando a estátua do Partenon, da deusa Atena, incrustada a mármore, marfim e ouro, na Escultura; e com Sóstrate, construindo o famoso Farol de Alexandria, considerado, à época, uma das Sete Maravilhas do Mundo, na Arquitetura.

Em nosso cenário artístico, chamaram a atenção as imaginárias criações fixadas em telas, pelos natalenses Zaíra Caldas e Abraham Palatnik, em exposições nacionais e internacionais. Autores de quadros memoráveis recebedores do unânime aplauso.

Ambos exibiram um feito diferenciado da grande maioria dessa prestigiada classe artística.

Abraham Palatnik, na arte, afeiçoa-se na pintura de “imagens em movimento”, outra modalidade exibida nesse cenário artístico.

Originário de Natal, aos quinze anos, (1943), foi a Tel Aviv para estudar pintura e desenho. Aos vinte e um ano de idade, iniciou pesquisas sobre os efeitos de luz e movimento, resultando nos “aparelhos cinecromáticos”.

Entendedor do assunto, assim ponderou Jayme Maurício: “O cinecromático condensa, em si, novas possibilidades na atividade artística, libertando o artista de uma fatalidade quase inevitável que é a limitação e redução da sua atividade às técnicas tradicionalmente conhecidas, e possibilita a realização concreta do problema do tempo, espaço, movimento e dinamismo”.

Por seu entendimento, assim se expressou Walmir Azala, crítico de arte, em relação a Abraham Palatnik: “Considerado um dos pioneiros da arte cinética no mundo, passou naturalmente do estado de mecânica dos motores de explosão, para a arte como um estágio natural da especulação científica”.

Abraham participou de várias exposições no Exterior, algumas delas em Natal e outras em regiões brasileiras.

Dessa data, ao presente, o seu nome sempre esteve em evidência no universal palco artístico.

Zaira inovou com o novo estilo, em nossas plagas, o chamado transfigurativismo, na pintura.

Estilo por ela explicado, ou seja, “a transformação de uma imagem em outra imagem com o poder de atingir a consciência mais profunda. Vai além da transfiguração porque transcende do artista por uma nova autonomia plástica, possibilitando ao expectador criar múltiplas formas metamorfoseadas em diversas dimensões, dependendo de como são vistas e sentidas”.

Trata-se de uma arte, segundo autores, de pura abstração.

De algum tempo, a trajetória artística vitoriosa de Zaíra Caldas, navegando no oceano da arte, oceano calmo, ou às vezes agitado, pelos misteriosos caprichos dos ventos da inspiração criadora. Seja qual for o estado d’alma, o artista continua a sua atividade, como que repetisse a frase de Pompeu, colocada na boca de Plutarco e que se repete há séculos “Navegar é necessário, viver que não é necessário”. Expõe a sua razão Plutarco: - “Mesmo vendo o vento impetuoso da procela, Pompeu não temeu o perigo: teria que conduzir a todo custo o trigo colhido à Roma, e exortou aos bravos marinheiros a enfrentar o mar ameaçado pela tormenta”. *“Navigare necesse este vivere non este necesse”*.

Conceituando o seu ideário artístico assim se expressou Zaira Caldas: “O que procuro é o princípio cósmico da vida. Em fragmentos sem definição; ousar uma estrutura de átomos numa tentativa de ir ao eterno, sabendo da impossibilidade de chegar. A absoluta forma da cor, numa sucessão pura de estética universal. Ir à luz, sem esquecer as trevas. Partindo das raízes, ir ao infinito absoluto, deixando um rastro de luz nas manchas vermelhas que caminham numa orgia sem glória, sem regras, obedecendo simplesmente os impulsos da imaginação. Fragmentos involuntários numa fundamentação do sagrado, e na terrível magia transgredida do absoluto. Tangível singularidade na recriação do universo. Uma invasão de



influências de elementos figurativos intencionais, que leva-me a outros símbolos, outros universos”.

Diante do exposto, rejubilem-se os amantes da beleza artística, que tiveram o grato ensejo de contemplar as maravilhosas telas de tão inspirada pintora.

Enquanto Zaíra Caldas evidenciou-se na pintura transfigurativista, Abraham Palatnik o fez na chamada arte cinética. Duas formas singulares da celebrada arte do mestre Leonardo da Vinci.

JURANDYR NAVARRO é escritor, autor de “Páginas de Verão” e outros livros; organizou a antologia do Padre Monte. Ex-presidente da Fundação José Augusto, Ex-presidente do IHGRN, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.





HUMBERTO HERMENEGILDO DE ARAÚJO:

40 ANOS DE LITERATURA.

Thiago Gonzaga

De tantas coisas que a região do Seridó tem para se orgulhar, além de sua história, cultura, culinária e seu povo, os seus escritores também são motivos de ufanismo. A região que reúne várias cidades, doou, e continua doando ao Estado importantes nomes da nossa literatura, no passado e no presente, basta lembrar de alguns que já se foram, como por exemplo, José Bezerra Gomes, José Gonçalves de Medeiros, Oswaldo Lamartine, Luís Carlos Guimarães, Paulo Bezerra, Moacyr Cirne, Zila Mamede (embora tenha nascido em Nova Palmeira, PB, era filha de pai caicoense, e teve primeira formação em Currais Novos), além de outros que, também, já se foram, e muitos que estão construindo uma carreira literária.

Seridoense nascido em Acari, Humberto Hermenegildo de Araújo, é autor de inúmeros livros, ensaios, artigos, e publicações na área de literatura, principalmente como pesquisador. Dedicou toda sua carreira ao ensino e à pesquisa, sobretudo como professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Especializou-se em áreas com temáticas como: moderna literatura brasileira, regionalismo, epistolografia, literatura e ensino, com ênfase no estudo da literatura local e regional.

Deu os primeiros passos, em público, como poeta, ainda na época da Faculdade de Letras, na UFRN, no final dos anos 70, publicando no jornal alternativo “Letreiro”, juntamente com alguns companheiros da geração que surgia no cenário das nossas letras, como por exemplo, a escritora Anchella Monte.

Também publicou no jornal-pôster “Dito e Feito”, em 1980, do Laboratório de Criatividade/ UFRN, além de ter poemas de sua autoria incluídos no livro *Grande Ponto*, lançado em

1981 pela Editora Universitária, espécie de coletânea de contos, poesias e ensaios, que reunia jovens estudantes e escritores mais experientes. No ano seguinte Humberto Hermenegildo de Araújo foi aprovado em concurso público para o corpo docente da UFRN como professor de Teoria da Literatura. Três anos depois, em 1985, já recebia homenagens da turma de alunos do Campus de Nova Cruz, como professor de destaque na área. Humberto Hermenegildo de Araújo graduou-se em Letras, na UFRN, no final dos anos 70, depois fez mestrado, em Teoria e História Literária, na UNICAMP, doutorado em Letras na UFPB, além de um pós-doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada, na FFLCH/USP.

Publicou diversos trabalhos sobre o modernismo no Rio Grande do Norte, com foco na poesia de Jorge Fernandes, além de estudos sobre Luís da Câmara Cascudo e vários outros autores, por exemplo, mais recentemente, em parceria com João Maria Palhano, publicou *Palmyra Wanderley – Entre Trinta Botões de Uma Roseira Brava : Estudo crítico e seleção de poemas*. (EDUFRN, 2018), livro sobre o qual escrevemos artigo para o Jornal de Fato.

“Num criterioso estudo, revelam-se novos e interessantes aspectos da obra em foco. Os pesquisadores se aprofundaram numa análise crítica, desnudando um dos livros de poemas mais famosos do Estado, e oferecem ao leitor uma verdadeira incursão pela poética de Palmyra, com alguns poemas selecionados junto ao ensaio crítico.

Situando-se entre a tradição de Auta de Souza e a modernidade de Jorge Fernandes, *Roseira Brava* faz de Palmyra, uma espécie de poeta de transição, o que é admitido pelos pesquisadores, ao constatarem, no estudo, numa perspectiva historiográfica, que a obra de Palmyra condensa os dois grandes movimentos da nossa poesia na terceira década do século passado.

Palmyra Wanderley – Entre Trinta Botões de Uma Roseira Brava : Estudo crítico e seleção de poemas homenageia a poeta natalense nos quarenta anos de sua morte, e a coloca no patamar que merece,



proporcionando sobretudo para a nova geração a possibilidade de conhecer a importância e o valor de Palmyra Wanderley, denominada por Agrippino Grieco “Cigarra dos Trópicos”.

Sobre o artista da palavra Humberto Hermenegildo de Araújo, tivemos oportunidade de discorrer em jornais, como o “Jornal de Fato” e “Tribuna do Norte”, no *blog* “Substantivo Plural” do jornalista Tácito Costa e no ‘Papo Cultura’ comandado pelo também jornalista Sérgio Villar. A respeito do seu livro de poesias escrevemos:

“De alguma forma o título da obra nos sugere uma relação com o linguajar sertanejo. Seria *Argueirinha* uma espécie de instrumento para tirar um argueiro preso nos olhos das pessoas? Seria uma sugestão para o leitor se despir de “pré-conceitos” para se aprofundar nos versos? Estaria o poeta sugerindo ao leitor, a retirada do cisco nos olhos da leitura? Como diz Milan Kundera: “Atravesso o presente de olhos vendados, mal podendo pressentir aquilo que estou vivendo... Só mais tarde, quando a venda é retirada, percebo o que foi vivido e compreendo o sentido do que se passou...”

Em 2015, *Argueirinha* foi vencedor do Prêmio de Poesia do concurso “Coleção Vertentes” da Universidade Federal de Goiás.

Relatos implícitos ou condensados nos versos, em muitas passagens nos lembram *Sertania* de Nivaldete Ferreira e *O Arado* de Zila Mamede. Vale salientar que outros poetas norte-rio-grandenses poetizaram as coisas do sertão, mas, apenas de forma teórica, como ouviram falar, diferente desses três poetas citados, que tiveram toda uma vivência no interior.

Transcrevemos a seguir um dos mais expressivos poemas de *Argueirinha*



PINTURA

Era uma casa de pedras:
gravuras nos paredões
na tinta encarnada, traços de feras
rascunhos de batalhas de outras eras.

Perto o riacho, leito de amores,
talvez um poço
talvez um caminho
talvez a pedra solta do destino

Era uma casa de sítio:
solidão profunda, estampa de ancestrais.

É bom lembrar que Humberto Hermenegildo de Araújo está incluso na nossa mais importante antologia poética organizada no século XX, por Assis Brasil, *A Poesia Norte-rio-grandense no Século XX* (Imago, 1998).

Sua estreia na ficção se deu também no século passado, publicando alguns contos no jornal “O Galo”; recentemente, publicou *Rastejo* (Editora Caravela, 2017) , sobre o qual escrevemos resenha para o jornal “Tribuna do Norte”.

“Eis que depois de anos reconhecido como pesquisador e professor, Humberto Hermenegildo de Araújo surge agora com uma obra de ficção, *Rastejo* (Caravela Selo Editorial, 2017), embora não seja iniciante na área das belas letras. Hermenegildo desde muito jovem trabalha com a arte da palavra, tem como já dissemos, poemas seus na coletânea “Grande Ponto”, do Laboratório de Criatividade da UFRN (1981), e consta na *A Poesia Norte-rio-grandense no Século XX*, de Assis Brasil (1998).

Neste seu novo livro, a narrativa condensa, proustianamente, impressões do autor, de quando mudou-se de sua Acari para a capital



do Estado, no início dos anos 1970. Ou seja, a narrativa é uma combinação de memórias e ficção. O título da obra – *Rastejo* - muito feliz, remete para o sertão assim como *Navegos* de Zila Mamede remete para o mar. Notamos que a narrativa não tem um ápice, um clímax à maneira das histórias tradicionais, mas demonstra a capacidade do autor de envolver o leitor numa atmosfera um tanto indefinida, onde aparentam se misturar realidade e ficção, com momentos intensamente poéticos. Tudo bem expresso até mesmo com requintes de linguagem e estilo, tornando a leitura extremamente prazerosa.

Como gênero literário, *Rastejo* nos parece ser uma novela. Claro que isso de gênero não importa muito, mas, nessa obra – vale ressaltar - não há grande variedade de temas, e a narrativa se atém ao personagem principal; o foco não é bem a história e sim o próprio narrador. Um ou outro personagem que aparece, cumpre apenas função coadjuvante. Não se trata, pois, de romance. Sabemos que o romance é a modalidade mais complexa da ficção, contém personagens em número muito maior do que o conto e a novela, e, normalmente, desenvolve múltiplas tramas paralelas. Porém, o que importa é que “*Rastejo*” tem alto valor. Basta observar o preciso cuidado com o manejo da palavra, o zelo pela linguagem, em alguns pontos fazendo lembrar Guimarães Rosa, tanta é a inventividade verbal, que o autor demonstra possuir”.

Escritor atento aos nossos valores, Humberto Hermenegildo de Araújo é um dos principais estudiosos da história do Modernismo no Rio Grande do Norte; Hermenegildo fez levantamentos de informações sobre as repercussões do movimento modernista no Estado, enfocando relações entre a nossa atividade literária e a vida cultural da região Nordeste nos anos 20, dentre outros aspectos. Além da publicação de livros, ensaios e artigos, o escritor acariense formou e orientou inúmeros alunos e pesquisadores que estudaram a literatura norte-rio-grandense, e foi um dos fundadores do Núcleo de Estudos Câmara Cascudo, na UFRN.

Recentemente a Editora Vento Norte publicou o livro, em formato cartonero, *Arredado Pé*, de Humberto Hermenegildo de Araújo, juntamente com outra obra, da poeta chilena, Elizabeth Cárdenas.

Abaixo uma pequena amostra dos poemas do livro no capítulo denominado “vida natalense”

CIDADE ALTA

I

Alta vida
Alto custo
Alta noite
Alta moda
Altos voos
Sonhos soltos.

Noite torta
Auta morta
Céu risonho.

II

Falha no asfalto
Beco tristonho
Lama e assalto
Sapatos gastos
Altas paradas
Sem divisão.

Antigas fitas
Do rio grande
Um grande ponto
De sonho vão.



ALECRIM

I

Terra fértil sem arado
Nascida no campo santo.

Baldo abaixo, além, riacho
Quintas lá do outro lado.

II

Nos muros cuidados
Aromas de ramos.

Mossa da cidade
Casa de epitáfios:
Exoticidade
De apercebidos.

RIO DAS QUINTAS

Um corte na pele
A passar nos sítios
A esfriar quenturas.

PRONTO
(em Natal)

Chove forte
Sol chegou
Agora eu vou.



FRATERNIDADE

De boas intenções
A rua anda cheia.

Só vejo nos livros
Partilha de pão.

Na rua capeia
A forma do não.

Ainda vale dizer que Humberto Hermenegildo de Araújo, organizou, em parceria com outros autores, diversas outras obras, fez dezenas de prefácios e orelhas de livros, participou de centenas de bate-papos, palestras, oficinas literárias e inúmeras bancas de defesa no Brasil inteiro, sendo uma das maiores referências na sua área de atuação.

Humberto Hermenegildo de Araújo foi eleito e tomou posse, em 2017, na cadeira número 2 da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Grande aquisição para a Casa de Câmara Cascudo.

THIAGO GONZAGA é escritor e pesquisador, mestre em estudos da linguagem (UFRN). Autor de “Presença do Negro na Literatura Potiguar”, “Os Grãos – Ensaio Sobre Literatura Potiguar Contemporânea” e outros livros.



AS LETRAS “K”, “W” E “Y” ESTÃO DE VOLTA À LÍNGUA PORTUGUESA?

Roberto Lima de Souza

Em 1990, sob uma chuva de polêmicas, foi firmado um acordo entre os membros da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), visando à uniformização ortográfica do idioma. Como membros da CPLP, participaram desse acordo os seguintes países: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe. Depois de idas e vindas, o acordo passou a vigorar obrigatoriamente no Brasil, a partir de janeiro de 2016.

Antes desse último Acordo Ortográfico, convivíamos persistíamos com dois sistemas ortográficos, ou seja, o Sistema Ortográfico Brasileiro e o Sistema Ortográfico Português. A convivência com esse decorreu do fato de o acordo de 1945 assinado entre Portugal e Brasil não ter alcançado o êxito esperado, porque o Brasil preferiu manter-se fiel ao acordo de 1943.

A respeito do “Novo Acordo Ortográfico”, teríamos inúmeras questões a considerar, mas vamos nos ater, aqui, a um fato particular que parece ter passado despercebido à maioria dos analistas do assunto. Refiro-me à inclusão do K, do W e do Y como letras do alfabeto da língua portuguesa, no contexto do aludido “Acordo Ortográfico”.

De início, convém lembrar rapidamente o sentido de “ortografia”, termo composto por dois elementos de origem grega: “orto”, prefixo, que significa “correto”, “direito”, “reto” e “grafia”, “escrita”. Chega-se assim, facilmente, ao que significa “ortografia”: “a correta grafia” da palavra. Até aqui, nihil novi... Estamos em águas límpidas, todos de acordo.

O processo construtivo da ortografia de uma língua, no entanto, percorre toda a história da sua formação e evolução. Do ponto de vista da norma culta, portanto, a ortografia é o tratado da

gramática normativa que rege a correta grafia das palavras considerando a sua etimologia, os processos de formação, as suas origens e a própria gramática histórica, considerando-se também – é claro – o estabelecido nos acordos ortográficos.

A etimologia nos mostra de onde provieram as palavras, os seus elementos constitutivos aos quais se devem ater os estudiosos para definir a sua grafia correta, observando a fidelidade histórica à sua origem. A própria gramática histórica nos revela algumas correções na grafia de certos vocábulos que foram feitas após uma revisão de sua etimologia diante de novas evidências. Naturalmente, por todo esse processo passaram quase todas as chamadas línguas cultas.

Algumas línguas modernas, por diversas razões, passaram a se preocupar com uma simplificação da escrita em especial a partir da primeira metade do século XX. Algumas dessas línguas, ao optar por um determinado sistema de simplificação ortográfica, foram abrindo mão gradativamente – umas mais que outras - de uma observância mais rígida à grafia etimológica. Em alguns idiomas, promoveu-se uma verdadeira ruptura cultural. Neste último caso, temos o exemplo do idioma italiano em que a própria palavra “homem”, diferentemente de todas as demais línguas românicas, passou a ser grafada “uomo”, ou seja, homem sem “h”.

Ao contrário do que se pensa, a língua portuguesa é uma das que mais sofreram simplificações ortográficas, não tanto como o italiano, mas um pouco mais que o espanhol. A maioria delas, que ocorreu em 1911, representou um distanciamento da grafia original de muitas das palavras da nossa herança clássica como “filosofia”, “física”, “química” e “ciência”, para ficarmos nesses poucos exemplos. No entanto, por uma fidelidade etimológica, o inglês e o francês, duas das línguas mais difundidas, mantiveram a ortografia clássica dessas palavras. E, assim, encontramos em tais línguas as seguintes grafias: “philosophy” e “philosophie”, “physics” e “physique”, “chemistry” e “chimie” e, finalmente, “science” iniciada com “sc”, por fidelidade ao termo latino “scientia”, originária do verbo “scire”, saber.



Claro que o português, o espanhol e o Italiano, seguiram a mesma tendência da “simplificação”. No entanto, simplificação gráfica mesmo tivemos, por exemplo, em palavras de grafia simples como “ditongo” que, antes daquela reforma, se escrevia – pasmem! – “diphthongo”. É que, em grego, existem duas letras para o som da letra “t” em português: o “θ” (theta) e “τ” (tau). Quando a palavra grega de origem é escrita com “theta”, em português era escrita com “th”, quando na origem a palavra é escrita com “tau”, em português, se escrevia com “t”.

Considere-se, contudo, que o princípio da “simplificação” adotado nas reformas ortográficas não elimina o critério da “observância etimológica”. Exemplo disso são encontrados em algumas regras adotadas para o emprego do “s” e não “z”. Palavras como “análise” (ανάλυση - Anályse) e “glossário” (de γλῶσσα – Glossa = língua), e tantas outras terminada em “ase” “ese” ise e “ose” de origem grega, são escritas com “s” porque, em sua origem, no grego, são escritas com sigma. O sigma, na forma minúscula, possui dois símbolos gráficos; “σ”, usado no meio da palavra, e “ς”, no final da palavra, como em “κρόνος”. (krónos = tempo).

Feita essa breve retomada histórica, vamos nos voltar agora para o foco central do nosso tema: A inclusão do K, do W e do Y como letras do alfabeto da língua portuguesa no contexto da chamada “Reforma Ortográfica”.

A letra “k” equivale à letra “κ” (kapa) em grego. A razão para grafar as palavras com K, em português, era a origem etimológica da grafia com a letra “κ” (kapa) em grego. Por exemplo, as palavras “quilômetro”, “quilograma” e “quilowatt”, todas elas têm o elemento comum de origem grega “kilo”, que significa “mil”, em grego. Quando aboliram a letra “k” do nosso alfabeto, a palavra “quilômetro” e as demais de igual prefixo, passaram a adotar dígrafo “qu”, para reproduzir o som de K, recurso que parece não ter sido uma simplificação. No entanto, para não ficarmos fora da comunidade mundial (científica, cultural e comercial), apesar de a mudança

ortográfica ter afetado essas palavras, mantivemos o K nas suas respectivas abreviaturas: Km, Kg, KW. O mesmo aconteceu com o italiano, que aboliu igualmente o kapa e adotou “ch” para a grafia de “chilometro” e das demais palavras com o mesmo prefixo. A língua espanhola, no entanto, embora tenha simplificado muito a sua ortografia, teve o bom senso de permanecer fiel ao K e manteve a grafia “kilómetro”. O inglês e o francês não se abalaram e permaneceram firme com “kilometer” e “kilomètre” até hoje.

O português, no entanto, permaneceu com “quilômetro”, mesmo com o retorno da letra “k” ao nosso alfabeto. Não houve, assim, qualquer reforma ortográfica em relação ao K, e perdemos a oportunidade e o bom senso de utilizarmos o mesmo argumento da “simplificação”, desta vez para uma grafia mais simples, mais fonética e observante do princípio da etimologia! As crianças, na escola, com certeza, iriam adorar aprender a escrever e a soletrar a palavra “ki-lô-me-tro”.

Com o retorno do K e também do W ao nosso alfabeto, no bojo do chamado “Acordo Ortográfico”, o poeta Diógenes da Cunha Lima, autor do “Alfabeto Ecológico”, que tivemos a satisfação de musicar, seguiu acertadamente o critério da etimologia e acrescentou ao seu “Alfabeto” o sugestivo poema “K de Kiwi” que virou igualmente letra que musicamos. Lamentavelmente, o dito “Acordo Ortográfico” desconsiderou tanto o princípio da simplificação quanto o critério da etimologia, e a palavra, no nosso dicionário, permanece “quiuí”, além de registrar também o estranho e inusual termo “quivi”. Se, de fato, o K e o W pertencessem ao alfabeto da língua portuguesa, poderíamos escrever em genuíno português, “kiwi” para designar a deliciosa fruta quiuí. E mais ainda, seguindo-se o princípio da simplificação, com a grafia “kiwi”, com K e W economizaríamos o acento gráfico sobre o “i” uma vez que deixaria de ser a segunda vogal o hiato tônico “u-i”.

A História da letra “y” na língua portuguesa é muito rica. Como em outras línguas cultas, o Y era empregado nas palavras de



origem grega e, além disso, também na grafia de palavras de origem indígena (tupi-guarani, por exemplo) e asiática. Assim é que eram grafadas, por exemplo, as palavras “análise”, “synthese, ypiranga, “poty”, “potyguar”, “kymono” e uma infinidade de tantas outras. Sabemos que o Y voltou a fazer parte do nosso alfabeto, mas sabemos também que não voltou à grafia das nossas palavras de origem grega, indígena e asiática.

A eliminação do Y (que os franceses chamam “i” grego), pela adoção da vogal “i” na grafia das palavras independentemente da sua origem grega ou latina representou, além de uma ruptura etimológica, muito mais uma uniformização do que uma simplificação.

Em suma, na formulação do “Acordo Ortográfico”, perdemos a oportunidade de definir mais precisamente o emprego das letras “k”, “w” e “y” sem a necessidade de aportuguesamentos “oficiosos”, em pleno mar de ninguém. Mas como nada disso foi feito, entendendo-se que tais letras são da língua portuguesa, parece até que se está autorizado a escrever sem-cerimoniosamente, em legítimo português, com ou sem aspas e sem itálico, palavras como “kibe”, “kombi”, “weekend”, “whatsapp”, “web”, “yes” e tantas outras... E assim, a “última flor do Lácio” continua “inculta e bela”!

Em conclusão, pode-se afirmar resumidamente que, em consequência do “Acordo Ortográfico”, as Letras “k”, “w” e “y” não voltaram propriamente a fazer parte do alfabeto da língua portuguesa, uma vez que não retornaram às palavras da nossa língua onde compunham as suas sílabas. Com respeito à grafia das palavras com essas letras, “tudo continua como dantes no quartel de Abrantes”. Deste modo, seja em Abrantes em Abrolhos ou em qualquer parte onde haja um lusófono, o K, o W e o Y são apenas letras agora oficialmente hospedadas no nosso alfabeto.

ROBERTO LIMA é poeta, escritor, músico e professor aposentado da UFRN. Autor de “O Quinto Anjo” e outros livros. Membro da Academia Norte-riograndense de Letras.

O CURIOSO E FLAMEJANTE COLORISTA

Francisco Martins

Quando uma pessoa se propõe a fazer algo para o qual não teve nenhum ensinamento afirmamos que ela é “curiosa”. Quero apresentar ao leitor a história de um homem “curioso” que marcou a nossa literatura e foi de grande importância na estrutura editorial deste país.

Suas atividades como “curioso” foram em vários campos da vida; em algumas teve sucesso, noutras não. Foi jornalista, tradutor, fazendeiro, escritor, editor, adido comercial brasileiro (em Nova York), político, desenhista, pintor, caricaturista e ilustrador. Além desses ofícios, a pessoa sobre a qual estou escrevendo teve sua graduação em Direito e foi promotor público. Viveu 66 anos, compreendidos entre 1882 a 1948.

Consegue o leitor já saber sobre quem escrevo? Nos textos espalhados por vários jornais e revistas da sua época, ele usou muitos pseudônimos, bem mais de vinte. Refiro-me a Monteiro Lobato e quero mais precisamente resgatar o lado, talvez o menos conhecido, das atividades de desenhista, pintor e ilustrador.





(O Minarete, em Belenzinho, São Paulo capital, onde morou quando estudante de Direito. Aquarela pintada por ele)

A vida de fazendeiro, aos vinte e seis anos de idade, dava ao homem Lobato tempo para se dedicar aos desenhos e aquarelas. Em 1908 ele escreveu para o amigo Godofredo Rangel:

Também pinto muito. Aquarelas como sempre. A razão de preferir a aquarela ao óleo é que com este sujo-me todo, inclusive a ponta do nariz. Vou mandar-te um mar. Vivo aqui entre montanhas e pois muito sem horizontes – e sempre com grandes saudades dos horizontes marinhos. E pinto mar como derivativo. Invento mares, aquarelas de mar...Invento mares para sentir o horizonte. O horizonte faz bem à alma (LOBATO, 1946, t.1, p.224).



Lobato sabia que para se tornar um bom desenhista era preciso praticar com constância: “Desenho é como piano, questão de exercício” dizia ele. E assim o fez. Sempre que podia enviava algumas ilustrações junto com as cartas remetidas para Rangel, e os desenhos tinham como tema as histórias dos contos que Lobato escrevia e até mesmo de textos da autoria de Rangel, como foi o caso de “Mãe”.

Prosseguiu o artista Lobato e em 1915 um artigo de uma revista feminina ousa adjetivá-lo de “flamante colorista”, o que o deixou muito feliz. Ainda na Fazenda Buquira(SP), no mês de maio de 1915 ele se dedicou às aquarelas e desenhos. Vejam o que escreveu para seu amigo Rangel: “*Todo este mês foi de desenho e aquarelas – com a literatura de castigo no canto.*” (LOBATO,1946, t. 2, p 31).

Esta prática de desenhar e pintar nunca foi aceita por Lobato como algo profissional; escreveu: “*Desenho e pinto como me coço, porque vem a coceira – mas só me coço portas a dentro, para mim mesmo*” (Idem, t.2, p. 60). O certo é que aos poucos ele foi vencendo a timidez e começou a mandar seus desenhos para algumas revistas, como, por exemplo, “Vida Moderna”, que publicou caricaturas.

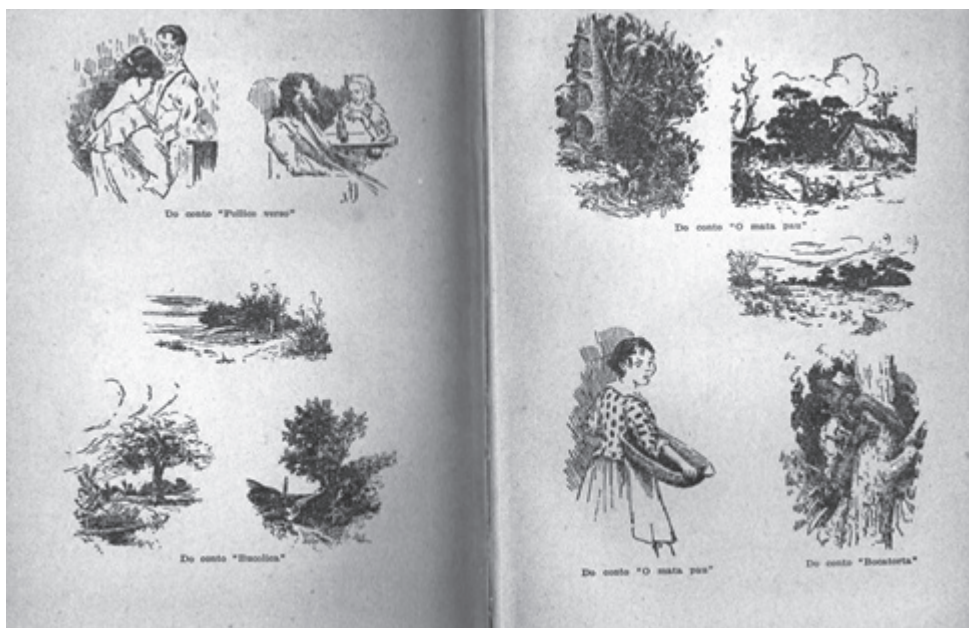


(Revista Vida Moderna - Ano XIII – Edição 309 – 12 de abril de 1917)

No final do ano de 1917 Lobato já está buscando aperfeiçoamento na arte de desenhar. Vamos encontrá-lo frequentando o curso Elpons-Zadig-Wash, em São Paulo, com aulas noturnas e isso já o encoraja a ilustrar o seu primeiro livro, que será marco da história editorial literária no Brasil.

Em 1918 Monteiro Lobato estreia como escritor, com o livro de contos *Urupês*. A primeira edição é de mil exemplares, calculada pelo autor para ser esgotada em três ou quatro anos, o que surpreendeu Lobato, pois todos os livros foram vendidos em uma semana. E é em *Urupês*, na primeira edição, que podemos ter o maior conjunto de ilustrações assinadas por ele: vinte e três desenhos.





É esta a face lobatiana que desejei compartilhar neste artigo. Um homem múltiplo, um herói civil, um apaixonado pela arte e sobretudo pela literatura.

Referências:

ROCHA, Ruth. MARANHÃO, Ricardo. LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato – Literatura Comentada**. São Paulo: Abril Educação, 1981.

LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**. 1 Tomo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1946.

_____. **A Barca de Gleyre**. 2 Tomo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1946.

_____. **Prefácios e Entrevistas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1946.

_____. **Urupês**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1946.

Desenho 1 . Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=189740&pesq=helio%20bruma> Visualizada em 6 de março 2019.

FRANCISCO MARTINS é escritor e pesquisador. Secretário Administrativo do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte. Autor de numerosos cordéis e livros, dentre eles “Canção do Canavial na Briosa Vila do Ceará Mirim” “Autores e Assuntos na Revista da ANRL - 1951 a 2018”.



ANTÔNIO CALLADO

Valério Marinho de Andrade

“Eu não sou um novo Costa Rego”

“Callado é tão inglês que não transpira no verão carioca”.

Nélson Rodrigues

Ser Redator-Chefe do Correio da Manhã era o clímax da carreira do jornalismo brasileiro. A partir do final de dezembro de 1953, quando por motivos de saúde Costa Rego licenciou-se do jornal, os holofotes da imprensa e do poder político estavam voltados para o mais influente jornal do País.

Por trás das portas de ferro do imponente edifício de seis andares da Av. Gomes Freire, 463, sabia-se que o sucessor do lendário Redator-Chefe seria um dos notáveis da redação. Entre os prováveis, Luís Alberto Bahia, sob vários aspectos, era quem mais se aproximava do estilo e do temperamento de Costa Rego. Porém, a escolha não seria da redação. Seria uma decisão pessoal de Paulo Bittencourt, o dono do jornal.

E o escolhido foi Antônio Callado.

A SUBSTITUIÇÃO TEMPORÁRIA – Costa Rego estava doente, mas não estava morto. E ele, mais do que qualquer outro, simbolizava o espírito e a continuidade do tipo de jornalismo criado em 1901 por Edmundo Bittencourt.

Por gratidão, Paulo Bittencourt optou por uma substituição temporária. Além disso, conservou o nome de Costa Rego no cabeçalho do jornal até 7 de julho de 1954, na edição que circulou com a notícia de sua morte.

Foi o próprio Paulo quem escreveu o artigo de despedida:



“(...) Seis meses vivemos numa angustiada expectativa, sem esperança. Já havíamos perdido o convívio de Costa Rego - e tantas vezes experimentamos o susto do desfecho, que ele finalmente veio, como se fora mais uma impressão de pesadelo, iguais às outras.

Hoje é o dia mais triste. Acontece muito nessas ocasiões que uma circunstância à toa, um gesto corriqueiro, desvenda, como num rasgão, a consciência plena da realidade. Hoje fizemos esse gesto: retiramos Costa Rego do cabeçalho deste jornal”.

A data também assinalou o final de uma Era iniciada em 1940 por Costa Rego e que começaria a ser substituída em julho de 1954.

A MISSAO IMPOSSÍVEL – Pelo perfil pessoal e profissional de Antônio Callado, podia-se antecipar o que iria acontecer: ele não seria um novo Costa Rego. No histórico comunicado sobre a substituição, Paulo sacramentou a opinião da Redação: “Antônio Callado não é seu sucessor. Costa Rego não poderia ter sucessor. Callado não saberia ser seu sucessor. Entre os dois não havia um traço comum. Origem, formação e geração, cultura, método e gostos – tudo diferente”.

Paulo Bittencourt também deixou transparecer o objetivo que o levou a optar por Callado: “Precisamente por isso, passado e futuro se fundirão na harmonia da tradição e da “ortografia” desta nossa Casa hoje enlutada”.

AS REVELAÇÕES DE CALLADO – Vale ressaltar que Costa Rego, como outros intelectuais do seu tempo, já a partir do idioma tinha a França como suprema referência cultural. Em relação ao jornalismo, o estilo americano ainda não havia chegado à redação do Correio da Manhã.

Depois de sua temporada londrina, em que trabalhou na célebre BBC, Antônio Callado, junto com uma esposa inglesa, voltou ao Rio de Janeiro em 1947 – ano em que entrou no seletivo grupo de editorialistas do Correio da Manhã, formado por nomes como Graciliano Ramos, Aurélio Buarque de Hollanda, Álvaro Lins, Otto Maria Carpeaux, Gondin da Fonseca, Franklin de Oliveira.

Além das diferenças enumeradas por Paulo, havia uma fundamental que distanciava o apaixonado Costa Rego do frio e pragmático Callado: a paixão pelo jornalismo. Para Costa Rego, o jornal era o seu segundo lar; para Callado, um bom emprego, um local em que se sentia bem, era respeitado, tinha bons amigos. Mas a sua real paixão era a literatura.

E qual a opinião dele sobre o seu antecessor?

“Costa Rego foi muito melhor Redator-Chefe do que eu. Não há nem o que comparar. Sua noção de autoridade era absoluta. Exerceu um tipo de chefia que eu nunca vi. Acreditava que a redação só funcionava (bem) porque ele comandava e cobrava. De difícil relacionamento, era um homem irritadiço”.

E poderia ter acrescentado: Ele intimidava até pessoas como o discreto Carlos Drummond de Andrade.

Quanto ao amor que Costa Rego tinha em excesso, este faltava a Callado: “Eu não tinha amor à direção do jornal. Gostava mesmo era de escrever”.

POR QUE CALLADO ACEITOU SER REDATOR-CHEFE? - Numa conversa informal, mas surpreendentemente franca, revelou: “Aceitei o convite de Paulo por uma questão salarial. Eu tinha vindo de Londres, casado, com filhos pequenos”.

E sobre a saída do jornal: “Deixei o Correio por causa da oferta feita pela Enciclopédia Britânica para dirigir a sua versão brasileira (a Enciclopédia Barsa). Somente aceitei o convite porque o salário era (muito) melhor”.

E, por último, a frase inimaginável na boca de Costa Rego ou de qualquer outro jornalista: “Me afastei do Correio da Manhã sem saudades da chefia da redação”.

MINHA VISÃO PESSOAL – Eu conheci Antônio Callado e posso atestar o que se dizia dele: era um gentleman. Por temperamento, talvez por ser mais londrino do que carioca, era cordial, mas, entre os colegas da redação, não conheci ninguém que privasse



de sua intimidade. Havia a separação da barreira emocional, cujo limite era o aperto de mão e o sorriso.

Ele não circulava pela redação. Estava sempre de passagem, e, quando parava, permanecia de pé. Se a imagem de Costa Rego estava associada ao temor, a dele impunha o respeito.

E também a admiração.

OS NOVOS TEMPOS – A singularidade do poder imperial de Costa Rego deixou de existir com a ascensão de Antônio Callado. Entre outras coisas, ele rompeu com tradições herdadas de Edmundo Bittencourt, na opinião dele “provincianas”, das quais a mais célebre era relação dos nomes impublicáveis, criada em 1912 e encabeçada pelo escritor Lima Barreto.

Ele “arejou” o enfoque do noticiário, tornando-o menos opinativo, menos partidário, diferentemente do predominante na escola francesa e mais próximo do adotado na grande imprensa americana.

O feito mais notável, até por ser impensável, foi a diluição da linguagem contundente do editorial e dos tópicos da sexta página. Deve ser ressaltado, contudo, que essa “moderação” estava em completo desacordo com o passado do jornal – e que voltaria a ser exercida na plenitude na campanha contra a construção de Brasília e no combate à política inflacionária do governo de JK.

OS BASTIDORES DA RENÚNCIA – No registro da memória do Correio da Manhã não há alusão – nem testemunho pessoal – de que a saída de Antônio Callado tenha sido consequência de um confronto com Paulo Bittencourt. Sobre o assunto, havia dois documentos históricos.

Em fevereiro de 1959, coerente com seu modo de ser e agir, Antônio Callado subiu ao quarto andar e entregou a carta a Paulo Bittencourt:

“Há cinco anos você me fez o convite mais honroso que um jornalista brasileiro poderia receber: o de ocupar a chefia da redação do Correio da Manhã. Diante da minha pronta aceitação, você observou que talvez não estivesse de acordo com isso (o cargo de



Redator-Chefe) o autor de peças e romances em que ia me transformando ao lado do jornalista.

Sua observação não me pareceu, na época, tão certa quanto a reconheço hoje. Talvez porque ainda estivesse Numa idade em que o tempo dá uma impressão de ser elástico, dócil a tudo que quisermos fazer.

Hoje, com sua advertência ainda clara em minha memória, venho restituir a você o comando que me confiou em 1954 (...) Faço a devolução antes da chegada de qualquer fadiga”.

A SUBSTITUIÇÃO TEMPORÁRIA – A demissão de Callado, segundo informou Paulo Bittencourt, foi acertada em clima harmônico e contou com a presença de um terceiro personagem: Luís Alberto Bahia.

Sobre a decisão de Callado, Paulo Bittencourt divulgou a seguinte nota: “(...) Ele o fez com seu jeito de sempre – direto, simples, fino, comedido. Apenas em um ponto formulo um “não apoiado” mental. Só se conhece de Callado um exagero – o de sua modéstia, e ela é a nota dominante de sua carta”.

A escolha do sucessor de Antônio Callado foi, sob muitos aspectos positivos, e nenhum negativo, a melhor que poderia ter sido feita. Sob comando geral de Luís Alberto Bahia, cujo estilo se assemelhava ao de Costa Rego, o Correio da Manhã viveria os seus últimos anos de glória, prestígio, credibilidade, respeitabilidade.

Por inesquecível coincidência, assisti como figurante da redação esse apogeu – e, lamentavelmente, também o começo da desconstrução do mais poderoso e melhor jornal que o Brasil já teve.

E a queda de Luís Alberto Bahia seria o começo do fim de algo impensável: a morte do Correio da Manhã.

VALÉRIO MARINHO DE ANDRADE – Jornalista profissional. Foi membro efetivo do Sindicato dos Jornalistas do Rio de Janeiro. Crítico de cinema e televisão. Fez resenhas literárias para o jornal O Globo e revista Manchete. Pertenceu ao quadro de colunistas do Correio da Manhã, Jornal do Brasil, O Globo, revista Visão. É membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.



SAUDADES DE AZNAVOUR

Padre João Medeiros Filho

No dia 22 de maio, faria 95 anos um dos grandes nomes da canção francesa. “*Estamos sempre apaixonados pelas pessoas que têm talento*”, disse numa de suas apresentações em Portugal, referindo-se à amiga Amália Rodrigues. Shahnour Vaghinagh Aznavourian era filho de imigrantes armênios, que o introduziram, desde a tenra idade, no mundo do teatro e da música. Segundo seus biógrafos, começou a atuar, aos nove anos e logo cedo adotou o nome artístico de Charles Aznavour. Revelou-se, quando Edith Piaf o ouviu cantar, considerando-o um romântico, quase lírico. É frequentemente descrito como o Frank Sinatra da França, exaltando principalmente o amor. Compôs inúmeras canções, gravou cerca de cem álbuns, vendeu milhões de discos e participou de sessenta filmes. Interpretava em francês, inglês, italiano, alemão, russo, armênio, espanhol e até português. Isso contribuiu para que se apresentasse no Carnegie Hall e em outras renomadas casas de espetáculos de diversos países.

Veio pela primeira vez ao Brasil a convite do então exarca armênio (bispo de uma diocese de rito oriental) de São Paulo, onde fez uma apresentação beneficente para as obras sociais daquele bispado, responsável pelos fiéis armênios residentes na América Latina. Ouvi-o certa feita na casa de um colega de estudos da Universidade de Louvain (Bélgica). Depois passei a escutar suas músicas para melhorar meu francês, com forte sotaque nordestino, motivo de risos dos amigos francófonos. Além de sua interpretação tocante, impressionava-me também a letra de suas canções. Quem esquecerá palavras como aquelas que compõem a clássica “*Hier Encore*” (Ainda ontem): “*Ignorando o passado, conjugando no futuro..., julgava que queria o melhor, ao criticar o mundo. Além de rugas no rosto e o medo do tédio... [estou sozinho, pois meus] amigos partiram e não voltarão jamais. [Assim] congelei meus sorrisos e choros. Onde estão agora meus vinte anos?*” A mensagem de sua poesia encantava a minha alma de jovem, distante da pátria. Como não ficar marcado com suas palavras: “*Alimentei tantas esperanças, que bateram*

asas, deixando-me perdido sem saber aonde ir. Os olhos procuram o Céu, mas o coração está preso na terra". Frases que emocionam ainda hoje este velho lente de latim, fazendo lembrar uma das odes de Horácio: "*Somos criaturas com os pés fincados na terra, mas os olhos voltados para o Infinito*".

De volta ao Brasil, em 1972, após minha segunda permanência na Bélgica, não perdi o contato com suas belas canções, graças ao professor Américo de Oliveira Costa, colega de magistério na Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza. Sabendo de meu interesse e conhecimento da língua de Bernanos e Mauriac (não profundo como o dele, mestre da Aliança Francesa), convidava-me para lancha em sua residência, ao som das canções francesas de: Brel, Aznavour, Juliette Gréco, Brassens, Piaf, Moustaki, Bécaud, Barrière, Barbara Brodi, Mireille Mathieu e outros, que habitavam sua rica discoteca. Apesar de circunspecto, doutor Américo ria de mim, ao cantarolar as músicas com o forte acento (jamais perdido) do interior potiguar. Continuo um sertanejo e, por mais que tenha convivido com outras culturas, não abdiquei das minhas origens simples e interioranas. Confesso que a beleza literária sempre me cativou e amei a Sagrada Escritura primeiramente pela dimensão poética dos Salmos.

A humildade de Charles Aznavour também me serve de exemplo. Certa feita, disse a um repórter: "*Sou um homem simples, não uma estrela. Gosto de encontrar pessoas que aprendam coisas novas com as outras*". E concluiu citando o salmista: "*Não ando à procura de grandezas, nem tenho pretensões ambiciosas*" (Sl 131/2, 1). Uma de suas faces marcantes era seu espírito humanitário e o amor ao próximo. Procurou seguir o que dissera Jesus Cristo: "*Recebestes de graça, dai de graça*" (Mt 10, 8). Desde o sismo de Spitak, em 1988, ajudava a pátria de seus ancestrais, através da Fundação Aznavour. Comenta-se que doara milhares de dólares para assistência e desenvolvimento da Armênia. Não falava sobre o assunto e a quem lhe perguntava, respondia com a frase do Evangelho: "*Que a tua mão esquerda não saiba o que faz a direita*" (Mt 6, 3).

JOÃO MEDEIROS FILHO é sacerdote católico, membro do Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Norte. Integrante da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, da Academia Mossoroense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.



NÍSIA FLORESTA E AS GRANDES FIGURAS DO “RISORGIMENTO ITALIANO”

Fernandes Marinho

INTRODUÇÃO

Nísia Floresta Brasileira Augusta, nascida no sítio “Floresta”, em Papari, atualmente município denominado Nísia Floresta, no Estado do Rio Grande do Norte, no dia 12 de outubro de 1810, é considerada por Oliveira Lima, *“a mais notável mulher de letras que o Brasil tem produzido, quer pela amplitude da visão, quer pela suavidade do estilo”*; *“Extraordinária imortalidade”*, por Nilo Pereira; *“Mulher extraordinária, talvez o mais elevado representante feminino do pensamento brasileiro, que impressionou o mundo com a cultura excepcional do seu espírito”*, para Braz Contente; *“A mais extraordinária figura feminina do continente americano”*, de acordo com Dioclécio Duarte.

Escritora, jornalista, poetisa, romancista, epistológrafa, memorialista, conferencista, educadora, enfermeira, indianista, abolicionista, republicana, propagadora da igualdade das províncias e das raças, pioneira das reivindicações políticas femininas no Brasil, iniciou a sua atividade literária na cidade do Recife (PE), continuando em Porto Alegre (RS), no Rio de Janeiro e em alguns países da Europa.

É autora de várias obras, entre as quais destacamos: Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens (Recife, 1832); Conselhos à Minha Filha (RJ, 1842); Daciz ou a Jovem Completa; Fany ou o Modelo das Donzelas; e Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta (RJ, 1847); A Lágrima de um Caeté (RJ, 1849); Dedicção de uma Amiga (Niterói, 1850); Pensamentos (RJ, 1851); Opúsculo Humanitário (RJ, 1853); Itinerário de uma Viagem à Alemanha (Paris, 1857); Scintille d’un’Anima Brasiliana (Florença, 1859); Trois Ans en Italie, suivis d’un Voyage en Grèce (2 volu-

mes, Paris, 1864 e 1872); Woman (Londres, 1865); Le Brésil (Paris, 1871); Fragments d'un Ouvrage Inédit - Notes Biographiques (Paris, 1872), além das inéditas: Inspirações Maternais (poesias) e Memórias de Minha Vida.

1. VIAGENS DE NÍSIA FLORESTA À EUROPA

Após se firmar no Brasil com as suas produções literárias e de cunho social, e após ter feito uma notável experiência pedagógica, durante 12 anos, no Colégio Augusto, por ela fundado no Rio de Janeiro, decidiu abrir a sua mente e o seu coração para as culturas do Velho Mundo, onde expandiu o seu humanismo e a sua vasta cultura, acumulada desde a mais tenra infância, quando, em Papari, de acordo com “O Cronista papariense”, em o “*Município de Papari - Crônica mensal*, de 01.09.1895”:

Na casa de sua residência, fez seus estudos literários, sendo lecionada pelo velho Manoel Mendes Leal, que por seus pais fora mandado vir da Paraíba do Norte; e cultivando com gosto o natural talento, pôde colher uma certa soma de erudição.

Desejosa ainda de saber, partiu para a corte do Rio de Janeiro, onde chegando deu logo a conhecer o seu elevado quilate intelectual, já colaborando em várias revistas literárias e científicas, já publicando obras poéticas, nas quais revelou-se artista de invejável mérito. [A República, 10.09.1895, p. 4].

Da capital do Império, partiu Nísia Floresta para a Europa, empreendendo três grandes e significativas viagens: a primeira, por mais de dois anos, de 1849 a 1852, visitando dois países: França e Portugal; a segunda, de 1856 a 1872, a mais longa, com duração



de 16 anos, visitando 9 países: França, Bélgica, Alemanha, Itália, Grécia, Suíça, Áustria, Inglaterra e Portugal; e a terceira, em 1875, com uma permanência na Europa, por mais de dez anos, visitando três países: Inglaterra, Portugal e França.

A França, berço e celeiro da melhor produção literária europeia do século XIX, era o país da sua predileção e onde residiu por mais de 17 anos, participando ativamente da vida cultural, em contato com nomes famosos na Filosofia, nas Ciências e nas Letras, como Augusto Comte, o filósofo fundador do Positivismo e o poeta francês Alphonse de Lamartine.

Deixando a França, por algum tempo, dirigiu-se para a Itália, começando sua viagem, no dia 19 de março de 1858 e concluindo-a no dia 1º de junho de 1861, perfazendo um total de 3 anos, 2 meses e 13 dias. Nísia Floresta visitou as seguintes cidades e localidades italianas: Gênova, Livorno, Pisa, Civitavecchia, Roma, Frascati, Tivoli, Nápoles, Cava, Pompeia, Sorrento, Vesúvio (vulcão), Florença, Sena, Pistoia, Bolonha, Ferrara, Pádua, Veneza, Verona, Mântua, Bréscia, Lago de Garda, Milão, Lago de Como, Pavia, Turim, Pignerolo, Lago Maior, Novara, Arona, Baveno, Gravellona, La Toccia, Vorganza, Domodossola, Isella, Susa, Turim, Polcevera, Palermo, Siracusa, Etna (vulcão), Catânia, Taormina, Messina, Nepi, Civitá Castellana, Otricoli, Nardi, Terni, Spoleto, Trevi, Foligno, Spello, Assis, Perúgia, Arezzo, Mondovi, Mombasílio, Savona e San Remo.

Sua cidade preferida era Florença, onde se demorou por mais tempo e sobre a qual deixou belas recordações:

Jamais, entrando em alguma das cidades que visitamos na Europa, nos sentimos tão bem-dispostos a amar. Esta notável cidade, que nos pintavam como sombria e entristecida pela construção de vários de seus edifícios enegrecidos e gradeados, alguns parecendo fortaleza, manifestou-se-nos, ao contrário, sob o mais sedutor aspecto, e produziu em nosso espírito a impressão mais favorável.



O povo florentino, que parece acolher com um sorriso benevolente os estrangeiros, o ar acariciante e embalsamado da cidade das flores, esta festa religiosa que coincidiu com o próprio dia de nossa chegada: mais que tudo isso, a sombra dos grandes gênios que esta terra produziu, e que parece-me identificar cada vez mais nestes lugares, onde deixaram uma marca inapagável, contribuem para esta agradável disposição de espírito em que nos encontramos, chegando a Florença. [Três Anos ..., I, 1998, p. 271/2].

Na despedida, Nísia compôs um poema à Florença, que fez questão de redigir na língua de Dante:

Ó! Entre todas as cidades da nobre Itália, a mais gentil! Ó! Pátria do maior poeta moderno, e de tantas sublimes inteligências que honram a humanidade! bela, artística Florença, recebe o doloroso adeus de um coração do novo mundo que se deliciou em respirar as doces áureas do teu sorridente céu. [Três Anos ..., II, [1872], p. 313/4].

O poema faz parte da interessante crônica de viagem intitulada “Trois Ans en Italie suivis d’un Voyage en Grèce”, publicada em Paris, em dois volumes, 1864 e [1872], na língua francesa que Nísia Floresta dominava perfeitamente. O primeiro volume já foi traduzido para o português pelo Professor Francisco das Chagas Pereira e publicado pela Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Natal, 1998; quanto ao segundo volume, está sendo preparada a tradução, pelo Monsenhor Francisco de Assis Pereira, da qual antecipamos alguns trechos, que citamos nesta nossa apresentação.

A crônica, numa linguagem viva e atrativa, aborda vários aspectos da Itália, como a natureza, as cidades, as artes, os costumes, a vida do povo.

A alma sensível de Nísia Floresta mergulhava na contemplação dessas maravilhas da natureza e da cultura secular desse país.



Por outro lado, em coerência com a sua formação intelectual, sua abertura para os problemas sociais e os seus ideais de liberdade, vivia intensamente o momento político que a Itália atravessava naquele ano de 1858. Com efeito, sua visita à Itália ocorria no auge da mobilização política, social e militar que sacudia toda a península, de Norte a Sul, com o suor e o sangue de tantos anônimos que tombavam nos campos de batalha. Essa mobilização nacional não teria acontecido sem a presença e a atuação dos chefes políticos e militares que conduziram o processo e levaram a bom termo a causa da unidade italiana. São os grandes heróis do “Risorgimento Italiano”: Carlos Alberto de Savóia, Vitor Emanuel II, Camilo Cavour, Giuseppe Garibaldi e Pio IX, cujo perfil humano e político Nísia Floresta traçou com maestria em sua crônica e que nós tentaremos analisar.

Não se pode transcurar também a opinião pública impulsionada pelos jornais, publicações diversas, bem como a contribuição do mundo artístico e literário. O compositor Giuseppe Verdi exibiu nos teatros a sua ópera Nabuco, composta em 1842, com o famoso coro “Va Pensiero” que, cantado entusiasmamente pela plateia, soava como hino oficial da unidade italiana. Entre os escritores se destaca Alessandro Manzoni (1785/1873), autor de “I Promessi Sposi” (Os noivos), que Nísia Floresta conheceu pessoalmente, visitando-o na sua vila, nos arredores de Milão. Dessa visita Nísia Floresta guardou esta lembrança:

Ele ficou muito tocado por nossa visita e pelo vivo interesse que lhe demonstrei pela regeneração da Itália. Como todos os dignos filhos desta nobre mãe oprimida, seu coração suspira pelo dia em que ela quebrará as cadeias que a prendem ainda ao despotismo estrangeiro no seu próprio solo! [Três Anos ..., II, [1872], p. 39].

2. VISÃO GERAL DA SITUAÇÃO ITALIANA

A Itália que Nísia Floresta visitou não era este grande país que

hoje conhecemos, mas uma justaposição de reinos, regiões autônomas e territórios ocupados por potências estrangeiras. O quadro político e geográfico era o seguinte:

1. Reino do Piemonte ou da Sardenha com a capital em Turim. Os reis do Piemonte eram da Casa de Savóia e na guerra de unificação, Carlos Alberto (1798/1849), que governou no período de 1831 a 1849 e Vítor Emanuel II, de 1849 a 1878.

2. Reino Lombardo-Vêneto com as duas cidades principais Milão e Veneza, submetido à Áustria. O governador austríaco era, em 1831, o Marechal Radetzky, e de 1857/1859, o Arquiduque Maximiliano, irmão do Imperador Francisco José, da Áustria e que se tornou, mais tarde, Imperador do México na malograda experiência que durou três anos (1864/1867). Morreu fuzilado no México, no dia 19.06.1867. Na visita que Nísia Floresta fez a Milão, em agosto de 1858, teve a oportunidade de ver o Arquiduque Maximiliano e sua esposa, a Princesa Carlota, numa cerimônia religiosa na Catedral de Milão. Ao contrário do Imperador Francisco José da Áustria, tido como usurpador, Maximiliano parecia mais tolerante, de acordo com as impressões de Nísia Floresta:

O arquiduque é um homem jovem e elegante, cuja fisionomia não revela nenhum traço de grande ambição, muito menos daquela arrogância que se poderia esperar de um irmão do usurpador desta região. [Três Anos ..., II, [1872], p. 44].

3. Reino das Duas Sicílias era formado por Nápoles, o Sul da Itália e a Sicília, com sede da monarquia dos Bourbons em Nápoles. No período da unificação italiana, os reis foram Fernando II (1830/1859) e Francisco II (1859/1860), o último dos Bourbons, destronado pelos “Mil” de Garibaldi, no mês de agosto.

4. Grão-Ducado de Toscana com sede em Florença. O último Grão-Duque, Leopoldo II (1797/1870), governou entre 1824 e 1859, sendo obrigado a exilar-se no dia 27 de abril.

5. Ducados de Parma e Módena sujeitos à Áustria. O Duque



de Parma era Carlos III e o de Módena, Francisco V.

6. O Estado Pontifício ou da Igreja ocupava o território da Itália Central, incluindo a capital Roma e as regiões Lácio, Úmbria, Marcas e Romanha, governado pelo Papa Pio IX, eleito no dia 21 de junho de 1846 e falecido no dia 07 de fevereiro de 1878. Durante o seu governo realizou-se a unificação italiana de 1848 a 1870.

A revolução que aconteceu na França, em 1848, desencadeou uma série de movimentos liberais em vários países da Europa. Na França foi derrubada a monarquia e instalada a República. Um dos membros da Junta Governativa Republicana era Alphonse de Lamartine (1790/1869), poeta e democrata liberal que se retirou da política depois do Golpe de Estado de Napoleão III (1851).

Nísia o encontrou em Paris, em 1856, visitando-o “*na sua residência situada em Madri no bosque de Boulogne.*” [Três Anos ..., II, [1872], p. 40].

Ao chegar à Itália, a escritora acompanhou de perto a revolução na península e vibrou com os patriotas italianos. Este movimento se processou em três etapas, conhecidas como Guerras da Independência, que abaixo resumimos:

I Guerra (1848/1849). O Império austríaco dominava a Lombardia e o Vêneto e outras regiões da Itália. Após a insurreição chamada dos “Cinco Dias”, que libertou a cidade de Milão da ocupação austríaca, Carlos Alberto, rei do Piemonte, declarou guerra à Áustria, em 1848. Mas os austríacos eram militarmente superiores: retomaram Milão e derrotaram Carlos Alberto, em Novara (24 de março de 1849), e o rei abdicou em favor do seu filho, Vitor Emanuel.

II Guerra (1859). Dez anos depois, Vitor Emanuel II enfrentou, novamente, a Áustria, mas, após uma longa preparação e, o que é mais importante, fazendo aliança com Napoleão III, Imperador da França. Depois de algumas batalhas bem sucedidas, Milão foi libertada. Enquanto isso, no Sul da Itália, Garibaldi, com a sua “expedição dos Mil”, invadiu a Sicília e Nápoles



e destronou o rei Francisco II. Assim, terminaram os dias do Reino das Duas Sicílias, que foi incorporado ao Piemonte. O mesmo aconteceu na Itália Central com os ducados da Toscana, Parma e Módena.

III Guerra (1856). Vitor Emanuel II fez aliança com a Prússia, que lutava contra a Áustria. A vitória da Prússia foi benéfica para a Itália que incorporou ao seu reino Veneza e a região do Vêneto.

O último ato da unificação italiana foi a tomada de Roma pelo exército de Vitor Emanuel II, no dia 20 de setembro de 1870, e a oficialização de Roma como capital do Reino da Itália.

3. NÍSIA FLORESTA E OS GRANDES HERÓIS DO “RISORGIMENTO”

a) CARLOS ALBERTO DE SAVÓIA (1798/1849)

Desde o ano de 1047, a Casa de Savóia “*donde saíram tantos príncipes notáveis*” [Três Anos ..., II, [1872], p. 66], governava o Piemonte, cuja capital é Turim.

Inicialmente, seus domínios se estendiam até à Savóia francesa e Carlos Alberto governou o Piemonte até 1849. Sua preocupação maior era a unificação italiana, dando os primeiros passos para isso com a guerra que declarou à Áustria. Desiludido pela derrota, no dia 24 de março de 1849, renunciou ao trono em favor do seu filho Vitor Emanuel e exilou-se voluntariamente em Portugal, falecendo pouco depois, na cidade do Porto, no dia 28 de julho.

Nísia Floresta não o conheceu pessoalmente, pois isto aconteceu 10 anos antes. Chegando em setembro de 1858 a Turim, por ela chamada “*sentinela avançada da liberdade na Itália*” [Três Anos ..., II, [1872], p. 62], Nísia lembrou os fatos do “*infortunado Carlos Alberto*” [Três Anos ..., II, [1872], p. 65], cujo túmulo visitou na Basílica de Superga, construída em 1731, pelo Rei Vitor Amadeu II, como Panteão ou Mausoléu dos Reis do Piemonte, deixando



registradas as seguintes impressões:

A presença dos restos deste nobre exilado às margens do rio Douro, a lembrança de suas últimas e infelizes lutas no solo italiano que a Providência não havia determinado que ele mesmo libertasse, e (enfim de sua morte na terra estrangeira, terra encantadora e hospitaleira), longe de seu filho e desta pátria que ele amava e para a qual não tinha podido lançar o seu último olhar, subjugaram por alguns instantes meu espírito e o deixaram numa profunda meditação ... [Três Anos ..., II, [1872], p. 72].

b) VITOR EMANUEL II (1820/1878)

O que Carlos Alberto não pôde realizar, o seu filho Vitor Emanuel II conseguiu levar a cabo com honra e dignidade. Vitor Emanuel II foi o grande impulsionador e realizador da unidade italiana, tendo governado por 28 anos, primeiro como Rei do Piemonte (1849/1861), depois como Rei da Itália Unificada (1861/1878). Assessorado pelo seu 1º Ministro Camilo Benso (Conde de Cavour), Vitor Emanuel II comandou pessoalmente uma série de campanhas e batalhas bem-sucedidas na II e na III guerras da Independência, anexando ao Reino do Piemonte as regiões conquistadas até ser proclamado Rei da Itália, no dia 17 de março de 1861.

Depois que o Grão-Ducado de Toscana foi anexado ao Piemonte, Vitor Emanuel II entrou triunfalmente em Florença. Nísia Floresta, que se encontrava na cidade, descreveu com entusiasmo a recepção ao Rei, consagrada em dez páginas de sua crônica “Trois Ans ...”. Nísia o cobriu de honras e de títulos que elencamos: “primeiro soldado da independência italiana” [Três Anos ..., II, [1872], p. 257 e 280]; “o rei gentil-homem” [Três Anos ..., II, [1872], p. 274]; “o rei bem-amado” [Três Anos ..., II, [1872], p. 275], “o rei guerreiro” [Três Anos ..., II, [1872], p. 277], “virtuoso soldado coroado” [Três Anos ..., II, [1872], p. 277]; “nobre e bravo representante da ilustre

e antiga casa de Savóia” [Três Anos ..., II, [1872], p. 277]; *“chefe supremo da guerra nacional”* [Três Anos ..., II, [1872], p. 278]; *“o rei soldado”* [Três Anos ..., II, [1872], p. 282]; *“o bom rei”* [Três Anos ..., II, [1872], p. 283.

c) **CAMILLO BENSO, Conde de Cavour** (1810/1861)

O grande político, estadista e articulador do governo de Vitor Emanuel II foi Camilo Benso, Conde de Cavour (1810/1861), 1º Ministro do Rei, sucedendo a Massimo d’Azeglio. A 20 de julho de 1858, Vitor Emanuel e Cavour firmaram com o Imperador da França Napoleão III uma aliança para enfrentar a Áustria, que teve como resultado uma série de vitórias contra o Império Austríaco, em 1859: Palestro, Magenta, Solferino e San Martino, e no dia 8 de junho o Imperador e o Rei entraram em Milão.

Apesar das vitórias, Napoleão III, sem combinar com o Piemonte, firmou, em Villafranca, um armistício com a Áustria, o que irritou profundamente Cavour, que pediu demissão. Depois voltou e permaneceu com Vitor Emanuel até a sua morte, no dia 6 de junho de 1861, pouco depois da proclamação de Vitor Emanuel como Rei da Itália.

Nísia Floresta faz ótimas referências a Cavour, como político:

O poderoso defensor da política nacional, o enérgico Conde de Cavour, este astro luminoso do horizonte italiano, ostentando com glória na Câmara e no Senado de Turim sua alta inteligência e o tato profundo que caracteriza o grande homem de Estado. [Três Anos ..., II, [1872], p. 149].

A respeito de Cavour como pessoa humana, diz Nísia: *“... nós tivemos a ocasião de apreciar de perto as maneiras distintas e a amável polidez do ilustre homem de estado, o Conde de Cavour.”* [Três Anos ..., II, [1872], p. 283].



d) **GIUSEPPE GARIBALDI** (1807/1882)

Uma figura muito controvertida do “Risorgimento” é, sem dúvida, Giuseppe Garibaldi, o herói guerrilheiro dos dois mundos. Amado por uns, detestado por outros, sua imagem despertava temor e esperança, aprovação e reprovação. Mantinha-se distante do poder, das conveniências sociais e dos acordos políticos. Preferia “*escutar mais os gritos de seus irmãos oprimidos*” [Três Anos ..., II, [1872], p. 283].

Nísia comungava perfeitamente com os ideais deste lutador singular que apresentava como

homem admirável que foi e que é ainda o símbolo vivo do amor à liberdade ... o defensor infatigável da nacionalidade italiana ... o bravo desprovido de todo interesse pessoal. [Três Anos ..., II, [1872], p. 284]

A este herói popular que não era “*nem um diplomata, nem uma forte cabeça política ... Ele é somente um grande coração e um braço corajoso voltados um e outro há mais de 30 anos à santa causa da liberdade*” [Três Anos ..., II, [1872], p. 291], Nísia dedicou nada menos do que 12 páginas de sua crônica “Trois Ans en Italie ...”.

Garibaldi esteve no Rio Grande do Sul e lutou ao lado de Bento Gonçalves de 1835 até 1840, na Guerra dos Farrapos, coincidindo mais ou menos com a permanência de Nísia em terras gaúchas (1832/1837).

Na Itália, lutou com os piemonteses na II Guerra da Independência. Em seguida, reuniu um grande número de voluntários (expedição dos Mil) para levar a guerra ao Sul da Itália, onde a Dinastia dos Bourbons governava o Reino das Duas Sicílias. Depois da vitória, Vitor Emanuel entrou triunfalmente em Nápoles. Nísia Floresta concluiu as suas reflexões sobre Garibaldi com estas palavras: *Deixemos à posteridade a verdadeira apreciação de um dos maiores corações de nossa época.* [Três Anos ..., II, [1872], p. 284].

e) **PIO IX** (1792/1878)

Na Galeria dos heróis do “Risorgimento” certamente não haveria lugar para o Papa Pio IX, que estava mais do lado oposto, isto é, da parte dos que se opunham à unificação, ao lado de Francisco José I, Imperador da Áustria, e do Rei Francisco II, de Nápoles. No entanto, a sua personalidade é tão forte e a sua influência tão decisiva nos acontecimentos da época, que vale a pena dedicar-lhe um pouco de espaço, sobretudo quando se sabe que um dos momentos mais marcantes da visita de Nísia Floresta à Itália foi a audiência com Pio IX.

Com os sucessos obtidos na Lombardia, Toscana, Nápoles, Veneza e em outros estados e a sua anexação ao Reino do Piemonte, a reunificação da Itália estava praticamente garantida, faltando apenas os Estados Pontifícios. O epílogo desta grande epopeia aconteceu com a entrada do exército piemontês em Roma, pela Porta Pia, no dia 20 de setembro de 1870. Não houve derramamento de sangue, pois o Papa se entregou pacificamente e ordenou que não houvesse resistência.

Pio IX e os seus sucessores se consideraram “prisioneiros do Vaticano”. Este impasse só foi resolvido 59 anos depois, em 1929, com o Tratado de Latrão.

A questão da invasão dos Estados Pontifícios era muito delicada, pois envolvia o Papa como Chefe da Igreja Católica, espalhada por todo o mundo, e como soberano de um território na Itália, há muitos séculos, reconhecido pelas nações. O Cardeal Mastai Ferretti foi eleito Papa, a 21 de junho de 1846 e escolheu o nome de Pio IX. Havia muitas esperanças de que o Papa seria mais aberto à unidade italiana e, na verdade, seus primeiros atos revelaram uma postura mais liberal, como a anistia concedida a 800 prisioneiros políticos e exilados. Quando o Piemonte declarou guerra à Áustria, em 1848, o Papa, pressionado pela opinião pública e por manifestações populares, consentiu em enviar para a guerra 17 mil homens entre voluntários e integrantes das tropas pontifícias. Houve uma reação negativa por parte dos conservadores e o Papa convocou um



consistório para debater a questão. O resultado foi uma declaração final, em que o Papa voltava atrás e dizia que, como Pastor Supremo da Igreja não podia declarar guerra a uma nação católica, como era a Áustria (Alocução do dia 29 de abril de 1848).

O Papa recusou também uma proposta apresentada por Gioberti, chamada programa “neo-guelfo”, pela qual a unidade italiana se faria através de uma Confederação de Estados sob a presidência do Papa.

Na sua visita a Roma, em abril de 1858, Nísia Floresta foi recebida por Pio IX, em audiência, no Vaticano, intermediada pelo ex-Núncio no Brasil, Dom Caetano Bedini, Arcebispo Titular de Thebae, depois Cardeal e Nísia cita-o sempre anonimamente como Arcebispo de “T”. Sobre esta iniciativa diz Nísia:

Qualquer que seja a veneração que o Sumo Pontífice sempre me tenha inspirado, ele que libertou oitocentos oprimidos, em 1848, para a grande causa da independência italiana, não tivera jamais a ideia de, vindo a Roma, procurar ser recebida por Sua Santidade” [Três Anos ..., II, [1872], p. 123].

Nísia Floresta conheceu Dom Caetano Bedini no Rio de Janeiro, numa visita que este fez ao Colégio Augusto para assistir os exames finais das alunas, realizados nos dias 17, 18, 19 e 20 de dezembro de 1846:

A presença do arcebispo de T, que encontramos em Roma, e que nos deu a mais gentil acolhida, desperta vivamente em meu espírito a lembrança de um desses quadros de que se destaca a esperança patriótica que, durante vinte anos, me ajudou a realizar a tarefa mais importante e difícil que eu me impus, tão jovem ainda, com os exclusivos recursos de minha frágil inteligência. Foi numa importante reunião, promovida outrora no Colé-

gio Augusto, no Rio de Janeiro, durante a realização dos últimos exames de literaturas e línguas estrangeiras a que, se submeteu bom número de moças, que tive ocasião de falar, pela primeira vez, com esse prelado, naquele tempo, Núncio Apostólico no Brasil. Convidado a assistir aos exames e emitir juízo, apressou-se em fazer-se presente com a afabilidade e o espírito distinto que o caracterizam na sociedade. Pareceu tão satisfeito quanto maravilhado, escutando recitar em sua harmoniosa língua materna belos trechos em prosa e verso dos melhores autores cujo gênio honra a bela e nobre Itália. Mas, sua surpresa chegou ao auge, quando uma menina, saindo do meio dos grupos de estudo, lhe lembrou as belezas da língua do doce Virgílio, declamando mais de uma centena de versos da Eneida e traduzindo literalmente algumas odes escolhidas de Horácio. [Três Anos ..., II, [1872], p. 123].

Embora avessa a formalidades (“*não me submeto a elas senão com esforço e quando espero ser útil ou agradável a alguém*”) [Três Anos ..., II, [1872], p. 123], Nísia Floresta penetrou naqueles salões suntuosos do Palácio Apostólico onde “*guardas e empregados em uniforme da casa papal transitavam apressados nas galerias e salas que atravessávamos*” [Três Anos ..., II, [1872], p. 122] e se sentiu pequena diante daquela grandiosidade:

Era verdadeiramente um espetáculo curioso ver-nos ali, vestidas de preto, véu à cabeça, sentadas em grandes poltronas vermelhas, emolduradas por enormes quadros pendentes das quatro paredes da sala e representando diversas cenas de que o Vaticano foi testemunha. [Três Anos ..., II, [1872], p. 122].

A figura serena do Papa causou em Nísia Floresta uma profunda impressão que a deixou completamente “*subjugada*”:



Seu olhar doce e calmo brilhava como um raio divino, à medida que falava. Eu me sentia subjugada sob a influência desse olhar, daquelas palavras que ele tirava da fonte da verdade suprema. Ali estava, realmente, o digno e venerável chefe da Igreja, o Pontífice reluzente da luz da caridade. Ali estava o verdadeiro e grande poder espiritual, mais capaz de convencer e mais digno de triunfar do que toda e qualquer outra potência mundana. [Três Anos ..., II, [1872], p. 125/6].

Mas Nísia não se deixava levar facilmente pela emoção e pelo deslumbramento. Quase voltando a si, depois daquele momento de enlevo, volta a ser aquela mulher crítica e atenta aos problemas do mundo, que sempre foi. Ela diz que gostaria de ter “*o mérito e a eloquência da mulher bíblica*”, para falar

a Pio IX a respeito do assunto mais importante que preocupa os espíritos italianos; teria, sobretudo, advogado em favor desse grande problema, que só ele pode resolver sem perturbação, reafirmando o império da Igreja através de uma medida sábia, que repugna aos interesses pessoais de um certo partido, mas que atrairia para ele as simpatias e as bênçãos dos povos! Bondoso e solidário como acabava de revelar-se, ele acolheria, talvez, as reclamações expressas por um coração que somente o amor da paz e do progresso, aliado à religião, guiaria nessa iniciativa. Mas minha fraca voz seria impotente para libertar seu espírito da influência do seu círculo de influências. [Três Anos ..., II, [1872], p. 126].

Pio IX faleceu no dia 7 de fevereiro de 1878, no Palácio Apostólico do Vaticano, onde se considerava prisioneiro. Um mês antes, a 9 de janeiro, morria o rei Vitor Emanuel II, no Palácio do Quirinal, que ele usurpara de Pio IX, em 1870, para torná-lo Palácio Real do Reino da Itália.

EPÍLOGO

Nísia Floresta se despediu da Itália, no dia 1º de junho de 1861, plenamente realizada e feliz, pois a obra de unificação do país já estava concluída e Vitor Emanuel II era Rei não só do Piemonte, mas de toda a Itália. Voltou para a sua amada França e continuou suas viagens pela Europa.

Em 1870, voltando da Alemanha, encontrou Paris convulsionada pela revolta popular conhecida como Comuna de Paris, que explodiu logo depois da derrota de Napoleão III, em Sedan, na Guerra Franco-Prussiana, no dia 2 de setembro.

Nísia Floresta descreve os horrores dessa rebelião no seu livro “Fragmentos de uma obra inédita - Notas Biográficas”:

Logo depois dos últimos excessos da Comuna, retornamos à infeliz capital e encontramos nossa casa bastante danificada, como todas as que estavam situadas no boulevard Saint-Michel, diante do jardim de Luxembourg, próximo da fábrica de pólvora, que explodiram.

Todas as janelas e as portas estavam quebradas, os móveis despedaçados, as paredes estragadas; foi-nos preciso esperar que tudo fosse reparado, e refugiamo-nos algures.

Mas isso não podia tocar-me na presença das grandes calamidades públicas, dos desastres terríveis que se ofereciam a meus olhos, após as batalhas fratricidas que devastaram e ensanguentaram a cidade e os arredores.

As numerosas ruínas do incêndio ainda fumegavam: os gemidos das vítimas sufocadas nas caves, onde elas se refugiaram, ainda ecoavam nos nossos ouvidos!



Cadáveres sepultados provisoriamente em diferentes pontos da cidade eram desenterrados, e percebíamos, aqui e ali, manchas de sangue.

Paris tinha por toda parte um aspecto lúgubre.

Meu coração estava consternado diante de tão grandes infelicidades que sofrera a França, sobretudo Paris, que era para mim como uma segunda Pátria! [Fragmentos ..., 2001, p. 35/6].

Em 1872 regressou ao Brasil, voltando à Europa em 1875, e, ainda traumatizada pelos acontecimentos de Paris, fixou residência em Rouen - Bonsecours, onde faleceu no dia 24 de abril de 1885.

Finalmente, trasladados ao seu torrão natal, foram os seus restos mortais recebidos, festivamente e em grandes homenagens, no cais da Base Naval de Natal, a bordo do Caça “Pirapiá”, da Marinha de Guerra do Brasil, no dia 11 de setembro de 1954, e desde o dia 12, repousam em terras do seu berço natal, hoje Nísia Floresta, numa justa homenagem dos seus conterrâneos.

BIBLIOGRAFIA

O CRONISTA papariense. *Município de Papari* - Crônica mensal: agosto [01.09.1895]. Natal: A República - Os Municípios: Apontamentos úteis, 10.09.1895, p. 4.

FLORESTA, Nísia. *Fragmentos de uma obra inédita: notas biográficas*. [Tradução por Nathalie Bernardo da Câmara, de “Fragments d’un Ouvrage Inédit - Notes Biographiques”. Paris: A. Chérié, Éditeur, 1878]. Anexo: Breve exposição do Hendecálogo e alguns artigos regulamentares da Episcopal Associação

Ensaio Philosophico oferecida a seus compartes nesta Associação por Joaquim Pinto Brazil, diretor permanente da mesma. Rio de Janeiro: Typ. do Diário, de N. L. Vianna, 1849. Brasília: UnB, 2001.

_____. *Três Anos na Itália seguidos de uma viagem à Grécia, I*. [Tradução por Francisco das Chagas Pereira, de *Trois ans en Italie, suivis d'un Voyage en Grèce, I*. Paris: E. Dentu, 1864]. Natal: EDUFRN - Editora da UFRN, 1998.

_____. *Trois ans en Italie, suivis d'un Voyage en Grèce, II*. Paris: E. Dentu, [1872]. [Tradução por Francisco de Assis Pereira].

*Trabalho elaborado por Francisco Fernandes Marinho e revisado pelo Monsenhor Francisco de Assis Pereira, Sócios Efetivos do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e Professores aposentados da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em homenagem ao Bicentenário do Nascimento de Nísia Floresta (1810/2010) e ao Sesquicentenário da Independência da Itália (1861/2011).



OBRA INÉDITA CONTA A HISTÓRIA DA EMANCIPAÇÃO POLÍTICA DA MULHER NO RN

A PESQUISADORA MARIA BEZERRA DEIXOU IMPORTANTE LIVRO
SOBRE O DIREITO DE VOTAR E DE SER VOTADA DAS MULHERES

Sheyla de Azevedo

O Rio Grande do Norte tem importantes mulheres que ajudaram a escrever a história da emancipação feminina no Brasil. Haja vista termos o orgulho de ostentar o primeiro voto feminino da América do Sul, realizado por Celina Guimarães, em Mossoró. Mas o direito ao voto não foi a única proeza na luta das mulheres por ocupar espaços públicos. Anos antes desse marco histórico, donas de casa com visão arrojada para a época abraçaram a causa sufragista no Brasil, liderada por Bertha Lutz, nos anos 1920, e além de eleitoras também ocuparam espaços no encabeçamento de chapas, tornando-se candidatas a cargos eletivos, como vereadoras e prefeitas. Muitos desses fatos históricos que compõem a luta por direitos femininos estão contados no livro *Emancipação Política da Mulher Potiguar*, da pesquisadora Maria Bezerra, no prelo, e que faz parte da Coleção Cultura Potiguar, da Fundação José Augusto (FJA).

Esse livro registra uma meticulosa pesquisa sobre os primórdios da emancipação política feminina do Estado, a partir dos anos 1920 até início dos anos 2000. A ideia partiu da professora doutora e ex-diretora geral da Fundação José Augusto, Isaura Rosado, mulher que já ocupou importantes cargos nas áreas de Educação e Cultura do Estado desde os anos 1980. Foi ela quem provocou a pesquisa à amiga e na época colega de trabalho, Maria Bezerra, falecida no início dos 2000 e que não teve a chance de ver sua obra editada e lançada. “Quis o destino que ela nos deixasse antes da publicação do livro, que traz esse recorte do espaço e tempo, porque quando pensamos nele, queríamos que ele chegasse até as portas

do terceiro milênio. *Emancipação Política da Mulher Potiguar* não é uma obra defasada na atualidade, ela é um registro histórico e retrata a carreira de algumas mulheres que, inclusive, continuam a inscrever seu nome na história política do Estado”, justifica Isaura Rosado em apresentação do livro.

Fato é que quem quiser conhecer a trajetória da emancipação feminina nos espaços públicos terá, obrigatoriamente, que conhecer essa obra. De Celina Guimarães a primeira eleitora à Alzira Soriano, a primeira prefeita eleita do Estado; à deputada estadual Maria do Céu Pereira e muitas outras histórias estão registradas nesse verdadeiro compêndio sobre a emancipação, dividido em relatos históricos e contados por familiares, verbetes explicativos e tabelas demográficas.

Muito se fala sobre os direitos das mulheres. Em pleno século XXI ainda há quem diga que é “*mi mi mi*” ou tente desqualificar a luta por direitos igualitários. Mas, o feminismo não é uma tentativa de desqualificar, diminuir ou subordinar os homens, tal qual faz o machismo com as mulheres. O feminismo é, sobretudo, a tentativa de tornar equânimes os direitos entre homens e mulheres. E, para que pessoas – principalmente mulheres – se coloquem na posição de ter direito à voz e a conquistas não só nos espaços públicos, como também nos privados, existiram mulheres desbravadoras.

Durante a redação desse livro, Maria Bezerra foi à cata de registros históricos, fotografias, recortes de jornal e relatos de familiares e até mesmo das protagonistas do livro. *Emancipação Política da Mulher Potiguar* joga luz a algumas dúvidas que pairavam sobre o primeiro voto. Todos sabem que foi Celina Guimarães. Entretanto, uma eleitora de Natal, Júlia Barbosa, brigava por essa supremacia.

Celina Guimarães ou Júlia Barbosa?

De acordo com o que Maria Bezerra apurou, ambas Celina Guimarães e Júlia Barbosa deram no mesmo dia o primeiro passo, no dia 25 de novembro de 1927 ambas em suas cidades se dirigem ao Cartório Eleitoral para fazerem suas inscrições. Porém, o pedido não encerrava o processo. Era só o início dele. E é aí onde o destino dessas duas moças



conta com uma ajudinha da ainda necessária celeridade da justiça. Anos depois, ao revolver os arquivos e livros de outros autores, Maria Bezerra traz à tona a verdade dos fatos, que nesse caso, contou com a sensibilidade do juiz de Mossoró, daquela época, Dr. Israel Ferreira Nunes.

Mas, antes de revelar o que aconteceu, vamos a um trecho do livro: “Segundo Cascudo Rodrigues, de 25 de novembro, quando Celina Guimarães se inscreve, até 5 de fevereiro de 1928, data da inscrição de Maria de Lourdes Lamartine, somavam 20 as eleitoras inscritas”, diz em trecho do livro, e segue concluindo: “Não importa se a ‘multidão’ era constituída de apenas 20 ou 200 mulheres. Importa a ressonância que a emenda à Lei n.º 660, concedendo o direito ao voto feminino teve no espírito das mulheres que ansiavam pelo exercício da cidadania política. E elas, fossem se habilitando para votar, fossem votando ou sendo votadas escreveram a primeira página da história da participação política da mulher na América do Sul”.

A polêmica sobre qual das duas, Celina Guimarães, em Mossoró, ou Júlia Barbosa, em Natal, teria sido a primeira eleitora do Brasil, é uma questão posterior ao centro dos acontecimentos naqueles dias. Tanto na capital do litoral, quanto na capital do oeste potiguar falava-se sobre a “primeira eleitora”. Em certo momento até mesmo um jornal de Mossoró, o “O Mossoroense”, em nota do dia 27 de novembro de 1927, chegara a admitir que aquela cidade estaria em segundo lugar no pleito para emancipar a primeira mulher eleitora. Vamos ao trecho:

“(...) E para esta finalidade, Mossoró com ser a cidade líder do seu Estado, não quis ficar indiferente ao gesto de Natal, que em dias anteriores alistou a sua primeira eleitora a prof. Júlia Barbosa, e também vem de alistar em data de anteontem a primeira eleitora do município a exma sra. D. Celina Guimarães Vianna, virtuosa esposa do nosso distinto amigo, Dr. Elyseu Vianna, a qual requereu ao Juízo da Comarca, a sua inclusão no quadro de eleitoras deste município”.

Entretanto, uma semana depois, o jornal volta atrás e traz para si a primazia em ter a primeira eleitora:

Mossoró Sempre na Vanguarda dos Grandes e Nobres Cometimentos

“Com a inclusão, no dia 25 de Novembro, do nome de D. Celina Guimarães Vianna, na lista de eleitores do Rio Grande do Norte, em virtude da lei nº 660 de 25 de Outubro último, sancionada pelo Exmo. Snr. Presidente do Estado, teve o Brasil a sua primeira eleitora, e erigiu Mossoró mais um padrão memorável na sua vida de município paladino de altas e avançadas iniciativas.

Na audiência eleitoral daquele dia, em que acorrera ao chamamento para o exercício dos direitos políticos a primeira mulher sul americana (porquanto dos 36 países do mundo que sufragam o voto primeiro só na América do Sul o Brasil agora iniciou), recebeu o Exmo. Snr. Dr. Israel Ferreira Nunes, Juiz de Direito interino da Comarca com a mais viva satisfação, e ali mesmo, após a verificação dos documentos comprobatórios com que requerera a sua qualificação de eleitora, exarou o seu jurídico despacho, mandando incluir o seu nome na lista geral de eleitores, felicitando, em seguida a iniciadora do movimento eleitoral feminino em nossa terra, no Brasil, na América do Sul.

“(...) A propósito desse fato muito honroso para todos nós mossoroenses, receberam D. Celina Vianna e seu esposo Dr. Elyseu Vianna, muitas felicitações, inclusive as dos Exmos. Srs. Drs. José Augusto, Juvenal Lamartine e Raphael Fernandes, pelos despachos telegráficos que se dignou nos autorizar a publicação. Ei-los: Dr Elyseu Vianna – Mossoró – Natal, 25 — Grato comunicação envio-lhe e a Dona Celina cordiais cumprimentos. – José Augusto – Presidente Estado.”

Vale registrar que o voto feminino no Rio Grande do Norte contou com importantes nomes masculinos no poder daquela época. O primeiro deles é o senador Juvenal Lamartine, quando lança, em abril de 1927, a sua Plataforma de Governo e nela constava a necessidade e emancipar politicamente as mulheres, incluindo-as no direito ao voto. Mas voltemos à polêmica, o assunto já se esgotara em Mossoró, mas ainda rendia comentários para Natal, conforme se vê nesta nota:



A Primeira Eleitora Sul-Americana

O Juiz de Direito da primeira vara da Capital do Rio Grande do Norte, Dr. Xavier Montenegro, em brilhante despacho proferido em petição da interessada, mandou incluir no alistamento eleitoral a senhorita Júlia Alves Barbosa, maior de 21 anos, filha legítima de Pedro Alves Barbosa, natural daquele Estado e professora de matemática da Escola Normal, da cidade de Natal. É portanto a senhorita Júlia Barbosa a primeira mulher eleitora da América do Sul. (Diário Popular – de São Paulo – 03/01/28).

Maria Bezerra recorre aos escritos do professor João Batista Cascudo, em seu “Mulher Brasileira, Direitos Políticos e Civis” (Imprensa Universitária do Ceará, 1962) para esclarecer os fatos. E assim ela escreve: “Se ambos os despachos – o do Juiz de Mossoró, Dr. Israel Ferreira Nunes e o de Natal, Dr. Manuel Xavier C. Montenegro, eram datados de 25 de Novembro de 1927, por que tanto os jornais de um como do outro município, falam de Celina Guimarães e de Júlia Barbosa, como suas primeiras eleitoras? Depois de pesquisar nos jornais desse tempo, Cascudo chega à conclusão que é na rapidez com que o juiz mossoroense, ‘ali mesmo, após a verificação dos documentos comprobatórios com que requerera a sua qualificação de eleitora, exarou o seu jurídico despacho, mandando incluir o seu nome na lista geral dos eleitores, felicitando, em seguida, a iniciadora do movimento eleitoral feminino em nossa terra, no Brasil, na América do Sul’. É justamente na rapidez da solicitação e do despacho, que o Prof. Cascudo Rodrigues se respalda para conferir à Celina Guimarães a prioridade histórica de ser a primeira mulher do Continente Sul Americano habilitada a votar. Reforça, ainda, a sua argumentação em prol do pioneirismo de Celina Guimarães, quando analisa o fato do despacho de Júlia Barbosa, embora datado de 25/11, como o de Celina Guimarães, só ter sido publicado 6 dias depois; enquanto o de Celina o foi no mesmo dia e na parte da manhã. O detalhe do turno do alistamento mossoroense já seria prova suficiente. Estudando-se os dois despachos, verifica-se que o requerimento de Celina Guimarães – em Mossoró - recebeu do Juiz precisas 18 palavras: *Tendo a reque-*

rente satisfeito as exigências da lei para ser eleitor, mando que inclua-se na lista de eleitores”. – Mossoró, 25 de Novembro de 1927 – Israel Ferreira Nunes”. E assim é despachada a petição de Celina Guimarães, enquanto a sentença despachando a petição de Júlia Barbosa tem cerca de duas mil palavras, nas quais o juiz discute “a capacidade ou incapacidade da mulher em relação ao direito do voto; da oportunidade ou inoportunidade da concessão; da constitucionalidade ou inconstitucionalidade do voto feminino”.

Maria Bezerra registra em seu livro a vinda ao Rio Grande do Norte da grande líder do movimento sufragista no Brasil, Bertha Lutz, ativista feminista, bióloga e política brasileira, paulista, nascida em 2 de agosto de 1894, em São Paulo e falecida em 16 de setembro de 1976, no Rio de Janeiro. O movimento pela emancipação feminina contou com um importante político do Rio Grande do Norte. À época, senador e depois governador, Juvenal Lamartine. E ele se aproximou de Bertha Lutz, conheceu suas ideias e os motivos de sua luta pelos direitos da mulher. Sendo assim, “tornou-se um defensor da causa, granjeando a simpatia e admiração femininas, assim como a preferência dos chargistas da época, que o apresentava, como um ‘poeta’ interessado no voto e nas “pequenas”. A verdade é que Juvenal Lamartine, proclamando-se Feminista, se faz instrumento de “justiça às mulheres”, pela qual clamava Nísia Floresta, a protofeminista do Rio Grande do Norte. Em abril de 1927, ao lançar sua Plataforma de Governo havia a clara defesa do voto feminino (fosse no dia votar, quanto no de ser votada), formalmente apresentada.

E ele não estava sozinho. A autora cita em seu livro os “Três Cavalheiros do Feminismo”, afora Juvenal Lamartine, o juiz José Augusto Bezerra de Medeiros, e o político Adauto Miranda Raposo da Câmara, deputado estadual, líder do Governo que apresentou a emenda ao Código Eleitoral (atendendo pedido do senador Juvenal Lamartine) que concedia à mulher pugnar o direito de votar e ser votada.

O livro ainda inédito de Maria Bezerra, quase 20 anos após ser escrito, trata além da luta inicial feminista, das relações estabeleci-



das entre Bertha Lutz e seu encontro com Alzira Soriano, uma mulher corajosa que sob orientação de Lutz ajudou a fundar a Associação de Eleitoras do Rio Grande do Norte e os desdobramentos que fizeram de Alzira, a primeira prefeita do Brasil e da América do Sul, na cidade de Lajes; o livro também reserva registro sobre as demais vereadoras eleitas e o “doce” tirado de suas bocas com a proibição de exercerem seus cargos nas eleições de 1928; a nacionalização do voto através da promulgação da Constituição Federal de 1934, o que permitiu a volta das Mulheres ao Poder; em outra parte do livro, a pesquisadora dedica-se a apresentar a presença feminina no Poder Local, na Assembleia Legislativa Estadual e na Câmara Federal e por fim, trata do movimento de ampliação da participação feminina nos centros de decisões, das comemorações do Centenário de Alzira Soriano e do I Encontro de Vereadoras do Rio Grande do Norte; bem como também apresenta verbetes das mulheres que ocuparam cargos eletivos, das mais ilustres desconhecidas ou restritas a lideranças locais, àquelas desbravadoras como dona Wilma de Faria que veio a se tornar a primeira governadora do Estado, bem como também registra a carreira da então deputada estadual e atual e única governadora eleita no Brasil nas últimas eleições, Fátima Bezerra.

Emancipação Política da Mulher Potiguar, assim como diz a própria autora sobre a Campanha Feminista no Rio Grande do Norte, nos anos 1920, não tem apelos “revolucionários ou contestatórios”. Mas nem por isso não deixa de ser um marco na luta por direitos. É um livro de importância ímpar porque resgata a história da emancipação política e coloca em protagonismo – sob certa medida – todas as mulheres que ocuparam cargos eletivos dos anos 1930 até o início do século XXI e que Maria Bezerra em sua abnegada busca conseguiu compilar e registrar em suas mais de 500 páginas.

SHEYLA AZEVEDO é escritora e jornalista. Trabalhou em diversos veículos de comunicação como, Diário de Natal, Novo Jornal, Tribuna do Norte e em assessorias de comunicação e imprensa política durante muitos anos. É autora do ensaio biográfico, “Navarro - um anjo feito sereno”,

RACHEL E PROUST: UMA PAIXÃO

Roberto da Silva

Em certa noite carioca no fim dos anos 40 ou início dos 50, duas moças chegavam, para um jantar, à casa de D. Maria do Carmo Carvalho Cesário Alvim. Eram amigas e colegas do curso de Direito da PUC. Uma delas, Thereza Maria¹, filha de D. Maria do Carmo, apresentou a convidada ao marido de Maria Amélia, sua irmã mais velha:

– Esta é minha amiga Rachel²!

1 Thereza Maria Carvalho Cesário Alvim Zarvos (1931-1995), carioca, advogada e jornalista. Atuou em *A Última Hora*, no qual foi crítica de teatro e colunista política, no *Correio da Manhã*, n' *O Estado de S. Paulo*, na revista *Senhor* e colaborou em várias publicações ao longo dos anos. Criou, nos anos 70, o jornal feminista *Folha de Eva*, que teve apenas cinco números. É organizadora de *O golpe de 1964: a Imprensa disse não* (1979).

2 Rachel Jardim (1926), mineira de Juiz de Fora, passou a adolescência em Guaratinguetá, SP, e mora no Rio desde 1943. É autora de *Os anos 40: a ficção e o real de uma época* (1973), *Cheiros e ruídos – Estórias* (1975), *Vazio pleno: relatório do cotidiano* (1976), *Inventário das cinzas* (1980), *A cristaleira invisível* (1982), *O penhoar chinês* (1985), *Num reino à beira do rio: um caderno poético – Murilo Mendes* (2004), em parceria com Alexei Bueno, todos, à exceção de *Vazio pleno*, com reedições. Textos seus foram incluídos nas antologias: *Mulheres e mulheres* (1978), *O conto da mulher brasileira* (1978), *Muito prazer* (1980), *O prazer é todo meu* (1984), *Crônicas mineiras* (1984), *Minas de liberdade* (1992), *A cidade escrita* (1996), *Tigerin und Leopard* (1998), *Contos de escritoras brasileiras* (2003). Adaptações para teatro: *Motivo simples – Inventário das cinzas* – Direção e adaptação Celina Sodré. Teatro Aliança Francesa Rio (1988); *As urzes da Cornualha* – Direção Maria Helena Kühner. Teatro Laura Alvin (1990). Roteiros: *A glória de Pedro Nava* (1989) – Vídeo para TVE, dirigido por Joaquim Pedro de Andrade, fotografia de Cláudia Jaguaribe; *O Rio de Janeiro de Machado de Assis* (1998) – Série para o GNT, Globo Sat, participação no roteiro e texto. Produção e direção Norma Bengell, fotografia de Sônia Nercessian.

Sérgio Buarque de Holanda³ suspendeu a peça que executava ao piano e, gracejando, perguntou:

– Rachel quand du Seigneur?

Percebendo a reação de surpresa de Rachel, o professor, crítico literário e historiador lhe fez outra pergunta:

– Então você não leu Proust?

Diante da resposta negativa, ele passou a discorrer sobre *À la recherche du temps perdu*, que havia pouco começara a ser traduzida no Brasil e sobre a qual ele fora um dos primeiros críticos a analisar⁴.

No dia seguinte, Rachel Jardim providenciou a compra de *À la recherche du temps perdu*. Antes de falar sobre as consequências desse gesto, devo esclarecer quem é a personagem Rachel uand du Seigneur, da obra do romancista francês.

Em *À l'ombre des jeunes filles en fleurs*, um dos livros que compõem *À la recherche du temps perdu*, Bloch leva o Narrador a uma casa onde a patroa enaltece de modo particular uma das mulheres, acentuando ser ela judia, provável motivo pelo qual a chamava de Rachel. O Narrador a descreve:

Cette Rachel, que j'aperçus sans qu'elle me vît, était brune, pas jolie, mais avait l'air intelligent, et non sans passer un bout de langue sur ses lèvres, souriait d'un air plein d'impertinence aux michés qu'on lui présentait et que j'entendais entamer la conversation avec elle. Son mince et étroit visage était entouré de cheveux noirs et frisés, irréguliers comme s'ils avaient été indiqués par des hachures dans un lavis, à l'encre de Chine. (Cf. PROUST, 1987, p. 254).

3 Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), paulista. Professor, historiador, cientista social, acadêmico. Autor de *Raízes do Brasil* (1936), *Cobra de vidro* (1944), *Monções* (1945), *Caminhos e fronteiras* (1957), *Visão do paraíso* (1958), *Vale do Paraíba – Velhas fazendas* (1975), além de outros.

4 Ver, especialmente, seus artigos publicados no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro: “Tempo e verdade”, em 04-11-1948, “Proustiana”, em, 23-04-1950, “O tapete cortado”, em 30-04-1950, e “Traduções”, publicado no *Diário Carioca*, do Rio de Janeiro, em 18-06-1950, todos incluídos em *O espírito e a letra*, v. 2 (1996).

O Narrador dá-lhe o apelido de Rachel quand du Seigneur, em alusão ao início da ária do ato IV, cena V, de uma das obras-primas da grande ópera histórica francesa, *La Juive*, em 5 atos, de Jacques Fromental Halévy (1799-1862), sobre um libreto de Eugène Scribe (1791-1861)⁵. A ação se desenrola em Constance, “na Suíça”, em 1414. O assunto da ária é dramático, um judeu (Éléazar) lamentando-se pela morte próxima de sua filha (adotiva, na verdade, pois a salvara ainda criança do incêndio durante a pilhagem de Roma, quando morrera a família do pai biológico de Rachel, o futuro Cardeal Jean François de Brogni). Declarados culpados, pelo Concílio de Constance, de perfídia para com o cristão Léopold, Príncipe do Império, que fingindo ser um judeu (Samuel), seduzira a jovem e, por ela denunciado à Corte Imperial em assembleia, fora inocentado. Éléazar e sua filha são condenados à morte na fogueira, da qual teriam escapado se tivessem abjurado sua fé, conforme propusera o Cardeal de Brogni. Este somente obtém do judeu a revelação da identidade de Rachel quando já é tarde demais para salvá-la das chamas. Eis o lamento de Éléazar, forçado a entregá-la ao carrasco:

Rachel! quand du Seigneur la grâce tutélaire

À mes tremblantes mains confie ton berceau,

J'avais à ton bonheur voué ma vie entière,

Ô Rachel!... et c'est moi qui te livre au bourreau!
(Cf. SCRIBE, 1841, p. 69).

O Narrador é familiarizado com esse “repertório judaico”. Em *Du côté de chez Swann*, lemos:

5 Antes de se tornar ópera de Halévy, foi uma encomenda oficial do Doutor Louis-Désiré Véron, “diretor-empresário” da Académie Royale de Musique entre 1831 e 1835. Seu “ato de nascimento” é *La Muette de Portici* (1828), de Scribe e Auber. Representada pela primeira vez no Théâtre de l'Académie Royale de Musique, em 1835, essa ópera, cujos fundamentos estão em um episódio histórico exemplar da violência e do fanatismo religioso, é uma das obras maiores da arte francesa do século XIX, tendo atingido 550 representações em 1893. (Cf. BARA, 2004, p. 75-76).



Mon grand-père, il est vrai, prétendait que chaque fois que je me liais avec un de mes camarades plus qu'avec les autres et que je l'amenaï chez nous, c'était toujours un juif, ce qui ne lui eût pas déplu en principe – même son ami Swann était d'origine juive – s'il n'avait trouvé que ce n'était pas d'habitude parmi les meilleurs que je le choïssais. Aussi quand j'amenaï un nouvel ami, il était bien rare qu'il ne fredonnât pas: "Ô Dieu de nos Pères" de La Juive ou bien "Israël, romps la chaîne", ne chantant que l'air naturellement (Ti la lam talam, talim) mais j'avais peur que mon camarade ne le connût et ne rétabli les paroles. (Cf. PROUST, 1986, p.110-111).

Conforme esclarece o Narrador, essas manias de seu avô de cantarolar sem a letra não implicavam sentimentos de maldade para com seus amigos, mas somente em ouvir seu nome, que não tinha características judaicas, ele adivinhava não somente a origem hebraica de seus amigos que a possuíam, mas até os antecedentes desagradáveis que pudessem existir em sua família. E ao ouvir um desses nomes, de imediato expressava sua desconfiança e cantava:

Achers, faites bonne garde! / Veillez sans trêves et sans bruit. (Cf. PROUST, 1986, p. 111-112).

Tão logo passou a ler a obra de Proust, a partir da curiosidade nela despertada pela instigante pergunta de Sérgio Buarque de Holanda, brotou em Rachel Jardim uma paixão que segue intensa, crescente.

Em *Vazio pleno*, lamentando que um poeta seu amigo lhe tivesse dito não estar se saindo bem na leitura da obra do romancista francês, por achá-la cansativa, não conseguindo nela fixar-se, Rachel escreveu:

Acho que ele merecia viver essa grande aventura, para mim uma das mais emocionantes que experimentei, cada palavra, cada frase, um mundo no qual penetrei com todos os meus sentidos despertos,

o coração batendo, a entrega total e, às vezes, até o completo esgotamento, um esgotamento como o que advém do ato de amor bem realizado. Para mim, ler Proust é uma aventura sensual, há um sentimento de posse mútua do livro para mim, sou “devorada” por ele, da mesma forma que eu o devoro. Peguei hoje para ler as primeiras páginas de Du côté de chez Swann e já a simples atmosfera da cidade de Combray começa a me possuir, a simples atmosfera “física” – o ar tépido das tardes em que se conversava no jardim, os aguaceiros caindo, a umidade que obrigava a agasalharem o menino doente, a mesma que fazia agasalharem, em Juiz de Fora, a menina frágil.

E prossegue a memorialista:

Nunca hei de ser suficientemente agradecida a Proust por ter fixado até a exaustão esses pequenos gestos e sensações, fugidios momentos devorados pelo tempo, que ele teimosamente redimiu e trouxe de volta, intactos, não corrompidos, emergindo no frescor do minuto em que desabrocharam. Ninguém, ninguém ousou antes dele deflagrar tamanha luta contra o tempo, e ninguém, a não ser ele, foi vencedor. (JARDIM, 1976, p. 181-182).

Rachel Jardim foi a primeira coordenadora do Corredor Cultural da Cidade do Rio de Janeiro, responsável pela preservação do Centro. Foi também diretora do Departamento Geral de Patrimônio Cultural da Secretaria Municipal de Cultura e administradora regional do bairro de Santa Teresa. E nesse trabalho de preservação de bens culturais a obra de Proust lhe foi essencial. Para ela, os arquitetos e urbanistas precisam pensar na urbe, também, em termos filosóficos, devem ler Proust, Platão, o Walter Benjamin de *Infância berlinense*, Pedro Nava. (JARDIM, 1988, p. 8-11)



Em outro texto, ela confessa:

Muito aprendi sobre o patrimônio cultural lendo Marcel Proust, acompanhando sua trajetória pelo tempo, na qual tenta recuperar, obsessivamente, detalhes quase invisíveis, vozes, ruídos, perfumes, brisas noturnas, diurnas, matinais, marítimas ou terrestres. Muito aprendi com Proust sobre as transformações por que passam as coisas sob as incidências diversas da luz, como aquela igreja em que o Narrador mostra a Albertina num final de tarde, dizendo textualmente que, naquela hora, transfigurado pela luz, o pequeno templo, sem nenhum valor arquitetônico, adquiria tal beleza e espiritualidade, que devia ser tombado. Num almoço, em uma casa de aldeia, ao perceber, de repente, os descansos de vidro irisados pelo sol do meio-dia, diz o mesmo narrador que eles são, naquele momento, tão belos quanto os vitrais de Chartres. Todo o valor de um patrimônio cultural cotidiano, incorporado à nossa vida, ao nosso percurso da casa para o trabalho, me foi revelado por Proust. Como não desejar tombar o cheiro das magnólias que emana da minha rua nas noites de verão⁶? (Cf. JARDIM, 1988a).

E escrevendo sobre a vitalidade e a importância dos órgãos municipais de patrimônio cultural ela aponta, entre as condições indispensáveis ao seu bom funcionamento, que sejam administrados por pessoas com sensibilidade para a memória e *olhos de ver*, enfatizando que ler Proust seria recomendável. (Cf. JARDIM, 1993).

Em 1992, Rachel Jardim, juntamente com o artista plástico e professor João Guimarães Vieira, dito Guima⁷, ministrou no

6 Rachel Jardim morava, então, na bucólica Rua Araucária, no Jardim Botânico.

7 João Guimarães Vieira, dito Guima (1920-1996), fluminense. Artista plástico, muralista, capista e ilustrador de livros, entre os quais dois de Carlos Drummond de Andrade e um de Rachel Jardim (*Os anos 40*). Foi também professor de História da

Centro Cultural do Banco do Brasil, no Rio, o primeiro de seus cursos sobre *À la recherche du temps perdu*. Na ocasião, o tema foi *O percurso das artes em Proust*. Desde então, mesmo depois do falecimento de Guima, ela continuou a oferecer, para privilegiados grupos de leitores, cursos sobre a *sinfonia* proustiana, abordando seus inumeráveis aspectos.

Ao longo dos anos, além do CCBB, os cursos foram oferecidos em vários espaços e sob vários enfoques: Fundação Casa de Ruy Barbosa, UniRio, Editora 7 Letras e outros, oferecidos por alunas: a antiga residência do acadêmico Austregésilo de Athayde, no Cosme Velho, disponibilizada por sua filha, escritora Laura Sandroni, o palacete da Rua São Clemente, onde residiram os escritores Laura e Rodrigo Octavio Filho, uma gentileza de Stella Rodrigo Octavio Moutinho, filha do casal. A mesma aluna também disponibilizou, até pouco tempo antes de falecer quase centenária, o amplo apartamento em que residia, na Rua Dona Mariana, no mesmo bairro de Botafogo.

Entre as *proustianas* que seguiram seus cursos, algumas já falecidas, podemos enumerar:

Ângela Chamma, Dedei Aranha Corrêa do Lago, Mira de Casrilevitz Engelhardt, Helena Araújo Netto, Laura Constância Austregésilo de Athayde Sandroni, Lúcia Bettencourt, Lúcia Moura Chamma, Lúcia Valadares Ribeiro de Lima Pádua, Magdalena Bicalho, Maria Ângela Almeida Magalhães Correa da Costa, Maria da Natividade Duarte Ribeiro Petit, Maria Flora Soares de Lima, Marina Baird Ferreira, Martha Antunes Maciel, Nelly dos Santos Werneck de Castro, Nelly Marcondes Pereira Lins, Niva de Andrade Reis, Regina Sant'Anna Pizarro, Rosinha Scorzelli, Rúbia Bueno do Prado, Stella Rodrigo Octavio Moutinho, Sylvia de Botton Brautigam, Thereza Castello Branco, Therezinha Amarante.

Arte e de Fundamentos das Artes Visuais no Centro de Arte da Universidade do Rio de Janeiro. Jornalista, atuou na *Folha Mineira* e no *Diário Mercantil*.



Aos 92 anos de idade, com lucidez, vigor, firmeza e uma admirável *joie de vivre*, sempre atualizada com as novas produções literárias e artísticas, a escritora segue ministrando aulas a pequenos grupos, agora em sua residência, na Rua Humaitá. Além dos cursos sobre a obra de Proust, Rachel Jardim tem orientado leituras de autores como Eça de Queiroz (*Os Maias*, *A correspondência de Fradique Mendes*, *A Cidade e as serras*), Thomas Mann (*A montanha mágica* e *José e seus irmãos*), Liev Tolstói (*Guerra e paz*) e d'A *Bíblia Sagrada*.

A partir da aproximação entre Proust e Eça de Queiroz, Rachel Jardim publicou um magistral ensaio.⁸ E não tenho dúvida de que suas bem fundamentadas notas para subsidiar os cursos que vem ministrando ao longo de quase trinta anos são matéria suficiente para um considerável livro, como o demonstram os artigos divulgados pela *Revista da Academia Mineira de Letras*⁹.

Em parceria com uma de suas alunas, Lúcia Bettencourt, Rachel Jardim publicou *Erratas pensantes* (2012), ensaio sobre Proust e Machado de Assis, edição da Universidade Federal de Juiz de Fora/ Museu de Arte Murilo Mendes.

Sendo o Tempo e a Memória suas principais matérias, seu *leitmotiv*, a influência de Proust perpassa, assim, por toda a obra da escritora mineira. Em um de seus últimos livros, *Num reino à beira do rio – Um caderno poético* (2004, 2.ed. 2012), divulgação do álbum de moça de sua mãe, Maria Luíza de Carvalho Jardim, no qual o jovem Murilo Mendes copiou 37 poemas de autores brasileiros, portugueses e alemães, essa influência é marcante. Se em

8 Ver JARDIM, Rachel. “Proust e Eça – pastiches e *mélanges*. In: *Revista Brasileira*. Ano XIII, Nº 49, Fase VII, Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, out. – nov. – dez., 2006, p. 145-155. O mesmo artigo foi publicado na *Revista da Academia Mineira de Letras*. Ano 84, v. XLII. Belo Horizonte: Academia Mineira de Letras, 2006, p. 73-81.

9 Ver na *Revista da Academia Mineira de Letras*: “Memória, espaço e tempo”, Ano 84, v. XLV, jan.-fev.-mar. 2007, p. 63-67; “A vida real”, Ano 84, v. XLV, jul.- ago.- set., 2007, p. 55-59; “Erratas pensantes – Os eus sucessivos em Machado e Proust”, Ano 85, v. LIII, jul.- ago.-set.2009, p. 137-141.

seu primeiro livro Rachel Jardim nos transportara à atmosfera de Juiz de Fora e Guaratinguetá dos anos 40, em *Num reino à beira do rio* ela recua ainda mais no tempo e nos leva a Juiz de Fora dos anos 20, recuperando a fisionomia da cidade, sua ambiência social e, conforme ela mesma afirma, desenterrando-a em camadas como Tróia, reencontrando-a não em ruínas mas intacta e inserindo em sua Illiers os jovens Maria Luíza e Murilo Mendes.

Bibliografia:

BARA, Olivier. “*La Juive* de Scribe et Halévy (1835). Un opéra juif?” In: *Romantisme*, 2004, nº 125. [Número thématique: Juifs, judéité à Paris au début du XIXe siècle], p. 75-89.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O espírito e a letra*. Estudos de crítica literária II 1948-1959. Organização, introdução e notas de Antonio Arnoni Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

JARDIM, Rachel. “Cidade: as sensações que ela traz”. In: *Cultura Rio*. Ano I, nº 1. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, 1988. [423 anos da Cidade].

. “O patrimônio e a cidade”. *Jornal do Brasil*. Opinião. Rio de Janeiro, 10.ago.1993 [Recorte sem indicação de página].

. Prefácio. In: *Urca: construção e permanência de um bairro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Departamento Geral de Patrimônio Cultural, 1988a. [Coleção Bairros Cariocas].

. *Vazio pleno: relatório do cotidiano*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. [Coleção Experiência Interior].



LETELLIER, Robert Ignatius. *The Bible in Music*. Cambridge Scholars Publishing, 2017.

PROUST, Marcel. À l'ombre des jeunes filles en fleurs. Première partie. Édition du texte, introduction, notes et bibliographie par Danièle GASIGLIA-LASTER. Paris: GF Flammarion, 1987.

. *Du côté de chez Swann*. Paris: Gallimard, 1986.

SCRIBE, Eugène. Œuvres complètes. Nouvelle édition entièrement revue par l'auteur, tome deuxième. Opéras. Paris: Furne et Cie., Aimé André, 1841.

ROBERTO DA SILVA é mestre em Letras (Literatura Brasileira), é professor do IFPB – João Pessoa e pesquisador. Autor, entre outros, de *Ruídos na cristaleira: uma análise do transitório em Rachel Jardim* (1996), *Luís, toujours lui* – Cartas de Câmara Cascudo a Bernard Alléguede (2002) e *Flama serena* – Cartas de Luís da Câmara Cascudo a João Lyra Filho (2005)

ÂNGELA ALMEIDA: RESSIGNIFICANDO O SERTÃO POR MEIO DA ARTE

Márcio de Lima Dantas

Ângela Almeida (22.06.1956) é uma das mais originais artistas plásticas do Rio Grande do Norte. Nascida em Mossoró, mas estabelecida em Natal, onde é professora universitária. De temperamento discreto, contudo sempre simpática e gentil. Estudiosa, parece que, como Fernando Pessoa, resolveu dedicar sua vida às coisas do espírito. Tem uma tese de doutorado muito interessante sobre a estética do cangaço.

Buscando nas suas composições uma harmonia de cores das massas pictóricas, suas telas reafirmam o entendimento que uma pintura não se conforma como representação da realidade, mas que uma tela é um construto humano que se contrapõe ao que nos entorno. Ou seja, compreender que a arte é uma forma outra de conhecimento, na medida que se constitui desde sempre como um outro barato. Nunca maneiro, como se diz hoje em dia, mas como contundente crítica à realidade e suas vicissitudes, simbolizada pela Roda na Vida, girando inexoravelmente, fazendo crer a quem quer enxergar, ou aceitar, que tudo é impermanente. Dololoroso? Não, eis a natural lógica das coisas que conduzem a uma harmonia estendida a todos os sencientes. Quem haverá de ficar imune/impune?

O suporte dos seus trabalhos, via de regra, é o papel alemão hahnemule 300g e pigmentos naturais franceses, demonstrando uma exigência que não passa pela vaidade, mas pelo que deseja concretizar nas formas que habitam seu imo (todo artista tem suas idiossincrasias, como se fosse espécie de cismas: somente uma maneira expressará com propriedade o que lhe inquieta e aplaca/sana aquilo que quer sair em forma de arte, quer dizer, o que lhe é hiância e somente por meio da arte um eventual equilíbrio se instala).



Então, consoante o método de trabalho do artista somente determinados tipos de materiais permitirão que expresse o Imaginário, quase sempre povoado por símbolos que estão presentes no Sertão do Nordeste. A compreensão de Guimarães Rosa, ao dizer “que o sertão é o mundo”, quer dizer, uma retomada do étimo da palavra, que já existia em Portugal desde seus primórdios (sertão era o interior do país, tudo que não estava ao redor da corte: des-sertão =desertão). Isso veio para a Colônia. Litoral habitado pelo colonizador e sertão por fazendeiros e índios.

Isso mesmo, o mito obsessional de Ângela Almeida é o Sertão, e que vai se expressar por meio de uma multiplicidade de ângulos, sempre tendo em conta que o interior do estado não ficou parado no tempo. Guimarães Rosa resignificou esse estereótipo das terras quentes habitadas outrora pelas etnias Tarayrius (uns chamam de Tapuias), alteradas, - nada é imóvel -, pela política e por algo mais abstrato, como o “espírito da época”. Transformando não só a paisagem, seu bioma, mas as formas de olhar o mundo, sentir e agir, diferentes de seus antepassados. Vejamos o que o escritor de “Grande sertão”: veredas diz: *A gente tem de sair do sertão! Mas só se sai do sertão é tomando conta dele a dentro...Agora perdi. Estou preso. Mudei para adiante!* Ora, sertão não é um lugar no mapa da geografia, mas um lugar mental inerente a todo ser humano.

Com efeito, creio que é isso que a artista consciente ou inconscientemente busca por diversos meios exarar nas múltiplas formas de expressões: pintura, colagens, intervenções sobre fotografias.

Gostaria de chamar atenção sobre um aspecto que caracteriza o seu precioso trabalho. A inovação ao exprimir pictoricamente elementos do Imaginário Nordestino, refratando o pitoresco, o estereótipo e o caricatural, buscando uma releitura na qual o espaço nordestino deixa de ser uma região geográfica determinada, para vir a se tornar um fornecedor de pretextos para elaboração do seu trabalho, sempre buscando formas originais que elevem a iconografia da região ao valor de universalidade que toda obra de arte de qualidade

deve deter. Sim, onde você pisar sobre a terra estará pisando sobre uma chão árido, do ponto de vista metafísico, ao humano, na medida em que nossa porcentagem de controle sobre o que nos sucede, quase sempre é exígua. Embora detentores do livre arbítrio.

Eis um belo vaqueiro, identificado como tipo da região apenas por meio das suas vestimentas. Predomina um efeito cromático que imprime à tela equilíbrio e harmonia na sua simetria bilateral, retratando a figura de maneira plana, com basicamente duas cores: o ocre e o azul. Curiosamente as cores que no Imaginário representam eventuais, talvez buscadas, acordo entre céu e terra, entre realidade e imaginação, entre carne e espírito.

Quando trabalha com a figura humana, constatamos um grave silêncio no semblante, que não se lança para a indiferença, mas para uma gravidade que remete ao sóbrio, sem deixar de transparecer uma certa melancolia resignada, bem próprio dos que estão acostumados a não representar na vida social. Os autênticos, que ousam ser o que são face a uma sociedade que demanda mais e mais ser/ter o que chamam de “felicidade”.

Eis o trabalho original de franca e farta inspiração de Ângela Almeida. Uma artista que tem a exata consciência do que elabora: obras detentoras de um requinte técnico e de grande inspiração. Só para reforçar o que discorri acima, de Oswaldo Lamartine: *Cada vivente tem o seu sertão. Para uns as terras além do horizonte e para outros, o quintal perdido da infância.*

MARCIO DE LIMA DANTAS é poeta, escritor e professor aposentado da UFRN. Autor de “Metáfrase” e outros livros.



LOCALISMO

Leonardo Versieux

Se há um assunto meio sem graça, para mim, é ficar comparando sotaques ou nomes diferentes de coisas entre as regiões do Brasil. Tudo bem que possa ter lá seu encanto, mas essa contenda entre bolacha e biscoito já deu o que tinha que dar. Afinal, o Brasil é grande demais e, quando assim se é, surgem naturalmente mutações, que vão se fixando, se regionalizando, nos bordos e nos centros... Mas, por outro lado, o cerne da minha profissão é o do nome das coisas e, ao nomeá-las, pretende-se garantir que tenham apenas um nome correto, permitindo uma boa comunicação universal. Sem o nome, as coisas não existem, nem do ponto de vista imaginário. É assim desde o tempo de Lineu. Bem, era o que eu pensava, até chegar a terras potiguares. Aqui, logo de cara, no primeiro dia de emprego, juro, não é ficção, pedi a um aluno um lápis, na minha primeira aula de botânica, e o cidadão me entregou uma caneta, tipo uma dessas de plástico transparente com carga azul. Achei muito estranho e repeti:

- Eu pedi um lápis para desenhar e poder apagar, com a borracha, aqui no papel.

- Ah! Sim! O senhor quer dizer um grafite.

Eu, meio que tentante a ser simpático, refutei:

- Eu quis dizer isso mesmo que eu disse... grafite, para mim, é aquilo que se põe dentro da lapiseira.

- O senhor está certíssimo, é isso mesmo, professor, a lapiseira aponta o grafite.

Hein? Não entendi. A lapiseira, para mim, leva o grafite dentro do tubo, vem com uma borracha na cauda e você vai apertando à medida que se gasta o grafite, tem o 0.5, o 0.6, 0.7, 0.8... daquelas coloridas.

- Não, professor. Isso, aqui, se chama poli.

- Lapiseira é o quê, então? - Perguntei, muito surpreso.

- É o que faz a ponta no grafite, como esse que o senhor está segurando agora.

Eu segurava um lápis... bom, pelo menos era o que acreditava ser um lápis até então, quando todo o meu mundo nomenclatural de material escolar se despencava duna abaixo, após uma breve indagação. Mas a conversa já estava muito enviesada e desisti por ali mesmo, fazendo logo o desenho. Só depois é que vim a entender que a lapiseira era o meu apontador. Sem críticas ou supremacias, sem fomentar rixas Nordeste contra o Sul, aceitei que tudo aqui tinha outros nomes, e nem falaria mais disso. Ainda no universo estudantil, agora contemplando os menores, fui descobrindo que a merendeira era lancheira, a mochila virou bolsa (tudo isso comprado em livrarias e não em papelarias), o boné virou chapéu, o uniforme já era farda, o chinelo virou sandália, até então, tudo sem problemas... sem comentários, achava enriquecedor e não era louco de criticar, cada qual com sua verdade.

Mas, hoje, exatamente às 16h48, e sete anos depois dessa viagem, voltava para casa debaixo de um calor muito forte e peguei um caminho diferente, o carro estava quente e a minha cabeça doía. Além disso, uma torradeira quebrada chacoalhava no bagageiro do carro, com aquele barulho de resistência queimada, dançando, tec, tec, tec, tec, ou seria a alavanca que faz o pão submergir no epicentro do calor... Eis que, em uma avenida por onde passava, vi uma loja onde se consertavam eletrodomésticos, tinha de tudo lá dentro. Tive a certeza do é agora ou nunca. Encostei com muita dificuldade o carro, enquanto o sinal não abria ou algum intolerante acertasse a mão na buzina na minha traseira, e, vendo a senhora escondida atrás do balcão, gritei:

- Olá, vocês consertam torradeira?

- Sim. - respondeu a senhora surpresa, mas sem botar muita fé em nada.



Avancei com o carro e só encontrei uma forma civilizada de se estacionar a uns 400 m. Retirei a torradeira do bagageiro, ali já estava há mais de ano, à espera de um milagre, e fui caminhando sem saber se era gente ou torrada, já que não tinha uma árvore sequer, naquele raio de calçada. Cheguei à loja ainda meio zonzo, já suando as pestanas. E fui, de cara, recebido pela senhora, que, em um salto e com uma voz alterada e estupefata, me disse:

- Meu senhor, mas isso não é uma torradeira!!!

Sem saber como, respondi aquilo que me pareceu ser a maior incoerência do universo:

- Desculpe-me, estou louco, é, de fato, uma lapiseira.

LEONARDO VERSIEUX é escritor e professor da UFRN.



AS CANTIGAS DE SANTA MARIA – SÉC. XIII

João da Mata

*“Rosas das rosas e flor das flores
dona das donas , senhor dos senhores”*

Cantiga 10

As cantigas da Santa Maria formam um magno cancionero de 427 composições dedicadas à Virgem Maria e são conservadas com a respectiva música e algumas iluminuras no Mosteiro do Escorial e na Biblioteca de Florença.

Um dos temas tratados na literatura do medievo é o da virgem santíssima. O culto da virgem pertencia à literatura litúrgica e data do séc. IV. Como tema literário aparece já no séc. seguinte em poemas líricos latinos, e na literatura profana aparece tardiamente no séc. XII (Spina S. A cultura literária medieval, 1997).

Santa Maria – mãe de Deus, dama celestial, consoladora dos aflitos e refúgio dos pecadores. Seu culto foi popularizado à partir do séc. V da nossa era e transcendeu todas as fronteiras e classes. Sua iconografia é uma das mais ricas e seu nome está presente em todas as literaturas. A imago de Maria está presente na Legenda Dourada, um dos mais belos livros do medievo e fonte inesgotável da iconografia medieval. Um dos mais ricos e belos cancioneros dedicados a Maria também é do medievo e foi organizado por um grande erudito, o rei Leão de Castela: Afonso X- O sábio, gênio enciclopédico, astrônomo, historiador e devoto de Santa Maria, no século XIII.





Essas cantigas foram escritas no idioma galáico-português em meados do século XIII. A primeira edição dessas cantigas foi organizada pelo Marquês de Valmor, Leopoldo de Ceuta, e publicada em 1899, por iniciativa da Academia Espanhola.

Uma seleção de 22 dessas cantigas, com comentários, foi publicada pelo padre e filólogo Augusto Magne, em 1926. Uma seleção de 34 cantigas, com correções das edições anteriores, foi publicada por Rodrigues da Lapa, em 1933.

Outra publicação preciosa em 3v dessas cantigas foi publicada à partir de 1959, por Walter Mettman.

O medievo segue a tradição latina das composições denominadas numéricas. A tripartição dos versos da Divina Comédia segue esse critério como uma manifestação do símbolo trinitário. No cancionero alfonsino são muito comuns as canções com o estribilho seguido por um número variável de estrofes compostas de três versos monorrimos mais um verso igual ao do estribilho (Spina S. A cultura literária medieval, 1997).

Para Afonso X (1221- 1284) os números 10, 100 e seus múltiplos são símbolos da perfeição. As canções selecionadas por Afonso com esses números são súplicas de caráter pessoal. Maria é responsável por muitos milagres e essas canções são um rico repertório desses milagres.

“ Quem entender quiser, entendedor/ seja da madre de nosso senhor”.

A cantiga de número 100 (<https://www.youtube.com/watch?v=opEXfcl2YQ>) é uma das mais belas do cancionero Alfonsino: “Santa Maria, Strella do dia”. Diz o refrão;

Santa Maria, estrela do dia
Mostrai-nos o caminho de Deus
E sejai nosso guia

Os antigos costumavam se guiar pela estrela e santo do dia (base da astrologia e da fortuna). No dia que foi composta a cantiga 100 o santo do dia era Maria.

Na cantiga 200, Alfonso canta os homens honrados nascidos nesse dia e mostrados pela Virgem Maria (<https://www.youtube.com/watch?v=-T9THxlAB0A>).

Santa Maria loei
E loo loarei

São muitas as gravações com esse belo cancionero. Ouço-as com o excelente conjunto “ The Martim Best Ensemble”

Virgem Santa Maria mãe de Deus protegei a todos nós nesses dias santos. Consola nossos ais. E nos dê muita ventura e paz.



“Ave Maria

Mãe abençoada, virgem imaculada

és santa semente do amor

Maria mãe de Deus

és cheia de graça

Santo é o fruto do teu ventre Jesus

Ave Maria

Ave Maria

Maria

Que concebeu amor

Em Cristo nosso Senhor

Madre generosa

Rogai por nós

os pecadores Mãe querida

amém”

JOÃO DA MATA é escritor e professor, colabora com artigos e crônicas em jornais, revistas e blogs.



VELÓRIO E ENTERRO SERTANEJOS

Benedito Vasconcelos Mendes

Algumas das lembranças de minha infância, que se mantêm muito vivas na minha memória, são as cenas dos rituais de um velório e enterro típicos sertanejos, que acompanhei quando assisti aos funerais do pequeno fazendeiro David Bezerra Pinheiro, irmão do vaqueiro Sales, da Fazenda Aracati. Certa manhã, o Sales foi comunicado que seu irmão mais novo, David, tinha sofrido um ataque do coração e estava muito doente, em sua casa na cidade de Miraíma, a 25 quilômetros da Fazenda Aracati. Meu avô vestiu seu conjunto de mescla azul, com camisa de quatro bolsos, com grandes botões pretos, calçou seu sapato de cadarço, colocou na cabeça seu chapéu de massa, de cor cinza e da marca Cury, chamou o Sales, o meu tio Francisco das Chagas Mendes (Tio Francisquinho) e eu, para irmos, com urgência, no Jeep Willys, ano 1954, cara alta, de propriedade do meu referido tio, até a cidade de Miraíma para visitar o irmão do Sales. Meu tio Francisquinho ia dirigindo o seu Jeep em alta velocidade, talvez puxando, em média, 70 quilômetros por hora, na poeirenta e esburacada estrada carroçal, que unia o Distrito de Caracará à cidade de Miraíma.

Ao chegar na residência do irmão do Sales que estava doente, recebemos a trágica notícia que o mesmo tinha morrido. Sem perda de tempo, o Sales começou a comandar o ritual do velório, preparando o defunto para o enterro. Primeiramente, o Sales formou uma equipe de trabalho formada por um vizinho de David e por um sobrinho. Em obediência aos costumes e tradições sertanejos, deram banho no morto, cortaram suas unhas, tiraram a barba, apararam o bigode e o cabelo, recolheram todos os objetos metálicos que ele usava, como medalha, cordão de ouro, aliança de casamento, relógio e até arrancaram, com a ponta de um punhal, um dente canino de ouro, que ele tinha na boca. A esposa do vizinho, que



estava ajudando no preparo do defunto, comprou no armazém ao lado cerca de três metros e meio de morim (tecido de algodão da cor branca) e rapidamente confeccionou a mortalha e levou-a para ser vestida no morto. O Sales encomendou, ao Seu Expedito Carpinteiro, a feitura de um caixão de pau-branco, revestido de tecido preto, com seis aselhas de ferro batido, de preto. O Tião Ferreiro, da Vila de Aracatiaçu, ficou encarregado de fazer as aselhas de ferro, pintar com tinta a óleo preta e parafusar no caixão.

À noite, com o defunto já dentro do caixão e exposto na sala da frente da residência, iniciaram-se as rezas e o recebimento, pela esposa, filhos, irmãos e outros familiares, das condolências dos amigos que estavam chegando de fazendas, vilas e de outras cidades para participar do velório e do enterro no cemitério local. Ao escurecer, o Sales, em cumprimento a um costume regional, derramou a água das quatinhas e dos potes de água para beber da casa do finado. Mandou matar um carneiro, um porco, algumas galinhas caipiras e pediu para preparar muito arroz vermelho e farofa de torresmo de porco com farinha de mandioca para os participantes do velório comerem durante a noite. Na bodega ao lado foram compradas dez garrafas de cachaça serrana, para não faltar reza e alegria na despedida do seu ente querido. Dona Raimunda, mulher do Sacristão, acendeu as velas ao redor do caixão e puxou o terço, sendo acompanhada pelas mulheres presentes. Os homens, no alpendre, bebiam cachaça, conversavam e faziam algazarra. Mais ou menos às nove horas da noite chegaram, das fazendas e vilas vizinhas, quatro carpideiras vestidas de preto para chorar o morto. Nos intervalos das orações fúnebres, entravam o choro e as lamúrias das carpideiras, que derramavam muitas lágrimas e externavam, em voz alta, suas lamentações. Estas carpideiras não recebiam dinheiro pelo seu trabalho de elogiar e de chorar o morto, pois elas faziam por prazer e exigiam apenas os agradecimentos dos familiares do cadáver. Elas externavam tão bem os sentimentos de tristeza que as lágrimas pareciam ser o resultado de um grande sofrimento. Durante toda a sentinela, ao longo da noite, houve muita reza (benditos,

ofícios, ladainhas e incelências) e muito choro das carpideiras, além da alegria dos que bebiam e comiam no alpendre. Ao amanhecer o dia, o Eufráσιο Sacristão foi chamar o Padre Antônio José para encomendar o corpo e celebrar a Missa de Corpo Presente. Depois da Santa Missa, o Sales deu ordem para não permitir que nenhum bêbado pegasse na aselha do caixão, pois podia derrubar o falecido. Ao chegar no Campo Santo, o Sales e mais três outras pessoas retiraram o defunto do caixão e inumaram o corpo em contato direto com a terra. O caixão não foi enterrado. O corpo foi coberto com terra, sem proteção de paredes de alvenaria. Cada acompanhante do enterro colocava uma mancha de terra sobre o morto. A cova era profunda, para evitar que o falecido fosse molestado por cachorros ou outros animais. O Sales chumbou, em frente a cova, a cruz de madeira contendo o nome, a data de nascimento e a data do falecimento, pintados de preto, sobre a cruz de cor branca. Após o enterro, os presentes colocaram pequenas pedras no pé e sobre os braços da cruz. Todos estes costumes, crenças e tradições ligados aos funerais sertanejos são de origem judaica, trazidos pelos Cristãos Novos, que vieram de Portugal como colonizadores do sertão quente e seco nordestino, no final do Século XVII e início do Século XVIII.

Curioso também é o enterro de anjinhos no sertão nordestino. Tive oportunidade de presenciar algumas exéquias de crianças na Vila de Caracará. Diferentemente dos funerais de adultos, no enterro de criança não se chora e sim cria-se um ambiente de alegria e de festa. Todos querem levar nos braços, por uma certa distância, o caixãozinho azul com a criança morta. O pequeno caixão fica cheio de flores silvestres. Todos querem colocar, sobre o anjinho, flores e raminhos de plantas regionais. O cortejo até o Cemitério é feito com muitos cânticos, benditos, incelências, ofícios e ladainhas, especialmente o Ofício das Almas, que é acompanhado por rabeças, violas, pífanos de taboca, tambores e maracás. Acredita-se que a criança, por ser inocente e não ter pecados, será recebida no Céu por Maria Santíssima e São José. Fazem bilhetes endereçados à Nossa Senhora, pedindo graças e milagres e colocam

os mesmos no caixãozinho do anjinho, pois ele é considerado uma criatura celestial e mensageira dos pedidos das pessoas aqui da terra para Nossa Senhora e seu filho Jesus Cristo. Obrigado.

BENEDITO VASCONCELOS MENDES é engenheiro agrônomo, professor e escritor, autor de “As artes na civilização da Seca” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, da Academia Mossoroense de Letras, sócio do Instituto Cultural do Oeste e outras instituições.

A CASA GRANDE

Eulália Duarte Barros

A economia dos engenhos de açúcar, sobretudo no nordeste, gerou um tipo de vida social característico e simbolizado pela casa grande, residência do senhor do engenho e pela senzala onde moravam os escravos.

Diz Gilberto Freyre, que a casa grande embora associada particularmente ao engenho de cana de açúcar, não se deve considerar expressamente exclusiva do açúcar, mas na monocultura escravocrata e latifundiária em geral, criou-a no sul, o café.

A casa grande era o marco aristocrático do feudo chamado engenho. Ela identificava a nobreza, a riqueza do seu dono, o seu poder, o seu mando. Sua arquitetura majestosa se destacava do edifício comprido e cinzento do engenho e da pobreza humilde das chamadas senzalas.

A maioria das construções da casa grande vinha de plantas de arquitetos europeus, predominando o estilo português. Algumas casas possuíam um andar superior que era chamado de sobrado.

Todas apresentavam uma variedade de janelas e portas e elas eram numerosas; algumas com postigos e vidros coloridos e outras simplesmente de madeira maciça, tendo grossos e pesados ferrolhos de cobre em suas fechaduras.

Havia na casa vários compartimentos e dependências. As salas principais, chamadas de visita e jantar respectivamente, eram forradas, e seus pisos ou de madeira (assoalho) ou de mosaicos finamente trabalhados, estes vindos de Portugal. Esses salões eram decorados com móveis austríacos, espelhos venezianos, retratos em óleo de antepassados e pesadas cortinas de damasco ou veludo.

O vinhático, o jacarandá, o pau brasil, o cedro, a peroba eram as madeiras finamente polidas das mesas, escrivaninhas, cadeiras, cristaleiras, guarda-roupas, estantes e camas.

As casas grandes dos engenhos possuíam e exibiam louça inglesa, porcelana francesa nos aparelhos de jantar; os cristais Baccarat, eram retirados das cristaleiras para as grandes comemorações ou visitas ilustres, onde eram servidos também em baixelas e talheres de prata.

As toalhas de mesa em linho e organdi finamente bordadas pelas sinhás ou pelas freiras dos conventos enfeitavam as mesas para os dias de festa.

No dia a dia eram toalhas simples de adamascado, geralmente brancas.

Os quartos de dormir eram numerosos com cortinas de crochet ou labirinto em janelas com postigo, guardando o frescor do ambiente e também mistérios indevassáveis. Em alguns engenhos havia uma capela dentro da casa grande, com altar, castiçais de prata e os santos de madeira finamente pintados em filetes de ouro. Em outros engenhos apenas o chamado “quarto dos santos”, ou somente o oratório, faziam às vezes de capela.

Toda a casa era cercada de alpendres com móveis de vime e grandes jarros de samambaia. Os jardins com canteiros geometricamente arrumados e cultivados com dalias, cravos, margaridas, beneditas, perpétuas, flores simples, mas coloridas. A nobreza do jardim era a rosa “La France”, famosa e distinta a que a sinhá dispensava todos os cuidados, e perfumava com um cheiro francês, as manhãs adocicadas da casa grande.

Havia também os românticos caramanchões em estilo europeu, cobertos de jasmim, estefanotes, bougainville, dedal de ouro, alamanda, plantas trepadeiras que alegravam com suas variadas cores, as cercas e os muros da casa grande.

A cozinha era a parte mais espaçosa e alegre da casa e a mais movimentada, pelos seus serviços e pelas pessoas. O fogão de lenha clareava e aquecia desde o amanhecer do dia, quase madrugada até muito depois do anoitecer. O fogão inglês chegou bem depois e dava um destaque com as suas peças esmaltadas e seu depósito de água fervente para todo o dia.

As panelas de barro para a feijoada, de ferro para os cozidos e de ágata para o dia a dia, e os tachos de cobre para o refino do açúcar bruto em açúcar moreno, e o fazer de doces.

A cozinha era a central de informações de todo o engenho; por aí passavam e aí nasciam os boatos, as intrigas, as novidades, e todas as notícias.

A quantidade de serviçais da casa grande e adjacências que paravam na cozinha ou no seu alpendre sempre traziam notícias do engenho, do eito, da bagaceira entre um cafezinho feito na hora ou um prato de doce, muitas vezes com a benevolência ou curiosidade da sinhá.

Na casa grande moravam pessoas das mais diferentes condições econômicas, sociais e familiares: avós, tias solteiras, primas órfãs, cunhados, os escravos, as crianças e a sinhá.

Reinando despoticamente sobre toda a casa e sobre toda a propriedade o senhor do engenho. Dono da propriedade, dos escravos, das pessoas. Era o poderio, o respeito; a polícia e a justiça eram eles como delegados e juizes. A terra conferia foros de nobreza, e como diz Júlio Bello: “como na França, a terra nobilitava o nome e o homem”.



* Do livro “Verdes Campos, Verdes Vales”. Natal, 2004

EULÁLIA DUARTE BARROS é escritora e professora aposentada da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e do Conselho Estadual de Cultura do Estado. Autora de “Uma Escola Suíça nos Trópicos” e outros livros.



MULHERES E ACADEMIAS DE LETRAS

Carlos Roberto de Miranda Gomes

O Rio Grande do Norte, desde a sua criação, tem sido celeiro de mulheres valorosas, guerreiras, empreendedoras, criativas, pioneiras – todas além do seu tempo, a teor de Clara Camarão, Nísia Floresta, Isabel Gondim, Auta de Souza e muitas outras e, por isso, nada mais natural que tivesse as suas próprias Academias.

Assim, embora tardiamente (Século XX), UMA Academia Feminina de Letras existiu, de fato, concebida na década de cinquenta, denominada “Academia Feminina de Letras da Casa Bertha Guilherme de Natal”. Embora não registrada em Cartório, desenvolveu atividades culturais e teve como primeiras presidentes as pessoas das escritoras Helione Dantas e Francisca Nolasco Fernandes, conhecida como Dona Chicuta. Há registros de sua representatividade no período de 1925 a 1986, como consta, ainda, da Revista do IHGRN, volume L, de 1953, pág. 157, quando da sessão comemorativa do 50º aniversário de morte de Augusto Severo, onde usou da palavra a sua representante e fundadora Helione Dantas. Observe-se que em declaração do Presidente Enélio a representante foi a antes mencionada. Contudo, na publicação da Revista consta o nome de Eliane Dantas.

O passar inexorável do tempo retirou o ímpeto inicial da entidade, terminando desativada “como terra improdutiva pela

inexistência de poderes eficazes”, como proclamou a acadêmica Haidée Nóbrega Simões por ocasião do seu discurso na ocasião da solenidade de “reabertura da AFLRN”, realizada em Natal no dia 28/3/2002.

A nova versão da **ACADEMIA FEMININA DE LETRAS DO RIO GRANDE DO NORTE**, contudo, aconteceu em 22 de abril de 1999, tendo como presidente a escritora Deyse Maria Gonçalves Leite e Zelma Medeiros como vice-presidente, mas ainda sem o devido registro oficial. No dia 08 de fevereiro de 2000, com indicação da data oficial como 22 de abril do mesmo ano, foi realizada uma reunião, com redação de ata dos trabalhos e sendo elaborado o seu Estatuto e encaminhado para registro no Ofício do Registro Civil das Pessoas Jurídicas da Comarca de Natal, 2º Ofício de Notas por Dayse Maria Gonçalves Leite, sendo registrado em 31 de outubro do mesmo ano, sob o nº 004088, juntamente com a relação das fundadoras presentes e assinado pela primeira diretoria, assim composta Daisy Maria Gonçalves Leite – Presidente; Zelma Bezerra Furtado de Medeiros – Vice-Presidente; Maria Aldenita de Sá Leitão Fonseca de Souza – 1ª Secretária; Maria das Dores Lucena Fernandes – 2ª Secretária; Maria Antonieta Bittencourt Dutra de Souza – Tesoureira; Haidée Nóbrega Simões – Oradora e Anna Maria Cascudo Barreto – Assessora de Imprensa.

A AFLRN tem como CNPJ o número 04.176.775.0001-73.

O Estatuto foi assinado pelo advogado Enélio Lima Petrovich, inscrito na OAB/RN sob o nº 135 e com a sede provisória no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, onde o advogado referido era presidente. Não localizamos nenhum registro da sucessão das Diretorias seguintes, senão que até o dia 21 de junho de 2005 a presidência foi exercida pela Acadêmica Zelma Bezerra Furtado de Medeiros, tendo nova sede na Rua das Tulipas, Mirassol. Natal-RN, CEP 59.140-046, residência da própria Presidente, embora haja a indicação de uma outra data de criação como em 08 de fevereiro de 2000, pela escritora, poeta e pesquisadora

Zelma Bezerra antes referida, pelo seu esforço pessoal da qual teria sido a primeira e atual presidente da academia, estando no comando da mesma desde o início, reeleita sucessivamente. Esse fato ainda não está comprovado. Oficialmente a data da fundação é 31 de outubro do referido ano.

Como se vê, os dados são controversos e atualmente está a Instituição sem sede e com seus registros atrasados, criando dificuldades para o seu reconhecimento legal, carecendo de realização de uma assembleia geral para escolher uma Junta Governativa provisória e realizar a eleição na forma estatutária.

A AFLRN seguiu a tradição da Academia Francesa com 40 cadeiras, tendo como Patronas as figuras notáveis, aqui representadas com as suas ocupantes, cuja ordem de ocupação, igualmente, está eivada de imprecisão quando são comparados outros documentos. De qualquer forma, oferecemos a relação, supostamente mais correta:

Cadeira	Patrona	Fundadora	
1	Nísia Floresta Brasileira Augusta	Zelma Bezerra Furtado de Medeiros	
2	Isabel Urbana de Albuquerque Gondim	Vaga	
3	Úrsula Barros de Amorim Garcia	Vaga	
4	Adelaide Augusta Câmara	Vaga	
5	Ana Angelina Soares de Amorim Macedo	Marlúcia Galvão Brandão	
6	Sinhazinha Wanderley (Maria Carolina Caldas Wanderley)	Aldenita de Sá Leitão	
7	Auta Henriqueta de Souza	Haidée Nobrega Simões (Oradora)	
8	Maria Madalena Antunes Pereira	Lúcia Helena Pereira	Vaga
9	Ana Lima Pimentel	Fênix Serália Lycurgo	
10	Adele Sobral de Oliveira	Leide Câmara	
11	Maria Dolores Bezerra Cavalcanti	Ana Heloisa Rodrigues Maux	
12	Etelvina Antunes de Lemos	Vitória dos Santos Costa	Vaga
13	Rosa Pignataro Delgado	Zenóbia Collares Moreira	

14	Francisca Dulce Avelino	Gilda Avelino (Gildegérci Maria Bezerra Avelino)	
15	Maria das Mercês Leite Cordélia Sylvia Há registro diferente: (Cordélia Sylvia)	América Fernandes Rosado Maia	Vaga
16	Carolina Wanderley	Vaga	
17	Stella Wanderley Benevides	Nísia P. Torres Galvão	Vaga
18	Maria Alice Wanderley	Maria Eugênia Montenegro	Vaga
19	Stefânia Mangabeira de Barros	Sheyla Maria Ramalho Batista	
20	Palmyra Wanderley de França	Anna Maria Cascudo Barreto	Vaga
21	Olda Pinheiro Avelino	Vaga	
22	Santa Guerra (Caetana de Brito Guerra)	Lêda Batista Gurgel de Melo	
23	Marieta Guerra (Maria Gurgel Guerra)	Cleudia Bezerra Pacheco	
24	Maria Sylvia de Vasconcelos Câ- mara	Zélia Freire – (Zélia Maria de Oliveira Freire)	
25	Chicuta Nolasco (Francisca Chic- uta Nolasco Fernandes)	Maria Campos - (Maria Teixeira Campos)	
26	Maria de Lourdes Cid	Dayse Maria Gonçalves Leite	
27	Clarice Palma (Clarice da Silva Pereira Palma)	Nelita Lucena (Maria das Dores Lucena Fernandes)	
28	Benilde Dantas	Vaga	
29	Donatila Dantas (Joana Guedes Câmara)	Diulinda Garcia	(elei- ta)
30	Maria Letícia Galvão Nati Cortez	Vaga	
31	(Maria da Natividade Cortez Go- mes)	Gilda Moura	

32	Anete Varela (Ana Augusta da Fonseca Cabral)	Vaga	
33	Etelvina Dulce Lemos de Carvalho	Vaga	
34	Severina Medeiros	Vaga	
35	Maria Célia Pereira	Vaga	
36	Maria Silva Carriço*	Vaga	
37	Helione Dantas	Vaga	
38	Myriam Coeli de Araújo Dantas da Silveira	Antonieta Bittencourt Dutra	
39	Zila da Costa Mamede	Lêda Marinho Varela da Costa	
40	Moema Tinôco da Cunha Lima	Águeda Zerôncio	

(*) Não encontramos a ata que escolheu as Patronas, senão anotações, chamando a atenção para a cadeira 36 que consta apenas o nome de “Maria”, mas em outra lista aparece o nome de Maria Sílvia Carriço; na cadeira 34 consta o nome de Severina Medeiros, como Patrona, mas em outra lista ela não é mencionada. Há uma lista em que a cadeira 28 está sem Patrona. Essas divergências devem ser sanadas numa assembleia geral extraordinária, após prévio levantamento biográfico de cada uma delas.

Oficialmente, no registro do Cartório, os nomes das acadêmicas fundadoras, estão relacionados conforme a certidão que se segue:

CERTIDÃO

ACADEMIA FEMININA DE LETRAS DO RIO GRANDE DO NORTE
SÓCIAS FUNDADORAS



MICROFILMADO

004088
2º OFÍCIO DE NOTAS
RCPJ - NATAL/RN

CERTIDÃO FORNECIDA DE
ACORDO COM O § 1º DO
ART. 19 DA LEI 6.015 / 73.

- **DAISY MARIA GONÇALVES LEITE** ✓
Nacionalidade – Brasileira
Estado Civil – Solteira
Profissão – Professora da UFRN – Aposentada
Endereço – Rua das Algas, 2234 – Conjunto Alagamar – Ponta Negra –
CEP – 59090-410 - Natal-RN
- **ZELMA BEZERRA FURTADO DE MEDEIROS** ✓
Nacionalidade - Brasileira
Estado Civil – Casada
Profissão – Pedagoga
Endereço – Av. das Tulipas, 2736 – Cidade Jardim – Natal–RN
CEP – 59078-220
- **MARIA ALDENITA DE SÁ LEITÃO FONSECA DE SOUSA** ✓
Nacionalidade – Brasileira
Estado Civil – Casada
Profissão – Func. Pública Federal-UFRN / Professora
Endereço – Rua Coronel Santos, 199 Lagoa Nova – Natal–RN
CEP – 59075-190
- **HAIDÉE NÓBREGA SIMÕES** ✓
Nacionalidade – Brasileira
Estado Civil – Casada
Profissão – Professora do Ensino Técnico Federal – ETFRN-CEFET
Endereço – Rua Souza Pinto, 1107 – Tirol – Natal-RN
CEP – 59022-260
- **ANNA MARIA CASCUDO BARRETO** ✓
Nacionalidade – Brasileira
Estado Civil – Casada
Profissão – Procuradora de Justiça / Jornalista
Endereço – Av. Gustavo Guedes, 1748 – Cidade Jardim – Natal-RN
CEP – 59078-380
- **MARIA ANTONIETA BITTENCOURT DUTRA DE SOUZA** ✓
Nacionalidade – Brasileira
Estado Civil – Casada
Profissão – Professora
Endereço – Rua Seridó, 744 – Petrópolis – Natal-RN
CEP – 59020-010

Carolina
DAP - Fm 176

CERTIDÃO

MICROFILMADO

004088

2º OFÍCIO DE NOTAS
RCPJ - NATAL/RN

- **MARIA DAS DORES LUCENA FERNANDES** ✓
Nacionalidade – Brasileira
Estado Civil – Casada
Profissão – Paicanalista / Pedagoga
Endereço – Rua Presidente Gustavo Adolfo, 1320 Aptº 101- Ed. Tharvia –
Barro Vermelho - Natal-RN
CEP – 59030-610 -



Natal, 22 de abril de 2000.

Daisy Maria Gonçalves Leito
Daisy Maria Gonçalves Leito
Presidenta

CERTIDÃO FORNECIDA DE
ACORDO COM O § 1º DO
ART 19 DA LEI 9.715 / 73.



CERTIDÃO

Certifico e dou fé que a presente
participação tem força de certidão pública
de acordo com a lei 6.015, art. 19,
de 13 de maio de 1966 e respectivas
alterações de 31.12.73 e respectivas
alterações de 02 de FEV. 2003.

Cloris Maria de Andrade
Cloris Maria de Andrade
Esc. Autorizada

Cloris Maria de Andrade
OAB-RN 136

Os Estatutos aprovados são de extrema singeleza, compondo-se de apenas nove artigos, deixando o mais do seu funcionamento para o Regimento Interno, que desconhecemos sua existência. Em verdade, por força do Código Civil vigente é necessária a sua reformulação urgente. Afinal, a importância da associação das mulheres intelectuais é irreversível.

REFERÊNCIAS:

CÂMARA, Leide. Apontamentos e documentos do acervo pessoal.

DANTAS, Hélio, livro José Pacheco Dantas, publicado possivelmente nos anos 70

Documentos: certidões, convites, discursos, cerimoniais, editais, memoriais, fotografias, programas, notificações, cartas e anotações.

Jornal de Natal, de 25/02/2002; 04/3/2002 e 08/4/2002, Encartes “Cidade” e Coluna de Paula Frassinetti.

Jornal de Natal, de 15/4/2002 coluna de Márcio César.

O Jornal de Hoje – edição de 06, 9 e 10/3/2002, coluna Cena Urbana, de Vicente Serejo

Podium By Toinho Silveira, 15/3/2002.

Revista FOCO nº 13 – abril, 2002.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – vol. L, 1953.

CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES é escritor e professor aposentado da UFRN. Membro Honorário Vitalício da OAB/RN, Professor Emérito da UFRN, Membro da ANRL, ALEJUR, AML, IHGRN e UBE-RN



CONTOS E CRÔNICAS

Alfredo Neves
2018



MYRIAM DO CÉU

Vicente Serejo

Naquela hora agônica, feita de um longo sofrimento que batia lentamente as horas do fim, caiu nos olhos o aviso terrível numa crônica de Dorian Jorge Freire, como se o seu desespero abrisse uma chaga de dor no silêncio da cidade: ‘Myriam agoniza’.

Era verdade. Mas, só a ele coube a terrível coragem de dizer que ela estava morrendo. E tão suavemente quanto os seus próprios versos. Como se tudo deixasse aqui, e carregasse apenas a dor calma de suas mãos cansadas dos dias e das noites que roubavam sem glória seus últimos instantes de resignação.

Às vezes penso, cavando na consciência a esperança do perdão, que o silêncio da cidade não era de cavalões correndo, numa clara alusão ao poema de Manuel Bandeira, ‘na disparada que não leva a nada’, como escreveu Dorian. Ao mesmo tempo, penso o pior: não estávamos prontos para a compreensão de que uma poetisa nos deixava, depois de um longo padecimento, carne a carne, num imenso sofrimento. Despediu-se numa hora aparentemente de alegria banal e, no entanto, ainda hoje moram no abandono daquela casa em ruínas os versos de sua poesia, tão viva e tão bela, nos seus ais que a nenhum de nós foi dado ouvir.

Lembro como se fosse agora. E nem sei se era carnaval: Dorian reclama de uma alegria que passa. Dos blocos, dos índios, dos maracatus. E avisa, ferino como um punhal: ‘Eu estou avisando. Alertando, advertindo’. E enfia a faca só lâmina, como no verso agudo de João Cabral, tocando os sinos tristes do corvo agourento de Edgar Allan Poe: ‘Nunca mais. Nunca mais’. Myriam Coeli estava morrendo em algum lugar da sua vila, e as ruas cheias de

alegria, como se não coubesse nas suas almas que são suas veias, a canção da despedida, tão tristemente a correr, afogando-se nas águas mudas do rio.

Dorian acompanhou os últimos dias e as últimas horas de Myriam Coeli ao longo de três crônicas, no seu desespero existencial e humano que um intelectual pode sentir com sua alma de cronista, esse anotador de alegrias e tristezas. Um lirismo contido. Sufocado. Como se fosse uma hora proibida para falar de poesia. Mas, era uma poetisa que estava morrendo. Uma vida que se esvaía, depois de esvaír-se em versos, ela que um dia, num calmo desespero e numa confissão delicada, disse acreditar na fraternidade da própria morte como a última esperança.

Na primeira crônica, Dorian avisa, triste, triste, a gritar sobre os telhados da cidade: ‘Myriam está morrendo!’ Como se os últimos silêncios da poetisa cavassem abismos na sua própria ausência, perdida que ia ficando, distante. No seu olhar humano, o cronista salta de sua própria solidão para avisar que àquela hora, na solidão absoluta, iniciava a sua viagem. A repetir, no mistério de um segredo sublime feito das palavras nuas, com as quais avisou sua ‘pobre e vã alegria de viver’.

No domingo seguinte, oito dias depois, na segunda crônica de Dorian, Myriam ainda agoniza no calvário das almas que sofrem. E Dorian, sem sossego. A pedir perdão em nome da cidade sem ouvidos, sem olhos, feita dos que iam e vinham nos dias de um carnaval anunciado. Viviam a vida banal, de agitações bandeiradamente sem finalidade. Todos os que acordavam, trabalhavam, iam e voltavam, e sequer notavam que em algum lugar uma poetisa, entre vivência e sobrevivência, vivia a profunda solidão da morte.

Na crônica seguinte, a terceira estação, a última: ‘Myriam descansa’. O cronista lembra que avisou. Alertou para a indiferença dos que viviam como se nada estivesse acontecendo em alguma rua antiga da cidade. É quando ele olha a morte como ninguém nunca olhou. E conclui: ‘Morre-se sozinho’. E pergunta: “Haverá entre o

mundo e o céu verdade mais grave?”. E fecha - singelo e belíssimo, também numa cerimônia de adeus: ‘Deixou de ser Myriam Coeli. Readquiriu sua identidade eterna: Maria do Céu’.

VICENTE SEREJO é escritor, jornalista e professor aposentado da UFRN, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais. Autor de “Cena Urbana”, “Cartas da Redinha” e “Canção da Noite Lilás”.

O CIRCO

Eider Furtado

Vivíamos uma tarde sombria, com o céu pontilhado de pedaços de nuvens que poderiam transformar-se ou converter-se em chuviscos, e eu, caminhando descompromissado com o tempo, alheio ao que se passava ao meu entorno. De repente, nada mais que de repente, diante dos meus olhos a empanada, ou seja, a cobertura de um circo, era do Le Cirque, a primeira vez em Natal, parece.

Interessante o circo da criança que eu era, igual ao que estava ali desafiando minha memória, com seus palhaços, com seus trapezistas, com seu globo da morte, três terríveis acrobatas montados em suas motocicletas, em velocidade extrema — Virgem Maria, não gosto nem de pensar. Tudo igualzinho ao circo de minha infância, arrebatando frenéticos aplausos da plateia que estava ali esquecendo suas dificuldades. Piadas que há séculos já eram repetidas, mas renovadas quanto ao modo de serem contadas.

Sem ter o que fazer, comprei meu bilhete de entrada e procurei assentar-me o mais perto quanto possível do palco de barro batido e constantemente molhado para evitar poeira que incomoda. E gargalhei quanto podia, sem ter quem me calasse, aplaudi as piruetas desenhadas no globo da morte, alguns momentos a ser criança incorrigível nos seus hábitos, comi pipocas, saboreei picolés, enfim fartei-me de comer.

Depois fiquei raciocinando que o circo é, para alguns, o teatro dos mais pobres que não podem pagar R\$150,00 por uma sessão de teatro. O circo na verdade está envelhecendo. Seus atores, sobretudo os trapezistas, já não se mostram tão dispostos a enfrentar os aparentes riscos da profissão, desafiadora para os jovens, imaginem para os que não são mais.

Peguei-me saindo do circo com vontade de voltar para ouvir as mesmas bobagens, mas ainda com um pouco do meu tempo de desocupado. Pena que os grandes circos não cheguem por aqui. No Rio, em São Paulo, há circos modernamente instalados, confundindo-se com os grandes teatros, com apresentações de comédias de alto nível. Tamanhas as montagens que conquistam públicos mais exigentes.

Como os circos nos fazem crianças, levando-nos ainda que seja por instantes, a um novo universo no qual as estrelas brincam trocando de lugar num espaço que não conseguimos medir, ou valendo-se de qualquer sombra perdida no seu próprio devaneio.

Quanto a nós é certo que os palhaços nos fazem voltar a ser crianças, com seus malabaristas cansados da batalha que se repete todos os dias, mas, também é certo que os palhaços também sabem rir. E viva o Circo.

EIDER FURTADO é escritor e advogado. Membro da Academia Norte-riograndense de Letras. Autor de “Audiência de um Tempo Vivido” e outros livros.

SEPARAÇÃO

Clauder Arcanjo

— Uma mesa para o casal?

Nem ele, nem ela responderam ao garçom. Segundos longos.

Sem resposta, ele fez um gesto com a mão direita e os conduziu para a área reservada, mais ao fundo.

Saiu e voltou com o cardápio. Ressabiado, afastou-se, como se incomodado com aquele silêncio à mesa.

Minutos depois, retornou e esperou. Caderneta em punho, a caneta apontada para o papel, os olhos de serviço como se fugindo dos dois.

— O de sempre para mim.

O rabisco da esferográfica fazia o único arremedo de diálogo.

— Para mim, também. O de sempre — emendou a senhora.

Acostumado a servi-los, em separado, quase que se confundiu com os pedidos. Como forma de evitar vexame, ele resolveu quebrar a mudez.

— Uma água com gás e um café expresso, pequeno, para o senhor. E, para a senhora, um suco de abacaxi com hortelã, já batido com cinco gotas do adoçante, e uma empada média de frango e ricota. Confere?

Os dois responderam-lhe com os olhos. Um discreto piscar de afirmativo.

Cuidou de sair da mesa, a levar o pedido ao balcão.

Antes de passar a nota para a cozinha, encostou-se à coluna de granito, como se se recobrando do esforço (ou da emoção?) de não transmitir tamanha alegria em revê-los juntos.

Ao longo do ano, acompanhou a separação do casal. Lembrava-se, claramente, do estado em que lhe servira o primeiro café expresso, há exatas cinquenta e duas semanas.

“Ele quase não levou a xícara aos lábios trêmulos, mexendo o café com adoçante seguidas vezes. A água com gás servida na taça elegante ao lado; os *Diários*, de Kafka, sobre a mesa. Como se abandonado, relegado ao desprezo. Incomodado com aqueles olhos baixos, e com a dor que lhe escorria dos lábios finos, eu encostei-me, pondo a minha mão direita sobre o seu ombro esquerdo. ‘— A vida tem dessas coisas, senhor!’ Senti, lembro muito bem, vergonha daquela torpe afirmação. Seria consequência dos livros de autoajuda que eu andara lendo? Coisas pescadas daqueles tomos usados, já esquecidos pela minha companheira na escrivaninha do quarto e sala. Ele voltou-me os olhos, e eu quase fugi ao vê-lo submerso em um mar, revoltado, de agonia e aflição. Nas semanas seguintes, no mesmo horário, fim da tarde, ele voltava, e eu o servia. Passei a oferecer-lhe tão somente a minha companhia, solidária mas calada. Certas aflições, inferia, só o tempo tem a prescrição certa, a droga exata, não para curar, somente para remendar, cicatrizar, evitar a exposição ao mundo tão pragmático. Ao fim de cada mês, um novo livro como companhia. *A náusea*, de Sartre; *Vidas secas*, de Graciliano Ramos; *O estrangeiro*, de Albert Camus; *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis; *Enfermaria N. 6*, de Tchekhov; *Revolução dos bichos*, de George Orwell; *Crime e castigo*, de Dostoiévski; *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar; *Ilusões perdidas*, de Balzac; *Estrada nova*, de Cyro Martins. Eu passava, gravava o título, e cuidava de adquiri-los no sebo no Centro. Aos trancos e barrancos, minha leitura não era das melhores, li essas obras, e passei a gostar daquele homem; a acompanhar, silente e solidário, se posso dizer assim, aquele drama humano. Até que, mês passado, ele voltou com outro Kafka, *A metamorfose*. Quando comecei a ler a transformação de Gregor Samsa, algo me deixara deveras inquieto. Já com relação a ela, de início,

confesso, senti o reverso da medalha: mais solta, mais livre, a cada nova semana. Sempre ao meio-dia, a presença dela no balcão. Pedia-me o seu indefectível suco de abacaxi com hortelã ('cinco gotas de stévia, não mais') e, como arremate, uma empada média de frango e queijo ricota. Tão só com os dias, foi que eu passei a desvendar o embuçado por trás de tanta conversa entremeada com risos altos e largos. Numa espécie de disfarce, ela se vestia de palavras e de gestos amplos. Suas mãos me revelaram (ou a traíram?) o seu real calvário. '— A vida tem dessas coisas, senhora!' Senti, relembro-me, tão claramente, da vergonha daquela minha abordagem. Ela calou-se e mexeu, seguidas vezes, com o guardanapo, amassando-o; os dedos trêmulos. Largou uma cédula alta sobre o balcão, copiosa gorjeta, e retirou-se, sem se despedir. Passou sete dias sem dar sinal de vida. Numa segunda-feira, mergulhada numa chuvinha impiedosa, ela se (re)aproximou do balcão e tocou no meu ombro esquerdo. 'O de sempre!' Seus olhos denotavam um cansaço singular. A partir daí, só falava-me de viagens. Cada semana, um país ou uma cidade (exóticos, para mim) cada vez mais distantes. Islândia, Marrocos, Ancara, Tanzânia, Síria, Macau, Nepal, Cingapura, Adelaide, Malásia, Lituânia. Passei a seguir o seu mapa. Naveguei no Atlas, que eu adquirira há tempo e nunca mais usara. Completava meus 'estudos' nos sítios da internet, especializados em geografia, bem como em história e em tradição de diferentes povos e nações. Na última semana, vestida com um vestido mais longo, quase de gala, ela portava um guia de Praga, na República Tcheca. Não me dirigiu a palavra; sentou-se ao balcão, tomou o seu suco, quase não tocou na empada, pagou e saiu. Nos seus olhos, um acento de mudança. Uma quietude de quem descobrira o conforto do silêncio."

E, agora, de bandeja nas mãos trêmulas, o garçom volta à mesa, mesa que preparara para os dois, para servi-los. Algo o inquieta.

— O de sempre, amigos — avisa-os.

Com o reencontro do casal, ele desaba, os olhos fugindo dos dois:

— E como ficarei sem as visitas diárias dos dois, digam-me?
Como eu ficarei, me digam?

CLAUDER ARCANJO é escritor, editor e Engenheiro Civil. Autor de “Licânia”, “Novenário de Espinhos” e outros livros. Membro da Academia Norte-riograndense de Letras e outras instituições culturais.

PORTUGAL: IMAGENS DISPERSAS

Manoel Omafre Jr.

Do meu livro “Portão de Embarque 2 : Portugal” (Sarau das Letras, 2012) pincei, para publicação neste espaço, alguns trechos que retratam passagens memoráveis das minhas andanças na terra de Eça e Pessoa.

LISBOA

Vista do alto do Castelo de São Jorge, Lisboa lembra um pouco Salvador. Colinas povoadas de velhos sobrados sugerem ângulos do Pelourinho, e o Tejo, espreado, sereno, ao fundo, parece a baía de Todos os Santos. Mas, a semelhança entre as duas cidades fica apenas no visual. Lisboa é bem comportada.

-0-

O Tejo vem sacudir o lençol azul das águas aos pés da Torre de Belém. Corre no ar da manhã um forte cheiro de peixe. Atravesso a passarela metálica e estou no portão de entrada, junto com outros visitantes aguardando a vez de ingressar nesse monumento arquitetônico símbolo do Portugal quinhentista.

-0-

Bairro Alto. Durante o dia, aquela calma de cidade provinciana, os antigos sobrados, modorrentos, alguns com lindas fachadas azulejadas, compondo cenários muito líricos e nostálgicos. A gente até sente vontade de dizer, como no fado: “ Ollhai, senhores/ Essa Lisboa de outras eras”. Mas, à noite - dizem-me - o reduto boêmio pulsa forte.

-0-

No Oceanário de Lisboa, esqueço-me do mundo, vendo o balé dos peixes. Aquele lá, compridão, tem um ar triste, parece lançar-me olhares cúmplices. Já aquele outro, o tubarão-touro, dentes afiados à mostra, passa, autossuficiente, dono do mundo, a cara de poucos amigos, como não podia deixar de ser. Quantos peixes mais... Arraias voam dentro da água azulada. Mas, olha lá, aquele não é peixe, é ave e nada com desenvoltura. É um pinguim.

PORTO

Estendendo-se às margens do rio Douro, o casario despenca até ao fundo vale e esbarra na Ribeira. Cenários espetaculares. Um bom fotógrafo aqui tem pano pras mangas.

-0-

Vou indo em procura da igreja de São Francisco na manhã silenciosa e fria. De súbito, como pássaros em revoada, os sons do carrilhão de Santo Ildefonso. Alumbramento.

ALCOCHETE

O crepúsculo encenava-se sobre Lisboa, no outro lado do Tejo. Espetáculo grandioso, inesquecível. Um grande floco de núvem tingia-se de rosa, um rosa luminoso que eu nunca tinha visto, e tenho certeza de que nunca mais verei. As águas do Tejo vinham bater, suavemente, na mureta beira-rio, e uns pequenos barcos, ao largo, no embalo das ondas, dançavam a sua estranha valsa, compondo a paisagem cartão-postal.

Depois- era noite já – batemos pernas pelo centro histórico. Ninguém nas ruas, tudo tão calmo! Parecia a cidadezinha da minha infância. Sim, era Martins, rediviva.

ÉVORA

O encanto dessa cidade começa no nome: Évora. Reparem na beleza de sons : Évora ! Parece nome de flor. Imagino um alegre canteiro de évoras...

-0-

Após subir longa escadaria, passeio por cima do teto da Sé (não há telhas, só uma cobertura de lajotas de cerâmica ou coisa parecida) e me encanto. O estupendo coruchéu cônico, com cobertura de pedra em “escamas”, à volta do qual se dispõem oito torrinhãs, também estas encimadas por coruchéis cônicos e guarnecidas com torrinhãs, ainda menores - visão magnífica, enche-me o olhar. Além de tudo, a paisagem que do alto se descortina: toda a cidade e arredores – campos cultivados, oliveiras dispersas, gordas matronas no verde-fosco da folhagem, e, ao longe, a moldura azul das serras.

GUARDA.

Mágica visão, na manhã cinzenta e fria: a névoa cai como um véu branco, esgarçado, sobre a Sé.

-0-

Visito a Torre de Menagem do antigo Castelo, enorme cubo de granito, em ruínas, fincado no alto de um outeiro. A névoa tudo encobre. É pena; aqui em cima a vista da cidade deve ser belíssima.

No pequeno parque em volta da torre, tudo deserto. Silêncio. Aos pés do outeiro um velho cemitério dorme. Passam, ao largo, dois vultos meio desfeitos na névoa. Seriam fantasmas?

MANOEL ONOFRE JR. é desembargador aposentado e escritor . Autor de “Chão dos Simples”, “O Caçador de Jandaíras”, “Ficcionistas Potiguanes” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais.

O POEMA PERDIDO

Lívio Oliveira

Perdi um poema. Alguns vão dizer: e daí? Mas é que a perda desse poema me fez mal. Deixou-me embaraçado, desconfortável, vazio, com o olhar também perdido no horizonte. Sei que nem todos podem e nem precisam compreender. Isso é coisa que se passa numa alma sensível, errante e fragilizada diante do esquecimento de palavras que lhe eram essenciais. Essenciais à existência mesma. Como o pão e a água. Como o vinho e o leite derramados.

Não adianta chorar. Talvez não. Talvez não seja preciso. Preciso mesmo é e será sempre navegar. Navegar no poema e na poesia. Navegar numa vida que se quer fazer diferenciada. Uma vida em que se busque o tempo e as condições para ver a lua e o luar, para ver o mar e suas ondas, para ouvir as canções das sereias e tocar nas cores de um arco-íris ao final da chuva fina. A vida, já dizia o poeta, “vem em ondas como o mar.”

É no mar ou num palheiro onde procuro por esse poema perdido, essa agulha, essa fagulha de beleza. Talvez nunca mais o encontre, mas sigo teimando na busca da alegria do reencontro, como quem almeja desesperadamente rever um amor que se foi e que não deu mais sinais e nem esperanças de voltar.

Algum dia o terei entre as mãos e diante dos olhos? Conseguirei transpor em grafite para um pequeno papel amassado e cheio de bolor o poema que de mim se rebelou e fugiu? Não sei. E isso me traz a amargura toda de quem se distanciou do objeto amado, da pequena criação com a qual se conviveu por tão pouco tempo. Tempo precioso. Mesmo que difícil. Mesmo que ingrato.

Tempo, tempo, tempo... Que tempo é esse nosso em que não se luta mais por um poema como se lutaria por um reino ou por uma princesa de longos cabelos, sequestrada no alto da torre? Não

garanto ser esse o meu tempo. Não me certifico de ser esse o meu país, o meu mundo. Os guerreiros poderosos de hoje lutam por outros objetos de desejo, algo que não considero tão nobre. Notas de dinheiro e moedas de ouro, carruagens brilhosas emplacadas com prata falsa, voos em pássaros metálicos, castelos inexpugnáveis...impermeáveis menos ao sonho. Nada disso supera um poema. E nada disso supera a dor da perda de um poema.

Mantenho, sim, os dois pés no chão. Um chão de barro vermelho, um chão que guarda as raízes de uma mangueira ancestral, um chão em que pisam felinos e passarinhos colhendo alimentos, um chão em que deitarei minhas cinzas e minhas palavras quando todas as palavras e poemas serão, então e definitivamente, esquecidos.

Talvez fosse o caso de colocar um anúncio em algum jornal à procura do meu poema perdido. Deixa pra lá! Alguém disse que o encontrarei, em algum momento, mesmo que longínquo dentro de mim mesmo. Alguém também disse que se a poesia não se perdeu, o poema também nunca se faria perdido, apenas estaria esperando nalgum lugar remoto, nos últimos escaninhos da memória e da sensibilidade. Perder um poema pode ser doloroso, angustiante, mas perder a poesia seria muito pior. E essa é minha amiga dileta. Nunca a perderei de vista. Nunca a perderei.

LÍVIO OLIVEIRA é Procurador Federal, poeta e escritor. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do IHGRN e da UBE/RN. Autor de “O Colecionador de Horas”, “O Teorema da Feira” e vários outros livros.

TIA DONDOCA

Thiago Galdino

... Também, que ideia, mexer com o que está quieto.

“Os maiores prazeres da vida”, dizia Lulinha, filosofando, “são mulheres e dinheiro. Nestes pontos, quanto mais, melhor”. O mais gozado de tudo isso é que ninguém nunca viu Lulinha com uma mulher, muito menos com algum trocado no bolso. Soltando pipa, sim, até que era fácil de avistar, nos domingos, lá no fundo do campinho. Mas também, aposto que era mentira, a gente nem fez dezessete anos... sei lá, não duvido nem acredito. “Pra ser boa pinta”, ele continuava, com aquele sorriso maroto que não ajudava em nada a confiança na sua história, “o segredo é rodar sem camisa, mostrando o físico, a mulherada cai em cima. Se der sorte de esbarrar numa coroa com grana, melhor ainda, o tiro foi mais que certo”. Até aí tudo bem, sem problemas, mas não é que o sacana inventou de mostrar o abdome justamente na frente do tio Antenor, que fumava na calçada?! Ia dar encrenca, já conhecia. Pelo brinco nem tanto, que ele já tinha se acostumado, mas a tatuagem na barriga... Ah, que tio Antenor não ia aceitar nunquinha! Até ficaria calado, olhando de canto, mas quando o Lulinha saísse, a zoeira ia correr solta. Nunca mais que eu ia poder estar com ele.

Quando me dei por desenganado, porém, só vendo pra acreditar. Tio Antenor jogou no esgoto a bituca do cigarro e perguntou pro Lulinha se ele não queria ganhar “uma onça” fingindo ser gatuno. “Gatuno?!”, Lulinha repetiu, já que nunca tinha ouvido aquela palavra engraçada. “Sim, gatuno, um ladrãozinho barato”. Então ele ficou tentado, falou que ia ser legal, e os dois apertaram as mãos.

Não sabia se me admirava com o tio Antenor, pela proposta sem modos, ou com o safado do Lulinha, que topava qualquer pa-

rada em troca de alguma coisa. O sem vergonha ainda foi embora rindo, feliz da vida, contando vantagem por conta daquilo. Tio Antenor acendeu outro cigarro, continuou sentado na dele, como se fosse tudo normal. “Inventar um roubo, tio?”, falei. “É por uma boa causa.”, ele disse, e fiquei confuso. Como que é por uma boa causa que se inventa um negócio desses?, pensei comigo, mas continuei quieto. “O menino é bom pro serviço, com jeito de malandro, uma malíciuzinha até. Depois a gente revela a brincadeira, ele devolve tudo... Só assim sua tia deixa de lado aquelas esquisitices dela. Convide a gente toda, vamos fazer uma ceia de Natal, e lá a gente põe o plano em prática”.

Na hora achei de mau gosto, sem graça, mas há um bocado que a gente não tem festinha... Por tia Dodoca, nunca mais que a gente fazia. Falava tanto em assalto que nas paredes tinham mais Cristos que quadros. Andar sem um tercinho no braço, deus do céu, era pedir pra ser assaltado. Ainda me lembro do Marquinhos emburrado, no carnaval, porque não fizeram bloco. “Os arruaceiros descem furtando, todo ano piora; passou no jornal agorinha. Inda mais com as portas abertas, as mesas de fora”, era a desculpa que dava. E o jantar de São João, na capela? Nem pensar! “Uns molequinhos roubaram a igreja, mês passado. Até as hóstias levaram, derrubaram Jesus da cruz, imagine com nós, o que não fazem?”.

Certeza que herdou de vovó esse medo de viver. Dona Guilhermina, tio Antenor contava, vivia a espiar pelas frestas cada passo dos vizinhos. Nem a sombra lhe escapava. Os gatos, quando roubavam a carne esquecida na pia, dizia ser o ato encomenda de alguém. Pode uma coisa dessas?... Mas também, aposto que era mentira... sei lá, não duvido nem acredito. Pra sair de lá, após o café, só depois que conferisse suas xícaras no armário. “Tem gente que esquece...”.

Pois tia Dodoca era a cópia, cuspidinha e escarrada. Se não pior. É tanta história que quase foge à memória. Serafina, por exemplo, se deu mal quando trouxe o namorado novo. Foi mais ou menos desta forma: Ela, Serafina, fazia tempo que se encontra-

va na pracinha com um moço, e mais tempo vinha convencendo ele a conhecer sua família. E ele desconversando. Um dia, ela foi bem direta, “ou vai ou acaba!”, e ele acabou indo. Só que ela se esqueceu de combinar isso em casa, e foi aí que danou-se tudo. Serafina, no quarto, passando ferro no cabelo pra ficar bonita, e o moço sozinho, esperando no sofá, pois tio Antenor tinha saído pra comprar cigarros. De repente aparece tia Dodoca, vindo do mercadinho, e vê o sujeito ali, de folga. Ah, que não prestou mesmo! Tia Dodoca chamou a polícia, prenderam o rapaz, enganado, e só quando amanheceu soltaram. Foi um vexame daqueles. O namoro se desfez, claro, e Serafina nunca mais que convidou outra pessoa. Até hoje fica vermelha quando lembra.

Daí, a coisa já estava ficando preta, mas foi com o cachorro do Matias, meu outro primo, que tudo saiu dos eixos de uma vez. Parece conversa, mas tia Dodoca arranhou um pé-duro, de olho caído, e o nomeou de Oliveira. Matias logo protestou: “Oliveira, mãe? Isso lá é nome de bicho!”. Ela respondeu: “Justamente, meu filho. Com nome de gente, quem se arrisca a entrar aqui?”. E todas as noites, sem falta, gritava atrás do medroso, aposto que pro povo escutar.

Então, passada uma quinzena, tio Antenor deu a notícia, firme: Ia preparar um festejo natalino. “Isso não dá certo, Nonô! Os presos soltos no mundo, nessas saidinhas de final de ano. Já pensou se acontece uma desgraça?”. Tia Dodoca, quando nervosa, arregalava os olhos. Juro que, por pouco eles não caíram no chão. Tio Antenor nem se importou; pegou o isqueiro e se foi.

A ceia de Natal, como era de se esperar, foi uma algazarra total. Lá estávamos, parentes e vizinhos, perto da rua, em volta das mesas, o cheiro do chester provocando o apetite. Tia Dodoca, a contragosto, se juntava a nós, o olhar fuzilante em Tio Antenor que, relaxado, repetia a cajuína. A essa altura eu já esperava pelo Lulinha, e foi só pensar que aquele sujeito dobrou a esquina, com uma meia-calça amarrada na cara e gritando “assalto!”. Foi um deus nos acuda de gente correndo e vasilhas caindo. Como se fosse tudo normal,

Tio Antenor continuou sentado na dele e acendeu outro cigarro. O sujeito da cara coberta então lhe pediu o maço, o dinheiro do bolso e correu, deixando pra trás somente o isqueiro.

No dia seguinte Lulinha apareceu como se nada tivesse acontecido. Tio Antenor, gargalhando, pediu de volta os duzentos roubados, aplaudindo com gosto a peça pregada. Lulinha então se endireitou, surpreso; depois falou: “E era ontem?”.

THIAGO GALDINO nasceu em Mossoró, RN, em 6 de setembro de 1993. É autor de “Suspeitas de um Mistério” e “Novos Contos Potiguares”. Colabora em jornais, revistas e portais literários. É sócio efetivo do Instituto Cultural do Oeste Potiguar – ICOP.

INVOLUÇÃO DA ESPÉCIE

Elder Heronildes

“Deus, faça-me de novo”, elevava a voz numa espécie de tresloucada exortação, ou aclamação, extortorizada.

Não me deixai embeber de mim mesmo, pois a vida já não me pertence e não sei onde está seu começo e seu fim. Já não faz sentido.

Eu não sou mais aquele que era mas aquele que era, e não fui. O que fiz, não fiz por mim, nem de mim saiu. Os meus pecados não são, e nem podem ser aqueles que criei, que dei vida, que saíram de mim, mas sem ter de mim, o menor sentimento ou emoção. Ou peso.

Saíram como fruto das minhas elucubrações mentais, em longas e prolongadas vigílias, por mim buriladas em escritos contaminados, não por mim, mas por eles mesmos, com uma indocilidade nunca vista por ninguém em qualquer tempo.

Eles têm vida própria. Não vivem em mim, nem eu neles. Simplesmente eles existem, neles próprios. Não em mim, que já não sou.

Eles se parecem, mas não são. Reencontram-se, mas se perdem. Voltam hoje, como se ontem fora e nada representam, nem a própria vida, em si. Que não é deles.

Fortuitamente, vão e não vão. Saem e não saem. Existem, repetidamente, sem existirem. Por isso, calam para sempre. Num silêncio sepulcral. Eternamente, parece.

Sofrem por eles, como se sofrer pelo que não existe, pudesse se concretizar.

A dor não pode existir, sem ninguém a recebê-la, pois não seria dor, mas uma abstração. Sequer, num voo silencioso. Impensadamente fazendo por si só. Não existe no vácuo. Não se transforma

em ecos. Os sons são para dentro, não para fora. Os ruídos são sussurros inferiores e interiores.

Bastam-se a si mesmos.

Aprofundam-se no ser, insensivelmente transformados no sensível abstrato. Como sempre, sem fim. E sem começo. O que se torna, repetidamente, indecifrável.

Implorando ao Ser supremo para ser de novo, numa repetição de criação impossível.

Uma exortação terrificante, sem pé, sem cabeça, sem membros e o que é pior: sem sentido, pois nem dentro e nem fora da matéria ou do espírito. No ar, como se pudesse se sustentar na atmosfera, sem ser.

A espécie infecunda, retorna ao nada, de onde veio.

Quebra assim, o processo existencial, fecundando sem dar origem, pondo fim, sem ter tido começo.

ELDER HERONILDES é escritor e advogado, autor de “A Rua de Jaime” e outros livros. Presidente da Academia Mossoroense de Letras (AMOL) e ocupa a adeira nº 37 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



HUMOR NOSSO DE CADA DIA

Alfredo Neves
2018



MEMÓRIA POPULAR

(FOLCLORE POLÍTICO E SOCIAL)

Valério Mesquita

01) Em São Paulo do Potengi, nos bons tempos do monsenhor Expedito Medeiros, me chega a história acontecida à época de momentosa campanha eleitoral. O padre não se envolvia diretamente nas disputas mas, nas entrelinhas, externava sua preferência. Sub-repticiamente. Ou no popular, por debaixo do pano. Na campanha eleitoral das mulheres contra os homens, a verve popular criou a designação de peruas para classificar a candidata a prefeita Nini Souto e sua vice contra Geraldo Macêdo e seu companheiro de chapa. Aqui e acolá, nas aparições públicas do vigário, o pessoal gostava de indagar: “E, aí monsenhor, com quem o senhor está?”. Expedito Medeiros, arguto, sutil e despistador, respondia: “Eu não estou com ninguém. Apenas estou piruando”. Estava quebrado o decoro e dado o recado.

02) Veríssimo de Melo, o saudoso Vivi, escritor, folclorista, membro da Academia Norte-Riograndense de Letras, foi lembrado recentemente no Conselho de Cultura – do qual foi presidente – pelo poeta Diógenes da Cunha Lima. Narrou várias histórias hilárias de Vivi, sublinhando duas que atestam o seu temperamento brincalhão e criativo. Numa noite de autógrafos de um dos seus livros, achava-se na fila o coronel Cleantho Homem de Siqueira. Na dedicatória, Veríssimo foi mais Vivi que nunca: “Ao coronel Cleantho, herói de Monte Castelo e do restaurante Universitário, oferece Vivi”. Outro oferecimento insólito com a marca registrada do escritor foi no exemplar dedicado ao poeta Augusto Severo Neto que lhe fizera, dias atrás, uma crítica literária. Inconformado, Veríssimo deu o troco: “Para Augusto Severo Neto, poeta que inventei e depois me arrependi, cordialmente, Vivi”.

03) O doutor. Antônio Soares foi uma das mais respeitáveis figuras da magistratura do Rio Grande do Norte. Pai do saudoso professor da UFRN Antônio Soares Filho, ex-deputado, escritor, secretário de Estado e intelectual. Lá pelos anos trinta, quarenta, seu pai era juiz de direito na capital e se caracterizava pela probidade e pontualidade nos compromissos do fórum. Outro não menos conspícuo era o tabelião Miguel Leandro, de voz forte e discursiva e palavrado solene e protocolar. O juiz Antônio Soares residia vizinho a uma família cujo filho sofria das faculdades mentais. Certa tarde, coisa que não acontecia, o ínclito escrivão Miguel Leandro afligiu-se com o atraso do magistrado a uma audiência no cartório. Preocupado, despachou o oficial de justiça até a sua casa para saber o que estava acontecendo. Lá chegando, bateu palmas e perguntou pelo doutor Antônio Soares, umas duas vezes. Como ninguém da casa respondeu, o funcionário ouviu da residência ao lado, um homem informar: “Tá não. Tá na casa da rapariga!”. Surpreso, olhos arregalados, o oficial de justiça deu por concluída a missão e voltou pro cartório. “Seu Leandro”, disse assustado o servidor judiciário, na presença das partes, “disseram que o juiz está na casa da rapariga!”. Aquilo soou como uma bomba. Indignado, apoiado na ponta dos pés, Miguel Leandro rebateu: “Protesto, protesto, isso é uma ignomínia!”. E foi por ai debulhando palavras clássicas do seu repertório.

04) Comício em Brejinho, terra do folclórico ex-prefeito Avelino Matias, vulgo “Meu Pai” e figura conhecida em todo o Agreste do Rio Grande do Norte. Avelino discursava inflamado no palanque: “”Nóis” vai melhorar a educação do município. “Agente” “vamo” melhorar a saúde do povo de Brejinho. “Agente” “vamo” trabalhar pelos mais pobres e “nóis” vai ajeitar as estradas”. Nisso, a sua filha, prefeita do município, ao seu ouvido, resolveu corrigir: “Pai, empregue o plural”. Aí Avelino soltou-se todo: “”Nóis” vai arranjar emprego por plural, o pai do plural, a mãe do plural, pra “famia” toda!!”. A emenda foi pior, com toda certeza.

05) Avelino Matias, certa vez, discursava calorosamente na solenidade de formatura dos concluintes do 2º grau, de sua ter-

ra, quando num arroubo estatístico, enfatizou: “Isso aqui, Dr. João “Fostino” é que é educação. Minha “fia”, por exemplo, em Natal estuda medicina na faculdade de Direito!”. Foi o contraponto da oração que João não queria ouvir.

06) Passageiros natalenses em voo não podem ver mulher bonita porque vira turba multa. Assim aconteceu no percurso Natal/ Brasília anos passados. Tudo começou no aeroporto Augusto Severo quando uma mulher estonteante, modelada e morena começou a ser importunada por olhares difusos e confusos. Já embarcada e acomodada na primeira poltrona continuava vítima do grupinho alegre que logo se formou conversando alto futilidades para chamar a sua atenção. Mas a irrevelável identidade pairava no ar pressurizado da aeronave. As coxas torneadas, os óculos escuros escondiam um rosto bonito de femme fatale. “Atenção senhores passageiros. Aterrissamos no Aeroporto de Brasília. Pedimos que ao desembarcar não esqueçam a sua bagagem de mão. A TAM agradece o privilégio de tê-los a bordo”. Depois do “boa tarde” do piloto foi aquele rebulição. Todos queriam chegar perto da belle du jour. Acompanhar os seus passos, adivinhar o seu destino ou, quem sabe, oferecer uma carona amiga. A linda mulher postou-se ativa e maravilhosa na área externa do aeroporto e parecia aguardar com discretos mas impacientes olhares o seu veículo ou a sua carruagem real. À espreita, o grupinho apostava as últimas fichas de semicadastrados. Quando, de repente, um apressado automóvel preto estacionou e uma voz conhecida saiu do banco traseiro com inconfundível sotaque natalense: “Meu amor tô aqui!”. Era o nosso querido Lavô em arrebatado e vespéral galanteio. Com o veículo em movimento para um destino imprevisível, o frustrado grupinho ainda viu as silhuetas se beijando como pano de fundo. E mistério foi o que nunca faltou nas aventuras de Lavô.

07) Nas suas andanças políticas pelo Oeste, João Faustino Ferreira Neto trouxe-me uma história de um correligionário singular do Dr. Mousinho, líder político de Alexandria. Como médico, atendia aos seus correligionários em toda parte. Um deles, foi se queixar de uma rebelde prisão de ventre. O médico receitou-lhe

um laxativo pronto e eficaz. Dia seguinte, o enfezado eleitor retornou para dizer que o remédio não fizera efeito. Dr. Mousinho aviou uma receita de três potentes comprimidos afirmando-lhe que, dessa vez, daria certo. Desolado, após uma noite indormida de busca do reflexo defecatório, queixou-se: “Doutor, eu estou mesmo entupido. Tenho que ser operado”. A impactação fecal do paciente era famosa na cidade. O Dr. Mousinho, impressionado, passou a examinar detidamente o paciente e detectou um fato estranho que lhe fez formular uma pergunta: “Quando você se senta no aparelho, onde você acomoda essa enorme genitália?”. “Fica dentro da tampa mesmo”, respondeu o obstruído doente. “Então”, diagnosticou o Dr. Mousinho, “coloque ela pra fora da tampa. Seu problema é “cucomêdo”. E encerrou a consulta.

08) Viajar e conhecer o mundo foi sempre disposição permanente em Diógenes da Cunha Lima. Europa, França e Bahia, como resumiu um poeta. Ultimamente visitou Praga, capital da República Checa, de povo, costumes e idiomas diferentes. Liderado por um guia que achou muito parecido fisicamente com o saudoso poeta Luís Carlos Guimarães, aí é que o presidente de nossa Academia de Letras tomou gosto pelo passeio juntamente com o seu grupo de turistas. Lá prá s tantas, começou a se impressionar com o vocabulário e o significado misterioso das palavras do idioma tcheco com o nosso português. O guia, de forma natural e compenetrada, pediu ao grupo que aguardasse um pouco pois ia vestir a bunda para dar a largada. A bunda? A bunda? Foi a indagação estarecida de alguns visitantes. Não mais que de repente, viram que bunda não era aquilo que pensavam. Simplesmente bunda na língua de Praga significava jaqueta. Após os risos convencionais e naturais, o pessoal passou a refletir como as lojas tchecas anunciam a comercialização de jaquetas. “vendem-se bundas”. “Atenção, não perca a grande liquidação de bundas, só até amanhã”. “Bundas de couro especial e resistente só na Loja do Varachislov”. “Na loja do Puskas as bundas não amassam, nem perdem o vinco”. “Na lavanderia de Milosovic você lava duas bundas pelo preço de uma”. “Bundas de

todos os tamanhos e cores só com Wanda Lapenda”. Bem, aí o leitor pode deduzir o quanto não passou pela imaginação de Diógenes da Cunha Lima que já estava vendo em cada tcheco que passava uma bunda em vez de uma cara. Talvez, daí, tenha surgido o nome da célebre revista brasileira.

09) Romildo Gurgel sempre foi adepto de um carteador, tanto no Natal Clube como no América. Com aquele formidável corpanzil, muito se parecia com o também gordo ator americano Orson Wells no filme “Hienas do Pano Verde”. Num jogo de baralho, onde as emoções urgem e rugem, tudo pode acontecer. Certa vez, ocorreu um sério incidente, no qual Romildo não perdeu a vida por um triz quando foi alvo de vários disparos. Logo após o fato, Gurgel viajou para um tratamento na famosa Clínica Mayo para emagrecimento. Perguntado sobre a razão daquele novo internamento, explicou: “Preciso me tornar um alvo menos fácil para os meus inimigos...”.

10) Política e folclore sempre andarão juntos. A primeira é uma atividade rica em tipos humanos e o seu exercício gera, a cada instante, fatos hilários. O interior, o São João, são lugares comuns onde os políticos se encontram. Numa dessas festas do interior o deputado Ricardo Motta reencontra-se com o senador Garibaldi Filho e veio o abraço inevitável. Motinha sapecou a saudação: “Senador, está mais magro, esbelto, corpo esguio de toureiro!”. Garibaldi com aquela bonomia e paciência de costume abriu o sorriso: “Ainda bem que não comparou ao corpo de um bailarino”.

11) Certa vez, numa reunião do secretariado, convidou a todos para a festa de Nossa Senhora de Santana na sua Caicó. Todos assentiram, inclusive, o general Ulisses Cavalcante, Secretário de Segurança que era radicalmente contra a exploração dos chamados “jogos de azar”, tão comuns nas festas paroquiais e profanas do interior. “Vou governador, mas chagando lá não deixarei de agir e fechar todo o tipo de jogo!”. Lembrando-se dos seus correligionários que bancavam o joguinho, o Monsenhor não esperou prá depois: “Ô Ulisses, sendo assim você está desconvidado, porque lá quem man-

da sou eu. Festa sem esses divertimentos não presta. É a tradição!”. E Ulisses não foi.

12) Recém formado em medicina pela Faculdade do Recife, no ramo da psiquiatria, foi clinicar em Mossoró o Dr. Alcimar Torquato de Almeida, ex-deputado e ex-presidente da Assembleia Legislativa. Jovem, charmoso, cabelos longos dos anos setenta, tornou-se o médico preferido de todos. Certo dia, um rapaz o procurou no consultório em busca de socorro. “Doutor, eu vivo um problema existencial muito grave. Só o senhor pode me curar”. “Qual é o problema?”, indaga o psiquiatra. “Eu sou homossexual e não quero aqui em Mossoró que o meu pai saiba. Seria a maior vergonha para ele, a família e para mim também”, contou o desesperado paciente. “Não há como você reprimir esses impulsos?”, interrogou Alcimar. “Doutor, é coisa que não posso evitar. Já faço isso há muito tempo. É da minha natureza”. “Então”, disse o médico, “como não há jeito na medicina, só tem uma saída: T’áqui o dinheiro da passagem, vá para São Paulo dar o cedenho longe do seu pai”.

13) José Melo, pecuarista em Santana do Matos, é sogro de Nilo Soares, pessoa conhecida e bem relacionada em Natal. Acometido de problemas prostáticos, Zé Melo não pode evitar a temida cirurgia. Hospitalizou-se e no dia da operação submeteu-se com a enfermeira designada ao asseio pré-operatório. Sentindo mãos femininas roçar as partes genitais começou de pronto uma ereção espontânea que não o constrangeu. Olhou para a enfermeira meio encabulado e comentou: “Minha filha pode deixar de fazer isso que ele se põe em pé sozinho”.

14) Nos anos de chumbo, Josemar Azevedo, ex-presidente da Caern e atual Secretário de Recursos Hídricos, esteve detido como preso político no Regimento de Obuses (R.O.) em Natal. Com ele, também Zé Gago de Mossoró, companheiro de cela. Zé Gago era líder sindical dos ferroviários na sua região. O tempo passou e com ele a anistia ampla, geral e irrestrita. Josemar concluiu o seu curso de engenharia e se tornou agropecuarista. Zé Gago, por sua vez, voltou

a Mossoró. Um dia, soube que o Dr. Josemar era o presidente da Caern e resolveu visitá-lo. Na recepção cumprimentou a secretária: “Bom, bom, bom dia! Dotô, Dotô, Jo, Jo, Josemar está?”. “Quem é o senhor?”, indaga a burocrata oficial. “Sou, sou, co, co, colega dele”. “Ah!, o senhor é engenheiro?”, quis saber mais a funcionária. “Não. Co, co, colega de cadeia”, respondeu Zé Gago.

15) Essa é mais antiga. Américo Soares de Macedo, assuense, radicado na região, aliou-se ao famoso General Plácido de Castro, um dos heróis da anexação do Acre ao Brasil. Tempo depois, passadas as refregas, veio morar em Natal com o filho Lucas (Luís Soares de Macedo). Américo, ao longo da vida, foi forjado nas peijas e a tranqüilidade de Natal lhe afetou, deprimindo-o depressa até a esclerose. Passou a residir num quarto solitariamente onde recebia os cuidados diários do filho. Certo dia, saiu nu do seu compartimento e, em pé, chamou o filho em voz alta: “Luís, Luís vem cá. Vem ver quem te fez e hoje não vale mais nada”.

16) Na passagem por Pendências Frei Damião foi recepcionado pela família do líder político José Absalão Pinheiro. Sua esposa, católica fervorosa, pediu ao pregador para aconselhar o marido viciado no jogo de baralho. “Seu Absalão como católico não está observando direito os mandamentos de Deus”, começou o sermão de Frei Damião na própria casa do anfitrião. “O senhor já perdeu quinhentos mil cruzeiros conforme me informou sua esposa”. “O quê?”. Retruca Absalão em voz alta interrompendo o capuchinho: “Eu já perdi foi muito mais do que isso!”.

17) Dias de ira. Foram aqueles idos e vividos ao tempo daquela frase fofa de Presidente Emilio Médici: “os tribunais de contas são instrumentos da democracia no jogo da verdade”. Em regime de exceção é difícil estancar os abusos, os excessos. E Romildo Gurgel, num ambiente desse de alta combustão foi protagonista de excessos e vítima de revanchismos incontroláveis. O duelo entre ele e os Alves teve lances candentes e hilários. Quando foi punido pela Revolução teve a notícia e fotografia estampadas na Tribuna com

uma montagem que o colocava atrás das grades. Afrito, ligou para o seu amigo Jornalista Sanderson Negreiros para deplorar o fato: “Sanderson, Sanderson, você viu a notícia?”. “Que notícia, Romildo?”, atenuou o poeta, que já havia tomado conhecimento do ato punitivo da Revolução. “Não, Sanderson. Não me refiro à cassação nem à notícia em si, Sanderson, foi a foto da Tribuna. Agnelo me colocou atrás das grades, Sanderson. Preso, Sanderson, preso atrás de grossas grades de ferro”. Era o jogo salutar da democracia de que falava Médiçi. Toma lá, dá cá.

18) Parelhas, ano da graça de 1967. Manoel Virgílio do Nascimento, seridoense, 80 anos, reencontra-se com o conterrâneo e amigo Monsenhor Walfredo Gurgel, governador do Estado. Havia muito tempo que não se avistavam. Alegria, abraços e as perguntas inevitáveis do padre: “Manoel, que prazer, e esses meninos, são seus netos?”. “Não, governador, são meus filhos”, responde o velho sem perder o prumo. “Mas, seus filhos, você já com essa idade?”. “Pois é, governador, o segredo é treinar sempre”, fechou o firo da conversa o seridoense de fibra longa.

VALÉRIO MESQUITA é Conselheiro do TCE, aposentado e escritor, autor de “Notas de Ofício” e vários outros livros. Membro da Academia Norte-riograndense de Letras, ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.



POEMAS

Alfredo Nery
2018



SONETO

Jarbas Martins

a Maria Emília Wanderley, musa do Sertão do Cabugi.

O amor é bem mais que uma casa,
e mais universal do que a dor.
É ave que ao ninho estende a asa
e se faz o arcanjo protetor.

Meu amor vive à sombra da oiticica,
aonde gorjeios de canários for.
Mora em nuvem que passa e revifica
nosso Sertão do Cabugi em flor.

Sendo assim, sem limites e diverso,
o amor se perde num soneto ou verso
que se encontra em meu lábio ou teu olhar.

Centelha ou o sol a me abarcar,
o errante navegante não sou eu.
Tu és o meu espelho, eu sou o teu.

JARBAS MARTINS é poeta, escritor e professor aposentado da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de “Contracanto” e outros livros.

DOIS POEMAS DE RACINE SANTOS

OS RIOS DE NATAL

Paralelo à Avenida Rio Branco
(que mesmo sem água se chama Rio)

Escorre o Potengi, artéria líquida
Sobre um leito de lama, mais macio.

O rio que recebe o nome Branco
Por ser avenida é feminino.

Veste roupa de asfalto e de cimento
E muda todo ano o figurino.

Já o rio que se chama Potengi
Não mantém a severa disciplina:

Tendo embora afluentes qual o Branco
Não conhece semáforos nem esquinas.

A IGREJA DE SANTA TEREZINHA

Afogada entre edifícios
Vê-se a torre da Igreja
Feito uma monja reclusa:
Com medo que alguém a veja.

Assim pois emparedada
Entre os altos edifícios
Além de pôr-se escondida
Respira com sacrifício.

É que a urbana arquitetura
Que a cercou de edifícios
Fez calar a sua voz:
Suas rezas, seus ofícios.

Já não é vista de longe:
Os prédios de apartamentos
Reduziram a igreja
A uma cela de convento.

E muito mais a isolaram
Quando calaram seu sino
Impondo-lhe nova regra:
Silêncio beneditino

E as construções ao redor
Cobram da prisioneira
Um voto mongil maior:
Silêncio pra vida inteira

Mesmo assim enclausurada
(sem sombra de catedral)
Seu altar vezes murmura
Cantochão medieval.

INSTANTÂNEOS

Horácio Paiva

Tudo é eternidade
muitos olhos a veem
mas só um olho a vê completamente

Uma mulher sentada à janela
com o mesmo olhar que julgava perdido
vê a tarde
vê o sol que adentra a casa ao lado
como um deus que retorna à sua intimidade

Um gesto involuntário
a música volátil dos jasmims que ensaia o vento
toca com o pé a aba do vestido
e seca um oceano

Do outro lado da galáxia
um meteoro anuncia a parábola morta
dos instantâneos desse tempo que não vemos
desenhado na poeira estelar

E neste mar de fábulas perambula
a senha da sanha dos antigos

no “navegar é preciso
viver não é preciso”

Será isto que Cila e Caríbdis também repetem
do alto de sua cátedra de enganos
nesse outro universo paralelo
onde ainda pensam governar
os fantasmas do medo?

Nesta margem me recolho e me concentro
para poder discutir tais códices
como um *master* seguro no vácuo
a perseguir relâmpagos num eterno
presente que não se põe em pé
mas de onde jorra o conhecimento que sacia
a disciplina do absurdo.

TRÊS POEMAS DE IARA MARIA CARVALHO

JÁ É QUASE CREPÚSCULO

Quando a idade
for madura
e o sol descer
o pino celeste
deitando-se
elegantemente
sobre meu ombro,
não cantarei as garças
e suas mantas de
asas úmidas
por águas e esquecimentos;
nem acusarei meu passado pelas
reentrâncias do corpo semi-
aberto que sustento
à custa de desequilíbrios;
tampouco me compadecerei
das calhas entupidas
pelo lixo dos amores extraviados.
Serei, antes, esta mulher
silvestre de largas
ancas, com
lembranças até as bordas e,
na barra do vestido,
um poema taciturno, senhor
dos nascimentos incompletos.
A hora vazia do medo
é do tempo em seu semblante
mais generoso:
calar para esquecer
do humano
e rir uma diabrura de
menina invencível, joelhos

sujos de terra
da última queda
de quando abandonou
o paraíso azul.

DONAS DA CASA

Nunca soube se era mesmo
imensa
a casa da minha infância
ou se eu era pequena demais
para o seu teto de lonjuras
e teias de aranha.

Minhas irmãs e eu
varriámos o quintal a contragosto
e tudo era motivo
para invencionices românticas
ou arengas com neblinas
muito vivas nos olhos.

Recordo o dia
em que uma barata cascuda
voou pela sala,
apavorando as meninas e
sua mãe: cúmplices no crime
das ausências.

As paredes da casa ruíram
ao entardecer, quando o grito
das mulheres espantou o inseto
e elas ficaram imensas
com as mãos na cintura,
suficientes e livres sobre o chão.

FONTE

sou mulher: um deserto
me chama pra ser
areia e tempo
escorregadio.

mas também
água pingando
solta por dentro
do vestido.

IARAMARIA CARVALHO é poeta e escritora. Uma das fundadoras do Grupo Casarão de Poesia, de Currais Novos. Autora dos livros de poemas “Milagreira” e “Saraivada”.

SANGUE FRIO

Delfino Silva Neto

Como clarão de punhal que no ar se espraia
E raia o corpo no quintal da dor onde me curvo
Ao desenhar espessas gotas essa rubra arte

Tenta fazer o infinito fechar sua pálpebra
E encerrar bem no turvo do enigma a álgebra
Do corpo úmido de suor que eu não sei se enxugo

E lavar com sangue o que já nem sei se estanca
Quando vejo de frente o que eu pouco enxergo
Do balbucio da tua boca o que se quase escuta

DELFINO SILVA NETO é médico, poeta e escritor. Autor de “Almas Nuas” e outros livros.

UM EQUILÍBRIO DELICADO

Diogenes da Cunha Lima

Zélia Duncan é uma poeta, cantora e compositora madura que atingiu um perfeito equilíbrio entre poesia, dramaticidade e romantismo, promovendo um profícuo encontro entre a literatura e a música. Sua voz harmônica é ao mesmo tempo sedutora e de qualidade. O talento é evidente. Por seu fraseado único, senso rítmico e poesia contagiante, é um dos bons nomes da nossa música.

Participamos de um seminário no Hotel Barreira Roxa, em Natal, com o tema “Arte e Cultura como Fator do Desenvolvimento”. Durante o evento, ela interpretou este poema em prosa de sua autoria. Encantou o público, e considereei adequado para a nossa Revista. A autora permitiu sua divulgação e publicação.

VIDA EM BRANCO

Lelia Duncan

Você não precisa de artistas?
Então me devolve os momentos bons
Os versos roubados de nós
As cores do seu caminho
Arranca o rádio do seu carro
Destrói a caixa de som
Joga fora os instrumentos
E todos aqueles quadros
Deixe as paredes em branco
Assim como é sua cabeça
Seu céu de cimento
Silêncio cheio de ódio
Armas pra dormir
Nenhuma canção pra ninar
E suas crianças em guarda
Esperando a hora incerta
Pra mandar ou receber rajadas

Você não precisa de artistas?
Então fecha os olhos, mora no breu
Esquece o que a arte te deu
Finge que ela não te deu nada

Nem um som, nenhuma cor,
nenhuma flor na sua blusa
Nem Van Goh, nem Tom Jobim
Nenhum Gonzaga, nem Diadorim
Você vai rimar com números
Você vai dormir com raiva
e acordar sem sonhos, sem nada
E esse vazio no seu peito
Não tem refrão pra dar jeito
Não tem balé pra bailar

Você não precisa de artistas?
Então nos perca de vista
Então nos deixe de fora
Desse seu mundo perverso
Sem verso, sem graça, sem alma.

O ARTISTA DA CAPA

Alfredo Ramos Neves é Cientista Social graduado pela UFRN, poeta e artista plástico. Ocupa a Cadeira 2 da AMLA - Academia Macauense de Letras e Artes. Em conjunto com o poeta e artista plástico João Andrade, participou da Exposição Coletiva na Pinacoteca do Estado do RN. Participou ainda da Feira de Arte Potiguar - FEIRART, exposição e palestra sobre Arte Contemporânea no Setor Jurídico da Caixa Econômica Federal do RN e teve duas de suas telas selecionadas para o III Salão Dorian Gray de Arte Potiguar.

ANRL em Junho de 2019

Cadeira	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucessores
1	Padre Miguelinho	Adauto da Câmara	Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza, Claudio Emerenciano.
2	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão, Grácio Barbalho, Ernani Rosado, Humberto Herme-negildo de Araújo.
3	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira, Daladier Pessoa Cunha Lima.
4	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich, Agnelo Alves, Cassiano Arruda Câmara.
5	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida, Manoel Onofre Jr.
6	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva, João Batista Pinheiro Cabral.
7	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho, Nestor dos Santos Lima, Luiz Alberto G. de Faria
8	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley, Nilson Patriota, Nelson Patriota
9	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Junior, Dorian Gray Caldas, Roberto Lima.
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Fagundes de Menezes, Paulo de Tarso Correia de Melo
12	Amaro Cavalcante	Juvenal Lamartine	Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine de Faria, Paulo Bezerra, Cláuder Arcanjo.
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida, Anna Maria Cascudo Barreto. Eulália Duarte Barros.
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes, Armando Ne-greiros.

15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antonio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza, Umberto Peregrino, Francisco Fausto, Lívio Oliveira.
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Wanderley, Maria Eugênia Montenegro, Eider Furtado de Mendonça e Menezes.
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluizio Alves, Ivan Maciel de Andrade.
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	D. Nivaldo Monte, Pe João Medeiros Filho.
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira, Murilo Melo Filho.
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mario Moacir Porto, Dorian Jorge Freire, José Hermógenes de Andrade Filho, Jarbas Martins.
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcanti	Luiz Rabelo, Valério Mesquita.
22	Côn. Leão Fernandes	Côn. Luís Monte	D. José Adelino Dantas, Côn. Jorge Ó Grady de Paiva, Côn. José Mário de Medeiros.
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Menezes, Jaime dos G. Wanderley, Iaperi Araújo
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo, Antônio Soares Filho, Tarcísio Medeiros, Sônia Fernandes Faustino.
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires, João Wilson Mendes Melo.
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandy Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluísio Azevedo, Diva Cunha.
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades	Pedro Vicente Costa Sobrinho, Leide Câmara.
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues, João Batista Machado.
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides (Peri) Lamartine, Carlos de Miranda Gomes.
34	José da Penha	Alvamar Furtado	Lenine Pinto.
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino, Ticiano Duarte, Woden Madruga.(eleito)
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho, José Augusto Delgado.

37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães, Elder Heronildes.
38	Luís Antônio	José Tavares	Vingt-un Rosado, América Rosado, Benedito Vasconcelos Mendes.
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	Marcelo Navarro Ribeiro Dantas
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	Geraldo Queiroz

Este livro foi composto em
Adobe Garamond Pro
e impresso em cartão
Duo Design 250g./m². (capa)
e Pólen Bold 90g./m². (miolo)
pela Offset Gráfica, Natal/RN,
em junho de 2019

www.offsetgrafica.com.br